



Flora Prata Machado

**Aluno do PEJ: quem é você,
Por onde você andou?**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Alícia Bonamino

Rio de Janeiro

Abril de 2004



Flora Prata Machado

Aluno do PEJ: quem é você, Por onde você andou?

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Alicia Bonamino

Orientador

Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof. Creso Franco

Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof. Jailson de Souza e Silva

UFF

Prof. Paulo Fernando C. de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia e
Ciências Humanas

Rio de Janeiro, 26 de abril de 2004

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Flora Prata Machado

Flora Prata Machado graduou-se em Pedagogia, em 1987, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro desde 1985 tendo trabalhado, até o ano 2000, no Centro Integrado de Educação Pública - CIEP - Ministro Gustavo Capanema, no Bairro da Maré, ocupando diferentes funções: professora regente do ensino regular e da educação de jovens e adultos, professora de sala de leitura, diretora-adjunta, diretora e coordenadora pedagógica. Desde 2001 trabalha no Departamento Geral de Educação da SME Rio como Supervisora do Programa de Jovens e Adultos.

Ficha Catalográfica

Machado, Flora Prata

Aluno do PEJ : quem é você, por onde você andou? / Flora Prata Machado ; orientadora: Alícia Bonamino. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Educação, 2004.

132 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação.

Inclui referências bibliográficas.

1. Educação – Teses. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Fracasso escolar. 4. Trajetória escolar. 5. Estudo-piloto. 6. Classes populares. I. Bonamino, Alícia. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Agradecimentos

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse o amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

E ainda que tivesse o Dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal.

Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá. Porque, em parte, conhecemos, e em parte, profetizamos. Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é, em parte, será aniquilado.

Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas do menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei, como também sou conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior deles é o amor.

(I Coríntios, capítulo 13)

Amar e acima de tudo ser amada, incondicionalmente, por meu querido companheiro Fred, por minha orientadora Alícia, por meus amigos e colegas de trabalho, foi a condição que me permitiu concluir esse estudo.

Agradeço a todos que me incentivaram, “quebraram meus galhos”, compreenderam minha ausência em muitos momentos importantes, me ensinaram e apontaram os melhores caminhos. A vocês, todo o meu carinho.

Resumo

Machado, Flora Prata; Bonamino, Alícia. **Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?** Rio de Janeiro, 2004. 132 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa teve como objetivo desenhar um estudo contextual voltado para o conhecimento do perfil sociodemográfico e cultural e das trajetórias escolares dos alunos matriculados na educação de jovens e adultos, especificamente no Projeto de Educação Juvenil – PEJ, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Trata-se de um estudo-piloto, ou seja, de uma versão em menor escala de um estudo completo, cujo objetivo foi testar aspectos do desenho da pesquisa, tais como o questionário e a amostra de alunos matriculados no PEJ em 2003, os procedimentos de coleta e a preparação da base de dados e a variância nas respostas, compreendendo, desta forma, as etapas inerentes a um *survey*.

A dissertação aborda detalhadamente essas etapas e seus produtos e apresenta considerações preliminares sobre as dimensões sociodemográfica, socioeconômica e cultural e sobre as trajetórias escolares dos alunos matriculados no programa, a partir da análise dos dados quantitativos coletados.

Palavras-chave

Educação de jovens e adultos; fracasso escolar; trajetória escolar; estudo-piloto; classes populares.

Abstract

Machado, Flora Prata; Bonamino, Alícia (Advisor). **The student of the PEJ: who are you, where do you come from?** Rio de Janeiro, 2004. 132p. MSc. Dissertation – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The principal objective of this research was to design a contextual study aimed at discovering the sociodemographic and cultural profile, as well as the school trajectories, of the students registered in the youth education project (*Projeto de Educação Juvenil* – PEJ) of the Municipal Secretariat of Education, Rio de Janeiro.

The research constitutes a pilot study, that is, a small scale version of a complete study, whose objective was to test aspects of the research design, such as the questionnaire and the sample of students registered in the PEJ in 2003, the processes of data collection, preparation of the data base and the variation of responses, comprehending the inherent stages of a survey.

The dissertation details these stages and their products, based on the quantitative data collected, presenting preliminary considerations on the sociodemographic, socio-economic and cultural dimensions, as well as the school trajectories, of the students registered in the project.

Keywords

Rural education, teacher education.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. A constituição de uma trajetória profissional.....	13
2.1. A escola	13
2.2. A organização social	16
2.3. Instância da administração pública	18
2.4. A academia	19
3. Caminhos na construção do tema da pesquisa	22
3.1. Conhecendo o PEJ	23
3.2. Conhecendo o tema da pesquisa	24
4. Metodologia utilizada	27
4.1. A seleção da amostra	28
4.2. Processo de construção do questionário	30
4.2.1. Visita à literatura de referência do questionário	31
4.2.2. Realização dos pré-testes	36
4.2.3. Apresentação do questionário final	42
4.3. Aplicação dos questionários	43
4.4. A importância dos alunos ausentes	46
4.5. Elaboração do banco de dados	49
5. Pontos provisórios de chegada da pesquisa	50
5.1. Aluno do PEJ, quem é você?	50
5.1.1. Caracterização sociodemográfica	50
5.1.2. Indicadores de renda e inserção no mundo do trabalho	56
5.1.3. Experiências culturais, sociais e práticas de leitura	60
5.2. Por onde você andou?	65
5.3. De volta à escola	76
6. Considerações finais	82
6.1. Avaliação do estudo-piloto realizado	83
6.2. Algumas descobertas da pesquisa	88
7. Referências Bibliográficas	96
Anexos	98
Apêndice	123

Lista de figuras

Gráfico 1 – Número de filhos por gênero do declarante	55
Gráfico 2 – Relação entre a posse de carteira assinada e a cor declarada	59
Gráfico 3 – Existência de reprovações na vida escolar por grupo etário	71
Gráfico 4 – Se o aluno pretende continuar estudando	81

Quadros e Tabelas

Quadro 1 – PEJ – Crescimento das matrículas no PEJ de 1995 a 2003	24
Quadro 2 – Relação das escolas que participaram da amostra	28
Quadro 3 – Referência conceitual	35
Quadro 4 – Percentual total de alunos ausentes por escola	47
Quadro 5 – Tempo de matrícula do PEJ do aluno ausente	48
Quadro 6 – Gênero dos alunos ausentes	48
Quadro 7 – Naturalidade dos alunos ausentes	48
Tabela 1 – Relação entre o gênero dos alunos e grupo etário	51
Tabela 2 – Relação entre o PEJ de matrícula e o grupo etário	53
Tabela 3 – Renda familiar bruta	56
Tabela 4 – Relação entre o gênero do aluno e sua inserção no mercado de trabalho	57
Tabela 5 – Motivos pelos quais o aluno não trabalha atualmente	57
Tabela 6 – Relação entre a posse de carteira assinada e o grupo etário	59
Tabela 7 – Relação entre experiências de acesso à Internet e PEJ de Matrícula	64
Tabela 8 – Percentual de alunos que estudaram antes de ingressar no PEJ	65
Tabela 9 – Relação entre os motivos que impediram o aluno de estudar e seu gênero	67

Tabela 10 – Relação entre a idade de ingresso na escola e a escolaridade do pai	69
Tabela 11 – Existência de reprovações na trajetória escolar	70
Tabela 12 – Relação entre a última série cursada e o PEJ de matrícula do aluno	72
Tabela13 – Relação entre a última série cursada e o início da escolaridade	74
Tabela 14 - Relação entre a última série cursada e experiências de Reprovação	75
Tabela 15 - Relação entre a última série cursada e a existência de interrupções na trajetória escolar	75
Tabela 16 – Motivos que estimularam o aluno a voltar a estudar	77
Tabela 17 – Avaliação do PEJ	78
Tabela 18 – Relação entre o que o aluno mais gosta no PEJ e seu PEJ de matrícula	79

1

Introdução

A chegada no mestrado me forneceu a possibilidade de aprofundar estudos sobre os alunos que freqüentam o Programa de Educação Juvenil – PEJ, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-Rio) àqueles que não conseguiram concluir o ensino fundamental. Minha experiência com jovens e adultos é mais antiga, mas minha relação com os alunos do PEJ está presente no meu cotidiano desde 1985, quando fui professora durante tantos anos, e se aprofunda desde 2001 quando assumi a coordenação do programa na SME. A experiência acumulada como professora de jovens e adultos e minha posição institucional atual no PEJ colocaram-me o desafio de construir meu projeto de pesquisa em torno da realização de um *survey*, visando a identificar as características sociodemográficas e culturais desses alunos e suas trajetórias escolares.

Propósito grande demais diante do tempo disponível para a conclusão da pesquisa, mas, para o qual, minhas angústias e questionamentos empurravam-me: precisava conhecer um pouco mais sobre os alunos do PEJ, pois, depois de anos de trabalho com eles, continuava incomodada com algumas percepções que vinha tendo sobre os caminhos seguidos pela educação de jovens e adultos.

A partir de minhas observações, vinha levantando hipóteses. Por exemplo, me questionava se essa modalidade de ensino estaria firmando-se, em nossa sociedade, como uma extensão dos anos de escolaridade para pessoas oriundas de grupos socialmente desfavorecidos. Ou seja, se a mesma, em vez de operar na lógica da educação permanente, ideal a ser perseguido, não estaria significando a negação do direito do acesso aos conhecimentos escolares básicos para parte significativa da população que freqüenta o PEJ. Com essas dúvidas na cabeça, resolvi investigar este tema e elaborei meu projeto de pesquisa intitulado *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*

A proposta de realizar uma pesquisa quantitativa me instigava, embora não viéssemos, no cotidiano da escola, nós professores, nos apropriando dos resultados e subsídios desse tipo de pesquisa. Pelo contrário, o que observava era uma reação adversa aos levantamentos estatísticos, justificada pelo argumento de

que os números não poderiam traduzir a realidade. Realmente, *uma cifra estatística isolada é como poste com luz queimada: pode servir como apoio, mas sozinha não ilumina nada* (Jannuzzi, 2001, p.11). Contudo, também percebia a importância da pesquisa social lançar mão de diferentes métodos para examinar um determinado fenômeno.

No meu caso, tratava-se de buscar regularidades entre as características e trajetórias escolares dos alunos do PEJ, que pudessem representar padrões probabilísticos. A busca dessa perspectiva me auxiliou na definição de minha opção pela pesquisa de survey, enquanto abordagem mais adequada aos objetivos de conhecer quem teve e que experiências escolares anteriores tiveram os alunos que hoje frequentam o PEJ.

Com a ajuda sempre equilibrada de minha orientadora, fui escolhendo o caminho a ser trilhado e me deparando com inúmeras limitações, que, entretanto, não me fizeram desistir de abusar da ousadia de quem tem planos que não se esgotam na dissertação. Assim, a proposta inicial de realização de um survey converteu-se em um estudo-piloto, que garantiu, numa escala mais reduzida, um estudo completo incluindo todas as etapas inerentes a um survey. A realização do estudo-piloto me permitiu testar o questionário, a amostra, os procedimentos para a coleta de dados, a elaboração da base de dados, a variância das respostas e apresentar um relatório preliminar das análises realizadas. Assim, a experiência única vivenciada durante a realização do estudo-piloto me dá condições de buscar os meios necessários ao aperfeiçoamento e continuidade da pesquisa de survey.

Esta dissertação apresenta todas as etapas do processo de pesquisa, das vivências anteriores ao mestrado, que influenciaram a escolha do tema, à análise dos resultados e à sistematização de subsídios para a continuidade do trabalho.

Organizada em cinco capítulos, no primeiro capítulo da dissertação, busco contar um pouco de minha trajetória profissional, por ter sido nela que, envolvida com a educação das camadas populares, evoluíram minhas principais angústias em relação ao papel da escola e ao fracasso escolar.

Para situar o leitor no campo onde a pesquisa foi realizada, no segundo capítulo apresento o Projeto de Educação Juvenil e relato, brevemente, sua história e as transformações sofridas ao longo dos seus dezoito anos de funcionamento. A trajetória do projeto vai apontando o tema desta pesquisa como uma necessidade imposta ao aprimoramento do trabalho no PEJ.

O capítulo seguinte trata da metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo-piloto. Neste capítulo, explico questões ligadas à população investigada, e aos critérios utilizados para a seleção e definição do tamanho da amostra. Descrevo, também, com mais ênfase, o processo exaustivo de construção do questionário, o processo de realização de dois pré-testes e de validação de face do documento, além de abordar aspectos relacionados com a aplicação dos instrumentos e com o método de processamento e análise dos dados utilizado.

Partindo de parcela da literatura sobre o fracasso escolar, que fundamenta teoricamente a pesquisa, inicio, no capítulo 4, a apresentação dos dados coletados e algumas análises preliminares que possibilitam responder duas das minhas questões iniciais de pesquisa:

- Quem são estas pessoas que estão estudando em classes noturnas na rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro no Projeto de Educação Juvenil?
- Como foram suas trajetórias escolares antes do ingresso no PEJ?

As análises dos dados foram organizadas em três seções. A primeira seção apresenta o perfil dos alunos, em relação a aspectos tais como gênero, cor, idade, religião, estrutura familiar, inserção no mundo do trabalho, experiências e práticas culturais e sociais. A segunda seção, a análise de alguns dados que auxiliam na recuperação da trajetória escolar dos alunos, buscando relacioná-la com parte de suas características sociodemográficas e culturais. Na terceira seção, faço comentários a respeito do retorno desses alunos à escola e apresento os motivos que os trouxeram de volta aos bancos escolares e suas perspectivas de continuar estudando.

Encerro a dissertação com uma breve avaliação do estudo-piloto, na qual aponto os refinamentos e mudanças que é necessário introduzir nos instrumentos e no desenho da pesquisa com vista ao desenvolvimento de um futuro survey. Neste capítulo 5, apresento, também, algumas descobertas possibilitadas pelo estudo, que poderão ser replicadas para o trabalho final. Em particular, essas descobertas poderão possibilitar um maior conhecimento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos e o desenvolvimento de estratégias de atuação junto a gestores e professores do PEJ, que atendam às necessidades e expectativas de seus alunos e ajudem a levantar novas sugestões para a realização de outras pesquisas ligadas ao tema.

2

A constituição de uma trajetória profissional

“Creio no sonho, creio no trabalho. Sonhei com paixão e ousadias. As utopias maiores que poderia sonhar. E não me arrependo. Utopias indispensáveis para os incrédulos, utopias impossíveis para os pobres de coração. Mas aí estão concretizadas tantas de minhas utopias.”

(Professor Darcy Ribeiro)

Este pensamento está escrito na fachada da minha escola. Quem chega, quase que obrigatoriamente, o lê. Tanto a escola quanto o pensamento me acompanham até hoje. Marcaram minha vida. São de outros, mas sinto como se fossem meus.

A escola é da rede pública municipal do Rio de Janeiro. É dos professores que lá, nesse momento, estão ensinando. É dos alunos que estão estudando. É da comunidade da Maré. É do povo.

O pensamento? Ah, como o pensamento voa e me leva a dezenove anos atrás...

2.1

A escola

Ano de 1985: eu chegava na Vila dos Pinheiros procurando uma suntuosa escola que se destacava em meio a tantas casas iguais, diferentes apenas nas suas cores. Laranjas, azuis, amarelas, rosas. Todas iguais. E a escola lá, grande, majestosa, verde, com muitos módulos de cimento. Chegava ao CIEP Ministro Gustavo Capanema, sem imaginar que, mais do que encontrar uma escola, ia encontrar minha opção política, mais do que ensinar, ia aprender a ser professora. Começar esta dissertação contando um pouco dessa história foi a melhor maneira que encontrei para levar os leitores do meu trabalho a entenderem algumas opções realizadas no caminhar da minha pesquisa. Além disso, aprendi com a professora Mamede¹ que o passado é o presente em ação e, assim, recuperando as histórias de minha trajetória profissional, me fortaleço, e faço da memória de

¹ Maria Aparecida Mamede é professora do Departamento de Educação da PUC-Rio, tendo sido eu sua aluna na disciplina Psicologia da Educação I.

minha prática como professora da Maré a principal interlocutora do trabalho acadêmico apresentado.

Mas, voltando à escola... Em 1985 iniciava-se no Rio de Janeiro o Programa Especial de Educação da Secretaria Estadual de Educação. Ele apresentava diferentes projetos nas áreas educacional e de suporte social. Um dos eixos desse programa era a construção dos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs – que se caracterizavam, principalmente, pela proposta de funcionamento das escolas em horário integral. Senti, a partir da divulgação dessa proposta, a possibilidade concreta de me tornar educadora. Participei, na ocasião, de um concurso público, tendo sido aprovada. Contudo, esse foi um concurso diferente. Primeiro, o processo seletivo seguindo as normas definidas em edital de concurso. A prova, a lista de aprovados, o cumprimento das exigências de documentos, exames médicos. Depois, a opção. Os professores podendo escolher se queriam participar ou não da implantação da proposta pedagógica que se apresentava, naquele momento, como inovadora na rede pública.

Naquela ocasião, o professor Darcy Ribeiro, coordenador dos projetos educacionais do Estado e principal articulador da implantação dos CIEPs, convocou, por meio da mídia e telegramas pessoais, os professores aprovados no referido concurso público para participarem de uma avaliação complementar opcional para os interessados em compor o quadro dos professores que passariam a atuar nos CIEPs.

Foi assim que, em julho daquele mesmo ano, fui trabalhar no Centro Integrado de Educação Pública Ministro Gustavo Capanema. Este CIEP localiza-se na Vila dos Pinheiros, no complexo da Maré, que reúne 16 comunidades numa população de cerca de 130.000 pessoas. No caso da Vila dos Pinheiros, esta é formada, na sua grande maioria, de migrantes oriundos do norte e nordeste, estabelecidos no Rio de Janeiro há muitos anos. É um conjunto residencial, construído em 1983 pelo Governo Federal, para atender os moradores da antiga favela da Maré, que foram transferidos para esta área. Uma comunidade com grande concentração de população de baixa renda e escolaridade, com um número significativo de crianças em idade escolar, de famílias numerosas, nas quais os adultos precisam desenvolver atividades alternativas para geração de renda e onde às crianças mais velhas cabe o cuidado das mais novas. Comunidade marcada pela exclusão social e pela violência.

Nesse cenário, optei por trabalhar de 1985 até o ano 2000. No CIEP, aprendi a fazer educação. Vivi, ali, 15 anos de aprendizagens significativas na busca de estratégias de democratização da educação fundamental.

Iniciei como regente de turma. Foi um começo bastante difícil, pois, de um modo geral, nós professores não somos preparados para trabalhar com uma realidade de alunos oriundos das classes populares, que fogem ao padrão apresentado pelas escolas de formação de professores. E eu, jovem de classe média, sem nenhuma experiência anterior, despreparada para esse trabalho, sofria, me sentia encurralada, mas buscava saídas.

Já em 1988, fui convidada a compor a equipe de direção da escola – convite resultante da observação do trabalho que eu vinha desenvolvendo com alunos, pais e colegas professores.

Ao passar a compor a equipe de direção da escola, fiquei responsável pela coordenação pedagógica. A partir daí, alternando funções como diretora adjunta, diretora geral e supervisora pedagógica, sempre escolhida por consulta à comunidade escolar, marquei meu trabalho na escola como profissional responsável pelo planejamento, acompanhamento e avaliação do processo pedagógico, da educação infantil à educação de jovens e adultos.

Pautei minhas ações, ao longo dos quinze anos de atividades na escola, na busca de estratégias que garantissem uma participação mais efetiva de toda a comunidade escolar na tomada de decisões pedagógicas e administrativas, além de investir, efetivamente, nos espaços de formação em serviço para os professores, como momentos privilegiados da associação teoria-prática, tendo como eixo de trabalho os estudos, a troca de experiências e o planejamento coletivo.

Em 1997, compreendi que era o momento de voltar à sala de aula, pois já fazia muito tempo que estava afastada da regência de turma, e isso começava a enfraquecer minha atuação como coordenadora pedagógica.

Fui atuar, por opção, diretamente na educação de jovens e adultos². Pude, então, olhar essa modalidade de ensino de um outro ponto de vista, já que, desde 1987, acompanhava o trabalho como coordenadora. A partir desse momento, entrei de corpo e alma no trabalho com esses alunos.

² A educação de jovens e adultos, na rede pública municipal do Rio de Janeiro, fazia parte do Programa Especial de Educação e era denominada Projeto de Educação Juvenil.

Ninguém entra numa sala de aula de educação de jovens e adultos ³, convive com pessoas que não tiveram seu direito de aprender a ler e escrever garantidos e sai ileso. Transformamo-nos no contato com aquele que se acha incapaz, “burro”, analfabeto. Dividir o cotidiano tão de perto com essas pessoas nos faz ver, sem cortinas, o quanto nossa sociedade é injusta e desigual. A partir do meu retorno para a sala de aula e do meu ingresso na alfabetização de jovens e adultos, novos desafios se apresentaram. Percebi a necessidade de aprofundar meus conhecimentos. Precisei mergulhar nos estudos para conhecer os processos distintos que são a educação das crianças e a educação dos adultos, construir uma pedagogia de adultos, relacionar o aumento da escolaridade dos pais com o aumento da escolaridade de seus filhos.

Ao viver a EJA me aproximei ainda mais da educação das crianças, pois ratifiquei a necessidade de compreender melhor as implicações e efeitos da educação na vida do cidadão, constatando a relevância de se buscar construir uma pedagogia bem sucedida para nossas crianças. A utopia passou a ser a de que, um dia, a educação de jovens e adultos, no seu aspecto restrito ao aumento de escolaridade, ceda lugar ao direito que todos temos de acesso à função permanente da educação. Essas e outras questões passaram a fazer parte das minhas indagações e do meu desejo de elaborar e aprofundar estudos posteriores.

2. 2

A organização social

Ultrapassar os muros da educação formal e continuar militando na educação de jovens e adultos foi uma experiência vivida nos últimos anos de trabalho na Maré. Atuei na coordenação pedagógica da organização não-governamental Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM⁴ – e , durante dois anos, acompanhei diretamente projetos que muito contribuíram para o fortalecimento de minhas crenças e utopias.

³ Utilizarei, no decorrer desse texto, a sigla EJA para referir-me à educação de jovens e adultos.

⁴ O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM - é uma associação civil, sem fins lucrativos, criada em 1997, fundada e dirigida por moradores e ex-moradores da Maré. O CEASM atua nas comunidades da Maré, desenvolvendo diferentes projetos, todos comprometidos com a superação de exclusão social vivida pelos moradores do bairro.

Junto a 36 jovens da Maré, desenvolvemos o I Curso de Formação de Monitores para Museus e Centros de Ciências, em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz. Pretendíamos, naquela oportunidade, aproximar os aparelhos científicos e culturais daquela casa dos alunos do ensino fundamental e médio das escolas públicas que rodeavam a Fundação. Para isso, precisávamos buscar uma forma mais acessível de receber essas crianças e jovens. A idéia de formar monitores para museus, que fossem estudantes da escola pública e moradores da comunidade local, apresentou-se como uma estratégia interessante e tornou-se um grande desafio, vencido coletivamente. Estar à frente desses jovens oriundos das classes populares, frutos da escola pública, e acompanhar sua interlocução com pesquisadores e cientistas de renomado saber tornou-se fonte de grande aprendizagem.

Fui, também, co-responsável pela implantação de 10 salas de alfabetização de jovens e adultos em diferentes comunidades da Maré, todas funcionando em espaços alternativos, como associações de moradores, igrejas, centros comunitários.

Posso considerar que esse momento foi fundamental para meu crescimento profissional, pois, pela primeira vez, deixava de fazer a educação apenas pelo caminho da escola e me inseria nos movimentos sociais, tendo a oportunidade, a partir dessa experiência, de avaliar estratégias diferenciadas que podem ser utilizadas para combater a exclusão social.

A experiência desenvolvida no CIEP, especialmente com jovens e adultos, além do trabalho vivenciado no CEASM, na coordenação do projeto de alfabetização, contribuíram para que eu recebesse, no início de 2001, o “convite-desafio” da diretora do Departamento de Educação Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Rio para ser a supervisora, no Nível Central, do Projeto de Educação Juvenil, do qual eu já era a coordenadora pedagógica e professora na escola.

2.3 Instância da administração pública

O Projeto de Educação Juvenil – PEJ⁵ é a iniciativa do poder público municipal do Rio na área de EJA que se mantém desde 1985, período de sua implantação como parte integrante do Programa Especial de Educação.

Ao aceitar o convite para atuar como supervisora do PEJ, afastei-me do CIEP e do CEASM, já que a nova função exigia de mim dedicação exclusiva.

Hoje, tenho clareza de que, embora indicada para o cargo por minha competência técnica, assumi também um cargo político, já que, a partir desse momento, passei a fazer parte da equipe que atua junto à Prefeitura na definição das políticas públicas de educação para nossa cidade.

O aprendizado acumulado no CIEP e no CEASM foi fundamental para que eu enfrentasse esse novo cotidiano desconhecido, surpreendente e instigante. O que poderia para muitos gerar medo e conflitos como, por exemplo, administrar alunos e professores intimidados numa troca de tiros entre facções rivais, era muito conhecido por mim. Com a ida para a SME, após longo período de trabalho na Maré, meu campo de atuação passou a ser outro. Estranhava as lutas concorrenciais – o jogo e suas regras eram totalmente desconhecidos⁶.

Jogar o novo jogo, ao mesmo tempo em que me apropriava de suas regras, tornou-se um grande desafio. Venho enfrentando esse desafio desde janeiro de 2001, sustentada em algumas crenças que tinha quando entrei pela primeira vez naquele CIEP, entre elas a de que todos têm direito à educação. Outras crenças foram destruídas, ou melhor, reconstruídas.

Tenho certeza de que a função que temporariamente estou exercendo exige de mim uma maior articulação entre a experiência que venho acumulando ao longo dos meus anos de trabalho e o conhecimento acadêmico construído. Ambos são fundamentais para que eu me fortaleça e participe ativamente e criticamente

⁵.O Projeto de Educação Juvenil é conhecido até os dias atuais pela sigla PEJ que passarei a usar ao longo deste trabalho.

⁶ A apropriação posterior dos conceitos de Bourdieu me permitiu compreender a complexidade do conceito de campo que, segundo o autor, é um sistema estruturado de posições, no qual existem diferentes regras e desafios específicos, tratando-se de um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam as diversas posições.

na elaboração de políticas públicas, junto com os gestores da cidade. Por isso, decidi ingressar no mestrado, buscando crescer como profissional da educação.

2.4 **A academia**

Nunca parei de estudar: seminários, palestras, cursos de curta duração. Tudo que me era oferecido como professora da rede pública aproveitei com bastante empenho. Mas o melhor lugar para estudar sempre foi a minha escola.

Novamente a minha escola...

No CIEP Gustavo Capanema, o treinamento em serviço sempre foi muito importante. Na sua implantação, ele foi concebido como um simples momento para repasse das idéias do órgão central. Naquela ocasião, alguns professores recebiam um treinamento da Secretaria e tinham que repassá-lo para os demais colegas. Mas, com o passar do tempo, fomos nos apropriando desse espaço como um momento rico de crescimento coletivo. Nossos encontros pedagógicos foram ganhando, assim, um caráter mais dinâmico e autônomo. Passaram a ser um espaço que tinha como eixos de trabalho as leituras e estudos e a troca de experiências.

Os centros de estudos passaram a ser, então, o “carro chefe”, que garantia a qualidade do trabalho pedagógico da escola. Todos os professores da escola valorizavam este espaço de estudo/trabalho.

Foi aí que, ao longo de quinze anos, realizei parte significativa de minha formação continuada.

Com a chegada da nova LDB e o estabelecimento dos 200 dias letivos para validar o ano escolar, tivemos uma redução desses encontros. Além disso, ampliaram-se os problemas vividos por nós dentro dos muros da escola, gerados, muitas vezes, pela violência que nos cercava pelo lado de fora desses mesmos muros. Cada vez mais, éramos levados a agir na emergência da situação e a refletir cada vez menos sobre ela.

Assim, nos últimos anos, parei menos para olhar com mais criticidade para a prática cotidiana, sistematizar e registrar meus/nossos avanços, pesquisar impasses e dúvidas. O tempo tornava-se cada vez mais curto na escola para

estudar. Por isso, sentia necessidade de voltar aos bancos escolares e de me “obrigar” a ler, escrever, revisitar minha história como professora, buscar compreender melhor a história dos meus alunos.

Quando comecei a atuar na Secretaria, as demandas da nova função despertaram em mim o desejo de ingressar no mestrado.

Chegar à PUC não foi um sonho que acalentei. Sempre relatei a instituição ao ensino privado e, como minha trajetória de ex-aluna e professora estava assentada no ensino público, investir na pós-graduação, na rede privada, me parecia contraditório. Achava que nossas causas – as minhas e as da PUC – não eram as mesmas.

Foi lendo a tese de doutorado de um amigo, ex-morador da Maré, defendida na PUC, que ousei desejar conhecer um pouco mais a trajetória da instituição que inicialmente rejeitara.

Pude, a partir daí, livre de pré-conceitos, identificar suas linhas de pesquisas extremamente comprometidas com a escola pública e com a causa do povo.

Desde esse momento, um grande desafio passou a apresentar-se para mim: teria eu, professora da rede pública, sem cursos de aperfeiçoamento e especialização, condições de ser selecionada e poder ingressar no mestrado de tão respeitada instituição?

A aprovação na seleção para o primeiro semestre de 2002, com certeza, foi sustentada nos meus anos de trabalho na escola, já que compunha meu cotidiano com ações sempre refletidas e discutidas.

Contudo, mais difícil do que o acesso ao mestrado da PUC, foi minha permanência nele. A experiência profissional, que me deu sustentação para ingressar no mestrado, já não era suficiente para me manter nele. Percebi que eu não era a aluna esperada pelo mestrado. Começava a constatar que o mestrado não era o que eu buscava.

Procurava melhorar enquanto professora, mas o objetivo do mestrado (não da PUC, mas do mestrado) era que eu me constituísse enquanto pesquisadora.

Queria e precisava conhecer alguns autores. Esperavam que eu já os conhecesse e que dialogasse com eles.

Tinha pouco tempo para, como dizem os jovens, correr atrás do prejuízo. A expressão é exatamente essa, pois, no início, tive a impressão de que ficar

muitos anos trabalhando na escola, ininterruptamente, junto àquelas crianças, jovens e adultos, havia se transformado, naquele novo campo em que eu me encontrava, num grande prejuízo.

Foi aí que comecei a pensar que, pela primeira vez, me sentia como meus alunos da educação de jovens e adultos, nas aulas noturnas: defasados, cansados, desprestigiados, sempre tendo que correr atrás de um prejuízo, acumulado por sua escolha (ou será falta de escolha !?).

Ficam algumas dúvidas e inquietações em relação ao papel do mestrado de um modo geral: se o mestrado é para formar pesquisadores, que lugar cabe àquele que deseja se qualificar para continuar sendo professor de jovens e crianças?

Já que muitos mestrados sonham com o doutorado e com seu futuro nas salas de aula da academia, o que ao meu ver é bastante positivo, qual seria o lugar para aqueles que fazem a opção de permanecer exercendo suas funções no ensino fundamental? E ao aluno que trabalha, pode-se garantir seu acesso ao mestrado enquanto seu direito à função permanente da educação? Ou seu espaço de estudo deve ser outro? Superado o quadro inicial de desânimo, fui buscando meus caminhos. Mais uma vez, conhecer as regras desse novo campo foi fundamental para eu circular nele com aprovação e respeito. Aprendi muito, deixei de aprender muitas coisas também. O crivo do tempo que temos disponível para acabar a dissertação torna-se mais importante, às vezes, do que a necessidade que temos de aprender. Regras do jogo! Vamos em frente!

3

Caminhos na construção do tema da pesquisa

“Sou Professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber.”

(Paulo Freire)

Devido à minha experiência na educação pública, seria possível me inserir em diferentes linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação da PUC-Rio, mas foi a educação de jovens e adultos que mais me instigou aos estudos, por ser uma área ainda pouco pesquisada no nosso país.

Além disso, as demandas apresentadas na função ora exercida por mim suscitaram muitas idéias e desejos ligados a possíveis temas para minha dissertação, que foram se delineando ao longo do meu primeiro ano no mestrado.

À medida em que fui tendo acesso às regras estabelecidas para a construção de uma dissertação, me deparei com dificuldades para a seleção do meu tema de pesquisa, tendo em vista a complexidade dos problemas que começaram a se apresentar e o tempo reduzido para o desenvolvimento do trabalho. Precisei buscar, então, formas de racionalidade que justificassem essa escolha.

Com os instrumentos e ferramentas dos quais fui me apropriando no primeiro semestre do curso, realizei uma revisão de literatura, que me permitiu o conhecimento dos temas e dos conteúdos das dissertações e teses e a identificação dos principais problemas abordados na área de meu interesse e as suas respectivas conclusões. A partir desses estudos, e recorrendo aos sinais percebidos ao longo de minha trajetória profissional, fui construindo caminhos que delimitaram o tema da pesquisa.

Eu acreditava, preliminarmente, que a escola de ensino fundamental regular produzia alunos para a escola noturna. A aparente inclusão dos alunos na Educação de Jovens e Adultos, demonstrada pelo aumento significativo do número de matrículas, estaria revelando, além de outras coisas, a exclusão promovida pela própria escola. Pretendia trabalhar com pessoas que retornaram à escola pública para se inserir na educação de jovens e adultos e verificar sua inserção em ações escolares anteriores. Assim, uma das principais hipóteses que desejava submeter à verificação empírica era a de que o perfil dos alunos

matriculados no PEJ, nos dias atuais, seria o de jovens que ingressaram na escola regular na idade definida para a escolarização obrigatória, viveram alguns ou muitos anos de escolaridade, mas não obtiveram resultados satisfatórios na aprendizagem escolar. Ou seja, levar em conta essa hipótese tornava necessária a investigação das trajetórias escolares prévias e, também, um conhecimento mais complexo sobre quem são os nossos alunos.

Pretendia que essas informações permitissem não só uma caracterização do público do PEJ, mas também das trajetórias dos alunos que promovem seu retorno à escola.

3.1 Conhecendo o PEJ

O universo dessa pesquisa envolveu alunos regularmente matriculados no Projeto de Educação Juvenil - PEJ, uma das ações que compõem a política pública de aumento de escolaridade para jovens e adultos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

A Prefeitura implantou essa modalidade de atendimento na Rede Municipal de Ensino em 1985, nos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs, para a população na faixa etária de 14 a 20 anos, em um projeto que privilegiava a alfabetização, denominando-o de Projeto de Educação Juvenil. A partir de 1987, em resposta às reivindicações dos alunos e profissionais que atuavam nesse projeto, o mesmo foi ampliado e passou a garantir a continuidade de estudos dos alunos que venceram o processo inicial de alfabetização no próprio PEJ ou fora dele.

Entretanto, apesar da ampliação no atendimento, o PEJ não podia ainda emitir qualquer documento de certificação oficial para os alunos, pois não possuía o reconhecimento do Conselho Municipal de Educação, o que só veio a acontecer em 1999.

Em 1998, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), em parceria estabelecida por meio de convênio com o Fundo Nacional de

Desenvolvimento da Educação⁷, estendeu o ensino do PEJ até a terminalidade do Ensino Fundamental, ficando instituídos o PEJ I (proposta que atende ao 1º segmento do Ensino Fundamental, correspondendo ao período da 1ª à 4ª série) e o PEJ II (proposta que atende ao 2º segmento do Ensino Fundamental, correspondendo ao período da 5ª à 8ª série), seguindo ambos a proposta de um ensino não seriado, em blocos e progressivo.

A partir desse momento, um aspecto observado tem sido a velocidade com que vem se dando a expansão do PEJ. De fato, no período de 1998 a 2003, a matrícula neste programa aumentou cerca de 8,5 vezes, saltando de 2.968 alunos para aproximadamente 26.000 (Quadro 1).

Quadro 1 – PEJ: Matrículas 1995-2003

ANOS	MATRÍCULAS	%
1995	1.539	
1996	1.282	
1997	2.008	
1998	2.968	
1999	7.892	
2000	11.576	
2001	15.603	
2002	23.091	
2003	26.065	1594%

Fonte: SME-Assessoria Técnica de Planejamento – Matrícula Fevereiro 96 a 2002 e Matrícula Dezembro 95

3.2

Conhecendo o tema da pesquisa

Ao longo de minha trajetória profissional, conforme expus no capítulo anterior, tive a oportunidade de acompanhar o crescimento do PEJ desde sua implantação, trabalhando em diferentes funções.

Atuando como diretora de escola, coordenadora pedagógica ou como professora regente de classes de Educação de Jovens e Adultos, sempre tive contato com os alunos e pude observar que, nos primeiros anos da implantação do

⁷ O FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, ocasionalmente, abre concurso para projetos na área de EJA e libera, para os projetos aprovados, pequenos recursos para capacitação de professores e aquisição de material didático, auxiliando, assim, as Prefeituras no atendimento a essa modalidade de ensino.

PEJ, apesar da proibição legal de inserirmos adultos nessa modalidade de atendimento, eles, em número bastante significativo, procuravam a escola noturna.

Assim, tínhamos nas salas de aulas jovens, adultos e pessoas de terceira idade em quantidades bastante homogêneas. Contudo, ainda na escola, nos últimos anos, comecei a observar um crescimento progressivo de jovens ingressando no PEJ.

A experiência como supervisora do PEJ me possibilitou conhecer todas as escolas que funcionam com o projeto, e pude observar que a procura dos alunos jovens pela unidade escolar na qual trabalhava, aparentemente, era comum às demais unidades escolares. Essas observações poderiam estar revelando que os alunos que estão ingressando no PEJ são cada vez menos adultos e mais jovens. Ou seja, o perfil do aluno que não teve a oportunidade de estudar quando criança poderia estar sendo substituído pelo perfil daquele que estudou, recentemente, sem obter sucesso na sua aprendizagem escolar, efetivando-se um processo de *juvenilização* da Educação de Jovens e Adultos.

A revisão da literatura sobre esse tema, apontou a Sociologia, a Política e a Filosofia da Educação como as abordagens teóricas dominantes nesses estudos, nos quais predominam as pesquisas qualitativas, com ênfase nos estudos de caso, relatos analíticos ou sistematizações de experiências. Algumas das pesquisas analisadas já apontavam para o crescimento do ingresso de mulheres e jovens na Educação de Jovens e Adultos (Haddad, 2002).

“Este nos parece ser um fenômeno importante cujo estudo precisa ser mais aprofundado, principalmente no que se refere às suas relações com os resultados do ensino fundamental e médio do turno diurno, bem como as mudanças no mundo do trabalho e no cotidiano das famílias, principalmente no meio urbano.” (Haddad, 2002, p.18)

Considerando que uma pesquisa sobre trajetórias escolares necessariamente envolve questões relativas à condição socioeconômica e cultural dos alunos, tornou-se necessário o conhecimento mais complexo desses aspectos relativos aos alunos do PEJ. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi prover um questionário contextual, para realização de um estudo-piloto que pudesse alimentar a elaboração posterior de um *survey* capaz de gerar dados quantitativos sobre as dimensões sociodemográfica, econômica e cultural e sobre as trajetórias escolares

dos alunos matriculados no PEJ. Uma parte dos itens do questionário do estudo-piloto foi retirada de instrumentos contextuais utilizados por outras pesquisas de *survey*⁸ e o restante foi elaborado a partir dos aspectos que me interessava conhecer e da minha experiência com o PEJ e com seus alunos.

O questionário e seu quadro de referência foram, posteriormente, submetidos às contribuições e críticas de dois especialistas e foram sendo pré-testados no campo em duas escolas diferentes.

⁸ Foram analisados os instrumentos contextuais de pesquisas de *survey*, como o SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, a pesquisa domiciliar do Programa Habitacional Multissetorial para o município de Nova Friburgo, o levantamento de dados sobre a EJA do MEC (2001) e o questionário de sondagem da Secretaria Especial de Trabalho da PCRJ.

4 Metodologia utilizada

Considerando que, segundo Babbie, o comportamento social humano pode ser submetido a um estudo científico que busque regularidades, que representem padrões probabilísticos, minha opção preliminar foi a de realizar uma pesquisa de *survey* com vista a produzir informações sobre características da população de jovens que frequenta o PEJ. Contudo, para fins da elaboração da dissertação, ciente das restrições de tempo e recursos para a pesquisa que pretendia realizar, desenvolvi um estudo intermediário, ou seja, um estudo-piloto que me permitirá dar continuidade à pesquisa de maneira independente, após a conclusão do mestrado, já que os dados úteis a serem obtidos, a partir da realização do estudo, são de meu interesse profissional.

O estudo-piloto diz respeito ao estudo em pequena escala de todo o desenho da pesquisa – é o que Babbie (1999) chama de um *survey* “em miniatura”. Nesse caso, a coleta de dados foi conduzida como uma versão em menor escala de um estudo completo, buscando atingir o objetivo de testar, adequadamente, os instrumentos, os procedimentos de coleta e a preparação da base de dados. Os procedimentos metodológicos, a seguir discriminados, referem-se ao estudo-piloto realizado, que compreendeu todas as etapas inerentes a um *survey*.

A pesquisa foi desenvolvida de modo a identificar certas características dos alunos matriculados no programa, tais como: escolaridade anterior, relação com o mercado de trabalho, posição na família, entre outras. Um estudo descritivo sobre o perfil desses alunos torna-se relevante pelo fato de não terem sido identificados trabalhos de pesquisa nessa área.

Considerarei que desenvolver uma pesquisa por amostragem seria o mais indicado para o meu trabalho, já que me permitiria um acompanhamento mais completo da pesquisa em todas as suas etapas. Mesmo ciente da dificuldade de determinar a precisão dos resultados, sabemos que amostras bem feitas permitem estimativas bastante precisas da população que retratam (Babbie, 1999, p.14-15).

4.1 A seleção da amostra

A fim de captar os padrões de comportamento dos alunos, alguns cuidados foram tomados na seleção da amostra, que procurou ser uma boa fotografia da população.

O universo do estudo-piloto, a partir do qual foi calculada a amostra, esteve constituído pelos alunos do PEJ matriculados em 2003, identificados a partir dos dados de matrícula coletados nas escolas pela Assessoria Técnica de Planejamento da SME, no mês de setembro do ano de 2003.

Por razões de ordem prática, foi desenvolvida uma amostra probabilística conglomerada. Por tratar-se de uma investigação entre os alunos matriculados nas escolas da cidade do Rio de Janeiro que oferecem o PEJ, os conglomerados foram selecionados a partir das listas dessas escolas. Considerando que uma amostra por conglomerados diminui a precisão do *survey*, já que, por exemplo, alunos de uma mesma escola tendem a ser mais homogêneos, podendo diminuir a variabilidade das respostas, optei por trabalhar com um maior número de conglomerados e um menor número de unidades amostrais em cada conglomerado.

Deste processo, resultou o desenho amostral descrito a seguir.

No ano de 2003, 94 escolas da rede pública municipal ofereciam a educação de jovens e adultos à população, tendo 26.065 alunos matriculados. Dessas escolas, as 8 relacionadas no quadro abaixo foram as selecionadas, aleatoriamente, por um sorteio.

Quadro 2 - Relação de escolas que participaram da amostra

Escola	CRE	Bairro de localização
CIEP Nação Rubro Negra	2	Leblon
EM Orsina da Fonseca	2	Tijuca
CIEP Patrice Lumumba	3	Del Castilho
CIEP Gustavo Capanema	4	Maré
EM Barcelona	5	Irajá
EM Levy Miranda	6	Pavuna
EM Rosa da Fonseca	8	Vila Militar
CIEP Herivelto Martins	9	Santíssimo

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Em cada escola, 20 alunos foram selecionados como respondentes dos questionários. Para a escolha desses alunos, a amostra sofreu uma estratificação, que envolveu meu conhecimento prévio das características da população – uma estratificação por bloco escolar em curso (série na qual o aluno estava matriculado em setembro de 2003). O PEJ apresenta uma organização não seriada, que difere do ensino regular. A organização dos conteúdos curriculares é feita tendo em vista as seguintes classificações:

PEJ I – trabalha com conteúdos do 1^o segmento do ensino fundamental (1^a a 4^a série) e é subdividido em dois blocos de aprendizagem – Bloco 1 e Bloco 2 – que equivalem, respectivamente, à 1^a/2^a e 3^a/4^a séries do ensino fundamental.

PEJ II – trabalha com conteúdos do 2^o segmento do ensino fundamental (5^a a 8^a série) e é subdividido também em dois blocos de aprendizagem – Bloco 1 e Bloco 2 – que equivalem, respectivamente, à 5^a/6^a e 7^a/8^a séries do ensino fundamental.

Optei por determinar a população específica desse survey da seguinte forma: total de 160 alunos, sendo 80 matriculados no PEJ I (40 no Bloco I e 40 no Bloco II) e 80 matriculados no PEJ II (40 no Bloco I e 40 no Bloco II).

Em cada escola, 5 alunos de cada bloco foram sorteados.

Para realizar esse sorteio, busquei, por intermédio dos dados de matrícula das escolas, identificar o total geral de alunos por bloco de aprendizagem. Com o total de alunos matriculados nos blocos, por escola, utilizei um recurso do programa EXCEL que permite a geração de números aleatórios. Esse recurso possibilitou o sorteio prévio dos 5 alunos por bloco e de 5 substituições⁹. Os números sorteados transformaram-se em nomes de alunos na chegada do pesquisador à escola, consultados os diários de classe, que são organizados segundo normatização da SME¹⁰.

Essa estratégia possibilitou que a seleção aleatória fosse garantida sem demandar um tempo mais longo no momento da aplicação do questionário, haja vista que o sorteio pôde ser realizado anteriormente, ficando apenas para ser

9 Os reservas foram selecionados para serem utilizados nas situações em que o aluno sorteado estivesse ausente no dia da aplicação do questionário.

10As turmas recebem uma numeração crescente de acordo com sua fase de aprendizagem e os alunos são listados em ordem alfabética. Essa organização possibilitou relacionar o número sorteado com o nome do aluno que ocupava essa posição nas listagens.

realizada na escola a conferência dos números sorteados com os nomes registrados nos diários de classe.

Após o sorteio, um formulário¹¹ era preenchido com todas as informações previamente identificadas sobre a escola e os alunos, que pudessem facilitar o encaminhamento do trabalho.

4.2

Processo de construção do questionário

A construção do questionário passou por versões diferentes, elaboradas em momentos distintos da pesquisa.

A primeira versão desse questionário, que pode ser chamada de preliminar, foi elaborada antes da revisão da literatura e da análise de outras pesquisas correlatas. Ela foi baseada, inicialmente, no conhecimento pessoal e prévio do tema pesquisado e numa primeira leitura de Babbie. O desenho da pesquisa foi sendo construído de modo a responder a algumas questões.

Inicialmente, busquei relacionar que informações pretendia obter com esse questionário; para isso, registrei, aleatoriamente, as indagações iniciais que tinha sobre o aluno e sua trajetória escolar. Prossegui elaborando as perguntas que supunha poderiam fornecer as informações necessárias para responder a essas indagações e em continuidade revisei as perguntas a fim de excluir aquelas que fossem repetitivas.

Elaboradas as perguntas, identifiquei os principais temas que as mesmas estavam abordando no questionário, organizando-as, posteriormente, a partir deles.

Pela descrição do início do processo de construção do desenho do instrumento de pesquisa, pude observar que meu primeiro questionário estava bastante marcado por uma postura indutivista, que tomava minhas observações e experiências com a educação de jovens e adultos como base segura da qual eram derivadas as questões.

A partir da construção desse questionário inicial, resultante do processo acima descrito, iniciei uma segunda fase do trabalho. Realizei uma revisão da

literatura e a identificação de um pequeno número de trabalhos relevantes, capazes de apontar os construtos a serem priorizados, na caracterização socioeconômica e das trajetórias escolares de alunos das classes populares.

4.2.1

Visita à literatura de referência do questionário

A construção do desenho do questionário recebeu forte influência do conhecimento acumulado que tenho sobre o tema pesquisado, permitido por minha trajetória profissional até o ingresso no mestrado. Contudo, essa etapa não prescindiu da elaboração de um quadro de referência conceitual, construído a partir do diálogo com a literatura relevante nessa área. Foram as referências encontradas em pesquisas similares e a interlocução, principalmente com os estudos de Bourdieu, que deram suporte teórico para a escolha dos construtos a serem investigados na pesquisa. Talvez tenha sido essa uma das etapas onde encontrei maior dificuldade, mas, na medida em que ia me apropriando de algumas referências, pude, com mais tranquilidade, fazer essas escolhas.

Elaborei os itens do questionário, a partir de construtos relacionados à caracterização sociodemográfica dos alunos, aos três tipos de capital – social, cultural e econômico – e ao acompanhamento da trajetória escolar dos alunos, antes do seu ingresso no PEJ.

A caracterização sociodemográfica é composta pelas características individuais do aluno, entre elas o sexo, a cor declarada, idade, local de procedência, religião e composição familiar. Essas características permitem classificações em subgrupos, possibilitando análises comparativas entre os alunos desses subgrupos. No caso da pesquisa, por não encontrarmos estudos anteriores sobre o tema, os resultados também poderão apontar uma análise descritiva sobre o perfil desses alunos. Os itens desse construto foram elaborados principalmente a partir da leitura de pesquisas afins.

Os capitais econômico, cultural e social representam dimensões da posição socioeconômica. Esses construtos têm sua sustentação nos estudos de Bourdieu, autor que nos oferece um quadro teórico que busca explicar a reprodução social, a

¹¹ Este formulário compõe o Anexo 1 do trabalho.

partir da tese de que a posição social dos pais dos alunos guarda íntima correlação com a trajetória escolar e, conseqüentemente, com o futuro profissional de seus filhos.

Cada sujeito, para Bourdieu, é dotado de uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem constitui-se de alguns componentes externos ao indivíduo, que podem ser instrumentos que favoreçam o sucesso escolar. Fazem parte dessa bagagem o capital econômico, o social e o cultural.

Nessa pauta, os estudos de Bourdieu constituem referências básicas para entender as relações entre os diferentes tipos de capital familiar e a trajetória escolar dos alunos.

Os estudos sobre a relação escola-sociedade têm mostrado, como fato incontestável, que a sociedade reserva trajetórias escolares diferenciadas para os alunos oriundos das classes abastadas econômica e culturalmente e para os alunos desfavorecidos. Ou seja, têm mostrado a forma como a escola atualiza e transforma as desigualdades sociais em desigualdades escolares.

Em face dessas referências, é importante investigar a estrutura e o volume dos diferentes tipos de capital de que os alunos do PEJ dispõem e qual é o impacto da herança social e familiar na sua trajetória escolar.

O capital econômico pode ser definido, segundo Bourdieu, pelos bens econômicos acumulados pelo indivíduo e pela posse de diferentes fatores de produção. Ele pode se constituir em fonte para a acumulação das demais formas de capital. Para se mensurar o capital econômico de uma pessoa ou grupo familiar, muitas pesquisas de mercado utilizam o Critério de Classificação Econômica Brasil – CBO¹². Contudo, identifiquei, nas leituras realizadas, que experiências anteriores em pesquisa demonstram os limites dessa classificação, para discriminar os setores de baixa renda, o que me levou a não utilizar essa estratégia.

De um modo geral, as pesquisas freqüentemente recorrem a questões que permitem aferir a renda pessoal ou familiar e a outras ligadas à ocupação da

¹² O Critério Brasil é utilizado para compor o capital econômico, a partir de uma classificação econômica que leva em conta a relação de posse de bens, condições de moradia e acesso a recursos públicos urbanos.

pessoa e à sua posição no núcleo familiar. Questões desse tipo permitem dimensionar a riqueza da pessoa e de sua família.

Partindo dessas leituras prévias, alguns itens foram incluídos na pesquisa para mensurar a riqueza do aluno, compondo, assim, o seu capital econômico. Os dados relativos à renda familiar são, em geral, de difícil obtenção e apresentam margem significativa de imprecisão. As perguntas sobre a renda apresentam maiores probabilidades de erro ou de não-resposta. Contudo, a alternativa de utilizar perguntas diretas sobre renda do aluno e de sua família no questionário destinado aos alunos do PEJ foi escolhida, por considerar que a amostra era composta por jovens e adultos inseridos no mundo do trabalho e, portanto, responsáveis ou co-responsáveis por seu próprio sustento e pelo de sua família. A abrangência do conceito de renda não foi explorada, considerando-se apenas como renda individual e familiar o recebimento em dinheiro por serviços prestados ou pensões, não incluindo outros possíveis benefícios recebidos.

Ainda para compor a medida de capital econômico, foram incluídos itens que verificam a inserção do respondente em diferentes formas de geração de renda, ou seja, sua ocupação profissional. Foram elaborados também itens que buscam identificar o ingresso precoce do aluno do PEJ no mercado de trabalho, com vista a confrontar esta informação com sua trajetória escolar.

Os dados obtidos nas respostas a esses itens são apenas informações na sua forma bruta. Entretanto, eles podem nos auxiliar na interpretação da realidade e, no futuro, subsidiar a adoção de políticas públicas de trabalho e educação.

O conceito de capital cultural, incorporado na pesquisa, tem sua sustentação nos estudos de Bourdieu, quem dá a esse capital um peso maior do que ao capital econômico na explicação das desigualdades escolares. Para Bourdieu (1998), a posse do capital cultural aproxima o sujeito da aprendizagem dos conteúdos escolares. A cultura e os conhecimentos considerados legítimos e o grau de domínio da língua culta, trazidos por alguns alunos do seio familiar para a escola, facilitariam a aprendizagem escolar, ocupando o papel de uma ponte entre o mundo familiar e o mundo da escola. Dependendo da cultura e dos conhecimentos trazidos pelo aluno de sua casa, a escola poderia ser a continuidade desse mundo ou algo distante e ameaçador. Assim, a posse de capital cultural favoreceria o sucesso escolar. Para Bourdieu, o capital cultural adquirido na escola estará sempre em desvantagem com relação ao adquirido na base familiar:

“A herança cultural é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.” (Bourdieu, 1998, p.42).

Com o objetivo de compor o capital cultural dos alunos, foram elaborados itens que medem os estímulos educacionais que o aluno encontra no ambiente familiar, dimensionados pela escolaridade dos pais, pela participação do aluno em atividades culturais e em atividades educativas extra-escolares, pelas práticas de leitura, e pelos materiais de leitura disponíveis em casa, pelo acesso à Internet, e pelo tipo de atividades de lazer desenvolvidas pelo aluno, entre outras. Minhas opções em relação ao conteúdo do questionário no eixo do capital cultural foram sustentadas, também, nas informações que gostaria que fossem coletadas, a fim de subsidiar a construção de políticas culturais complementares ao trabalho da escola.

Muitos dos itens desse construto, foram retirados, na íntegra, do questionário contextual destinado ao aluno no SAEB 2001; outros itens precisaram ser modificados parcial ou totalmente, de modo a adequá-los à amostra de alunos da pesquisa, composta, predominantemente, por pessoas de grupos socialmente desfavorecidos.

O capital social é um construto que está associado, segundo Bourdieu, à capacidade de mobilizar os outros capitais, ou de acionar uma rede de relações de apoio social. O volume do capital social depende da extensão de relações sociais estabelecidas pelo indivíduo e também do volume dos demais capitais dos indivíduos com os quais ele se relaciona. Os itens da pesquisa buscaram identificar o capital social do aluno do PEJ, apenas a partir do envolvimento desse aluno em diferentes campos sociais: igreja, associação de moradores, grêmio estudantil, sindicato, grupos culturais. Assim, por meio dos itens relacionados, pretendia identificar a existência e o volume de vínculos sociais estabelecidos pelo aluno no lugar onde vive ou por onde transita.

A partir dos itens do questionário do SAEB, foram incluídos novos itens relacionados com a trajetória escolar dos alunos e com a estrutura familiar.

As perguntas que compõem o construto trajetória escolar pretendem identificar essas trajetórias dos alunos, antes do ingresso no PEJ, focalizando a existência ou não de escolaridade anterior e buscando informações relevantes quanto aos anos de escolaridade, à idade de ingresso na escola, às séries cursadas,

ao histórico de reprovações, à participação em projetos especiais (aceleração, progressão, entre outros), ao tipo de escola freqüentada, aos motivos do afastamento da escola, ao número de anos desse afastamento, aos motivos do retorno, entre outras questões.

A relevância desse construto nos é revelada pelos dados do SAEB, que apresentam a realidade educacional nacional, marcada por altas taxas de evasão, fracasso escolar e distorção idade-série.

Para investigarmos as trajetórias educacionais dos alunos, não foram utilizados relatos biográficos complementares que possibilitariam uma análise das trajetórias subjetivas. Essa decisão foi tomada em função do tempo restrito dedicado à conclusão da pesquisa.

Assim, trata-se de uma análise das trajetórias escolares mediada pela criação de construtos que, operacionalizados em itens do questionário, possibilitem analisar os percursos escolares individuais e as tendências coletivas, sem levar em conta o sentido subjetivo que os indivíduos atribuem ao próprio percurso. (Dubar,1998)

Quadro 3 - Referência conceitual

CONSTRUCTO	ESPECIFICAÇÃO	ITEM DO QUESTIONÁRIO
Caracterização Sociodemográfica	Sexo, cor declarada; idade; local de procedência; local de moradia; Religião; estado civil; estrutura familiar; documentação; Escolaridade dos pais	78,79,80,81,82,83,84,85,86,87,88,89,90,91,92,93,94,95,96,97,98,99,100,101,102,103,104
Capital econômico	Indicadores de renda; Formas de geração de renda	61,62,63,64,65,66,67,68,69,70,71,72,73,74,75,76,77,89,90,91,92,105
Capital cultural	Tipos de lazer e participação em atividades culturais; Participação em atividades educativas extra-escolares; recursos disponíveis em casa; práticas de leitura	18,19,20,21,22,23,24,25,26,27,28,29,30,31,32,33,34,35,36,37,38,39,40,41,42,43,44,45,46,47,48,49,50,51,52,53,54,55,56,57,58,59,60,95,96
Capital social	Inserção em grupos sociais e comunitários	37,38,39,40,41,42
Trajетória Escolar	Dados sobre ingresso e permanência no PEJ ; escolaridade anterior; fatores que ocasionaram o retorno à escola; tipo de escolas freqüentadas; fatores que geraram a saída do ensino regular; participação em projetos especiais da rede pública para alunos em defasagem idade-série; expectativas em relação ao PEJ; expectativas para a continuidade dos estudos; papel da escola na vida do aluno	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17

4.2.2. Realização dos pré-testes

Antes da apresentação desse questionário aos especialistas, e visando a realizar testes do desenho da pesquisa prévios à realização da pesquisa propriamente dita, foi efetivado um pré-teste do questionário. Nessa etapa, busquei verificar se os itens produziam variância suficiente para gerar medidas úteis para análises (Babbie, 1999). Tais procedimentos foram fundamentais para avaliar tanto o conceito que desejava medir quanto a clareza e precisão dos termos utilizados, além da forma, do desmembramento e da ordem das questões.

Duas visitas foram marcadas previamente a uma escola que funciona com PEJ para aplicação do pré-teste. Contudo, devido às investidas organizadas pela polícia militar em determinadas áreas da cidade, a direção da escola escolhida, na tarde das duas datas agendadas, entrou em contato comigo para adiar a visita, em função da situação de insegurança na comunidade.

Decidi fazer um novo agendamento com a escola. Entretanto, preocupada com a urgência da aplicação, avaliei que seria necessário concretizar o pré-teste imediatamente, optando assim, por realizá-lo com os alunos do PEJ que estudam na classe anexa, por acreditar ser importante aproveitar a oportunidade de pré-testar o desenho do questionário, mesmo não sendo ideais as condições disponíveis naquele momento.

Para compreender o processo desse primeiro pré-teste, torna-se necessário conhecer um pouco do significado da turma da classe anexa. A classe anexa é o atendimento aos jovens e adultos fora das dependências da escola, próximo ao local de trabalho dos estudantes. Essa modalidade começou o seu funcionamento no prédio da Prefeitura e está voltada para o atendimento dos funcionários e prestadores de serviço que atuam na Prefeitura e não concluíram o ensino fundamental. A organização do PEJ nas classes anexas é idêntica à da escola. A diferença é que os alunos estudam numa sala de aula adaptada dentro do seu espaço de trabalho. Avaliei, inicialmente, que poderia fazer o primeiro pré-teste com esses alunos, já que tirando o fato de todos os respondentes estarem trabalhando, o que eu já sabia que comprometeria a variância de resposta nas questões referentes à inserção no mundo do trabalho, no mais, enquadravam-se no perfil de qualquer aluno do PEJ.

Esse pré-teste foi realizado no mês de novembro.

Utilizei metodologias diferenciadas para a aplicação do questionário no PEJ I e PEJ II, tendo em vista os diferentes níveis de letramento dos alunos¹³.

Aos alunos alfabetizados (PEJ II), apresentei a proposta da pesquisa, que foi imediatamente aceita. Combinamos algumas regras: eles iriam preencher o questionário sozinhos e só poderiam solicitar a minha ajuda para tirar dúvidas. Ao terminar, deveriam retornar para a sua sala de aula. Fiz a leitura da carta de apresentação do pré-teste. Esclareci dúvidas iniciais. Marcamos o horário de início do questionário (todos juntos), e a partir desse momento, cada um começou a responder o seu.

Os alunos do PEJ I, que não sabem ler e escrever, chegaram e também foram convidados a participar da atividade após conhecerem os seus objetivos. A receptividade novamente foi ótima. Permanecemos na mesma sala de aula, num canto afastado. Cada aluno recebeu um lápis e o questionário, e passei à leitura da carta de apresentação. Minha intenção, ao entregar o questionário a eles, era observar até que ponto esses alunos, que estão matriculados no PEJ I e ainda não têm autonomia para a leitura e a escrita, conseguiriam interagir com o questionário e, a partir daí, de acordo com o desempenho de cada um, ajudá-los a respondê-lo, realizando a leitura oral das perguntas (de forma individual). Contudo, para minha surpresa, ao receberem o questionário, eles disseram que queriam preenchê-lo sozinhos, sem ajuda e, apesar de apresentarem muita dificuldade de leitura, somente nos momentos finais aceitaram minha colaboração.

Essa experiência possibilitou-me observar que o aluno do PEJ I, ao ter o questionário nas suas mãos, talvez desejasse, como os alunos pré-testados, responder sozinho às perguntas, demandando um tempo superior ao esperado para a aplicação do instrumento.

Outras observações relevantes puderam ser feitas a partir desse pré-teste, na medida em que todas as questões relativas às perguntas – clareza, repetições, dificuldades de interpretação – foram registradas no questionário e me possibilitaram a realização de algumas mudanças no formato e conteúdo dele.

Concluí que, para os alunos do PEJ II, já alfabetizados, a leitura da carta de apresentação da pesquisa deveria ser feita coletivamente e acompanhada por

13 Os alunos matriculados no PEJ I, Bloco 1 estão em fase de alfabetização. Nestas turmas são encontrados alunos que não sabem ler e escrever.

esclarecimentos gerais do pesquisador sobre os objetivos da pesquisa, o anonimato das respostas, a forma correta de preenchimento do questionário. Quanto à sua aplicação, os alunos do PEJ II poderiam preenchê-lo sozinhos, num espaço coletivo, apenas com a orientação do pesquisador.

Já com os alunos do PEJ I, que enfrentaram dificuldades na leitura do questionário, o instrumento deveria ser preenchido pelo pesquisador, que se encarregaria de ler a carta, explicar os objetivos do trabalho, garantir o anonimato das respostas e ler uma a uma as perguntas, registrando as respostas apresentadas pelo respondente. Essa estratégia permitiu, também, diminuir o tempo de preenchimento do questionário que, se realizado pelo próprio aluno, seria muito maior e estaria ainda sujeito a muitos erros.

Pude constatar, além disso, que os respondentes do PEJ I tendem a fazer muitos comentários, contando partes da história de suas vidas para justificar as respostas dadas, fato que acarretou, no pré-teste e, posteriormente, na aplicação do questionário final, uma demora maior com esse grupo de respondentes.

Ao terminar essa etapa do estudo-piloto concluí que o primeiro pré-teste, além de não poder testar a variabilidade dos itens relacionados ao mundo do trabalho, já que todos os respondentes eram trabalhadores com carteira assinada ou funcionários públicos, contou com respondentes que, devido à sua experiência profissional e capital social, tiveram certa facilidade para preencher o instrumento, mesmo que complexo, pois, provavelmente, estavam bem mais expostos no cotidiano à participação em pesquisas diversas ou ao preenchimento de tipos diferentes de formulários. Teriam os demais alunos do PEJ a mesma desenvoltura apresentada pelos alunos-funcionários da classe anexa para participar da pesquisa?

Preocupada com essa questão, decidi que, após a conversa com os especialistas que iriam avaliar meu questionário, faria um novo pré-teste numa escola em condições mais próximas da realidade dos alunos matriculados no PEJ.

O próximo passo foi remeter a nova versão do questionário, com as mudanças necessárias no 1º pré-teste, acompanhado de seu quadro de referência, para um processo de validação de face. O objetivo dessa etapa foi encaminhar os documentos aos especialistas antes contactados, a fim de receber suas contribuições e críticas, a partir do seu conhecimento metodológico e conceitual

sobre pesquisa de *survey* em educação, com vista à realização dos novos ajustes indispensáveis ao contexto da pesquisa.

Foi encaminhado o questionário, acompanhado do seu quadro de referência conceitual e de uma carta de apresentação com a solicitação da avaliação, para dois professores do Departamento de Educação da PUC, ambos com larga experiência na área¹⁴.

As contribuições recebidas foram muito relevantes e abrangeram tanto a forma de apresentação do questionário quanto o seu conteúdo.

Segundo os professores, de um modo geral, o questionário já cobria os temas propostos, sendo, contudo, identificados e apresentados diferentes problemas pontuais observados por eles no documento. Foram ratificadas por ambos a necessidade e a importância de que o delineamento da trajetória escolar dos alunos fosse refinado, a fim de justificar efetivamente a coleta de dados, já que a caracterização da população via itens do questionário, que ocupava uma parte significativa do documento, poderia ser obtida pelos dados já coletados em outras pesquisas.

A partir da conversa informal com os especialistas e da leitura atenta de seus comentários, o questionário sofreu novas mudanças e só então foi encaminhado para o 2º pré-teste.

Dessa vez, pretendia viver na íntegra as diferentes etapas que, posteriormente, vivenciaria em cada uma das escolas que participariam da amostra. O número de alunos a serem pesquisados de acordo com cada bloco, o sorteio prévio para a escolha dos alunos, a conferência dos sorteados na ficha de chamada, o sorteio dos substitutos, o controle do tempo destinado à minha permanência na escola, a participação da pessoa que iria auxiliar-me durante as visitas, isto é, todo o processo de aplicação do questionário deveria seguir integralmente o planejamento que havia estipulado para o trabalho de campo. Ou seja, o instrumento deveria ser pré-testado tal como seria usado na pesquisa.

Na escola escolhida, 20 alunos sorteados foram respondentes do questionário.

¹⁴ Os professores Creso Franco e Carmelo Brás foram os especialistas convidados e deixaram marcas nesse trabalho, com contribuições que foram fundamentais para a realização de mudanças significativas no questionário.

Conforme ressaltai acima, minha opção foi realizar tudo integralmente como pretendia fazer na pesquisa. A rotina da noite, descrevendo todas as etapas do trabalho, foi registrada no meu diário de campo.

Chegamos na escola às 17 horas; até às 18 horas, de posse dos diários de classe, procedemos ao levantamento dos nomes e das turmas dos alunos sorteados e dos seus respectivos reservas. Para isso, colocamos os diários de classe na ordem crescente das turmas, por bloco de aprendizagem, buscando o número dos alunos sorteados, na ordem da numeração dos diários, considerando as listagens cumulativamente. Esse procedimento foi longo e demandou bastante atenção. Repetimos a ação para todos os sorteados e reservas. De posse do nome dos alunos, contamos com a colaboração da coordenadora da escola, que se encarregou de chamá-los. Apesar de termos concluído o trabalho inicial às 18 horas, só pudemos iniciar a aplicação do questionário às 18h45min, devido ao atraso dos alunos gerado por motivos variados (jantar, vinda do trabalho e outros).

Todos os alunos sorteados, que não estavam presentes na escola, foram substituídos e tiveram sua ficha de “coleta de dados dos alunos faltantes” preenchida.

Iniciamos pelos alunos do PEJ I, que têm dificuldade de leitura e escrita (alguns são analfabetos). A opção foi fazer a leitura do questionário individualmente e auxiliá-los também no registro das respostas. Eu e minha colaboradora, previamente preparada para essa atividade, iniciamos as “entrevistas” individuais, cada uma com um aluno. O tempo médio por aluno ficou em torno de 15 minutos.

Às 20h30min, saí da sala, deixando a outra pessoa continuar esse trabalho, e fui aplicar o questionário nos 10 alunos do PEJ II, que responderam sozinhos, recebendo a minha ajuda apenas quando necessário. Levaram, em média, 25 minutos para concluir a tarefa.

Às 21h15min, já havíamos concluído o processo com os alunos e partimos para o preenchimento da ficha dos 8 alunos sorteados que faltaram naquela noite.

Saimos da escola às 21h40min, cansadíssimas. Concluí que não poderei trabalhar sozinha, precisarei sempre da ajuda de alguém para conseguir realizar a aplicação dos questionários e a coleta de informações de alunos faltantes numa única noite. Esse novo pré-teste sinalizou outras mudanças que preciso fazer no instrumento, e que estão todas registradas no original do questionário. Acho que depois de uns dez pré-testes, ele estaria bom...Esse foi o segundo e quantas pistas me deu... Estou mudando algumas coisas, excluindo, incluindo.

“Ouvir” o aluno (o pré-teste) é a melhor maneira de saber “qual é a melhor forma de escutá-lo” (o instrumento). Pena que não tenho muito tempo, pois a cada dia me apaixono mais por esse processo.

(Transcrição do relatório de campo de 27/11/03).

O pré-teste deve ser um processo cumulativo ao longo de múltiplos estágios. A realização do 1º e do 2º pré-testes e a avaliação dos especialistas funcionaram como filtros que foram apurando um documento que, tenho certeza, será sempre inacabado.

Devido ao escasso tempo disponível para encaminhamento do trabalho, um calendário de visitas às escolas foi fechado, logo após a realização do sorteio das escolas que comporiam minha moldura.

Para colaborar nesse trabalho, convidei uma professora da área de EJA, que atua comigo na SME¹⁵. Esse convite se tornou necessário, pois as duas visitas anteriores que fiz às escolas (1º e 2º pré-testes) consolidaram minha opinião de que precisaria de alguém que, junto comigo e sob a minha coordenação, auxiliasse na aplicação do questionário, tendo em vista o pouco tempo disponível para a conclusão do trabalho, o número de questionários a serem aplicados, o tempo médio para cada respondente e a necessidade de utilizar estratégias diferenciadas na execução dessa etapa da pesquisa.

A partir do convite inicial, que foi aceito, a natureza da pesquisa, seus objetivos e os critérios para a seleção da amostra passaram a ser temas de diversas conversas, que foram preparatórias ao trabalho. Pedi que minha colaboradora lesse alguns capítulos de Babbie. Apresentei o questionário, realizando a leitura de cada uma das questões. Aos poucos, ela foi ganhando familiaridade com o instrumento. As instruções que acompanham o questionário, como, por exemplo, as que se referem às perguntas que remetem a outras mais adiante, também foram exaustivamente estudadas.

Após a dissecação do questionário, iniciamos discussões sobre alguns cuidados que precisaríamos tomar como, por exemplo, o de colocar-nos numa posição que não afetasse a percepção do respondente sobre as questões do questionário, mantendo a neutralidade, principalmente durante as entrevistas.

Estive presente em todos os dias da aplicação do questionário, sempre acompanhada pela minha colaboradora. Alternávamos, nas escolas, o contato com os alunos do PEJ II, que preenchiam o questionário sozinhos, com os do PEJ I, que respondiam entrevistas individuais.

¹⁵ Vanda Matos trabalha na equipe do PEJ, na SME, e tem larga experiência em EJA, atuando também em ONGs, na coordenação de projetos para a área.

Ao final de cada uma das noites de trabalho, conversávamos sobre as observações realizadas e eu, então, elaborava um relatório de campo.

4.2.3 Apresentação do questionário final

O questionário é composto de 9 páginas. Inicia-se com uma carta de apresentação, que esclarece seus objetivos e elucida algumas possíveis dúvidas para o respondente. No final da carta de apresentação, encontra-se um espaço para registro do horário de início de sua execução. Optei por marcar o começo do preenchimento do questionário pelo respondente, apenas após a leitura coletiva da carta, por considerar que esse seria o momento para tirar dúvidas quanto ao seu preenchimento. O registro sobre o tempo de aplicação do questionário foi útil por ocasião dos pré-testes, já que possibilitou uma avaliação prévia de minha permanência nas escolas, durante a pesquisa, facilitando uma projeção do cronograma de aplicação do instrumento. Após essa etapa, os dados não foram mais utilizados para fins de análise.

Ao todo foram elaboradas 105 perguntas, organizadas em quatro seções. Em cada seção, uma pequena frase informa o respondente sobre o objetivo dos itens que se seguem.

A 1ª parte do questionário contém itens relacionados à trajetória escolar do aluno. A opção por iniciar o questionário por essas questões levou em consideração o fato de que, talvez, fosse a parte do questionário que iria demandar maior necessidade de concentração para recuperação de informações armazenadas na memória do respondente, por se tratar de informações não utilizadas no seu cotidiano.

A 2ª parte do questionário aborda questões relativas ao cotidiano do aluno, mais especificamente, aspectos relacionados com seus hábitos de leitura, lazer e sua participação em atividades sociais.

A 3ª parte destina-se a levantar informações sobre a inserção do aluno no mundo do trabalho e sua situação econômica. Tanto a 2ª quanto a 3ª partes trazem questões mais próximas da vida dos respondentes.

Encerrando o questionário, há questões relacionadas à caracterização sociodemográfica do aluno do PEJ, que normalmente iniciam outros questionários de *surveys*. A decisão de colocar este tipo de perguntas na última parte do questionário se baseou na facilidade de resposta que as mesmas oferecem aos alunos, por se tratar de questões comuns a outros tipos de instrumentos de pesquisa e mais familiares aos respondentes.

No rodapé da última página, há um campo destinado ao registro do horário da devolução do questionário preenchido.

A carta de apresentação e o questionário completo compõem o apêndice desse trabalho.

4.3 Aplicação dos questionários

Os dois pré-testes realizados possibilitaram prever tanto a forma de aplicação do questionário, quanto o tempo que o entrevistador ou o aluno iria utilizar para seu preenchimento.

Foi feito inicialmente um calendário, destinando uma noite para cada uma das escolas a serem visitadas. O horário para a chegada dos entrevistadores na escola deveria ser às 17 horas, a fim de que pudesse ser dada uma explicação à direção sobre a pesquisa e para se ter acesso imediato aos diários de classe, de modo a identificar os nomes dos alunos sorteados. Essas atividades deveriam demorar, no máximo, uma hora, pois, às 18 horas, horário de chegada dos professores, pretendíamos conversar com eles, em grupo, esclarecendo os motivos de nossa presença na escola, informando sobre a dinâmica da aplicação do questionário e a estratégia utilizada na escolha dos alunos. Solicitávamos sempre aos professores que repassassem para todos os alunos, respondentes ou não, as informações recebidas sobre a pesquisa, já que a mesma traria uma pequena alteração na rotina da escola. A partir das 18h30min, procurava sempre iniciar o contato com os alunos selecionados.

Previamente, repassávamos para um responsável da escola os nomes dos alunos sorteados e seus respectivos reservas, a fim de que os mesmos fossem chamados para participarem da pesquisa. Eram sempre solicitados à direção dois

espaços na escola: um para as entrevistas com os respondentes do PEJ I e outro para a aplicação do questionário nos alunos do PEJ II. Ressalto que sempre contei, em todas as escolas visitadas, com a ajuda dos professores e da direção na rotina necessária para realizar com sucesso a pesquisa.

Deparei-me com pequenos problemas nessa parte inicial: atraso dos alunos, ausência de turmas que estavam participando de atividades extraclasse, indisponibilidade de alguns dados nos diários de classe ou fichas de matrícula; contudo, todos os problemas foram sanados com a ajuda da direção e dos professores. Cabe lembrar que comunicava minha visita à direção por telefone, com antecedência, aproveitando a oportunidade para explicar as demandas que eu iria levar para o cotidiano da escola.

Realizei a pesquisa nas escolas no período de 3 a 17 de dezembro, chegando às 17 horas e saindo em torno das 22 horas.

Quanto à aplicação dos questionários, por estarem participando como respondentes na pesquisa grupos de alunos que tinham diferentes graus de fluidez na leitura e na escrita, já previa a necessidade, com os respondentes do PEJ I, que ainda estão no início do processo de alfabetização, da utilização de entrevistas individuais. Tal fato foi ratificado pela realização dos pré-testes. Assim, a pesquisa envolveu duas estratégias diferentes para aplicação do questionário.

Com os alunos do PEJ II, os questionários foram auto-aplicáveis, permitindo reunir os 10 respondentes estipulados na amostra num mesmo espaço. Os instrumentos foram administrados em condições controladas, ou seja, aplicados numa sala de aula, previamente selecionada pelo responsável da escola, que, atendendo a minha solicitação, chamava todos os alunos sorteados e, na ausência de algum deles, o seu substituto..

Inicialmente, eram fornecidas as explicações necessárias quanto aos objetivos da pesquisa: o que é um *survey* (relacionando a pesquisa com as conhecidas pesquisas eleitorais), como os alunos foram selecionados, quem era o pesquisador. A partir dessas informações, os alunos eram consultados a fim de explicitarem seu desejo ou não em colaborar com a pesquisa. Apenas um aluno dos 160 selecionados demonstrou-se indisponível para o trabalho, sendo substituído por um aluno-reserva.

Após a adesão de todos, os questionários, junto com lápis e borracha, eram distribuídos, e a carta de apresentação era lida oralmente pela pessoa responsável pela aplicação do questionário. A partir daí, os respondentes recebiam instruções de como preenchê-lo, e era chamada a atenção, também, para aquelas perguntas que deveriam ser desconsideradas. Os alunos eram informados, ainda, de que poderiam tirar dúvidas ao longo do processo, sempre de forma individual.

Ao término dessa etapa de apresentação do instrumento, todos iniciavam o seu preenchimento registrando, previamente, o horário do início do trabalho. Em média, os alunos demoraram 35 minutos para completar o questionário.¹⁶

A presença constante do pesquisador ou de seu colaborador, serviu para tirar dúvidas ao longo do trabalho e também para corrigir os erros emergentes, já que, ao encerrar o questionário, o aluno preenchia o horário e comunicava ao pesquisador, que conferia todas as suas respostas, identificando, ainda em tempo, as omissões, ou preenchimentos inadequados, no caso das perguntas-filtro que remetiam a outros itens. Em função dessa conferência individual dos questionários, o número de não-respostas e de respostas indevidas foi irrelevante.

Já com os alunos do PEJ I, foram realizadas entrevistas pessoais, pois muitos deles eram analfabetos. Na aplicação do questionário, o entrevistador lia uma a uma as perguntas e todas as possibilidades de respostas, anotando aquela escolhida pelo respondente.

O entrevistador buscava sempre conduzir as perguntas estimulando o aluno a apresentar a resposta. Foi possível, durante a entrevista, evitar confusões com os itens do questionário, esclarecendo os assuntos focalizados e obtendo, assim, respostas mais relevantes.

Ao longo da realização das entrevistas com os alunos do PEJ I, pude observar, enquanto fazíamos as perguntas, suas reações, seus olhares, seus sorrisos ou lágrimas.

Ficou ratificado o que foi observado nos pré-testes: os respondentes do PEJ I tendem a expandir suas respostas, contando a história de suas vidas, fato que acarretou um tempo mais longo de aplicação do questionário nesse grupo. Apesar de os entrevistadores buscarmos uma atitude imparcial perante as falas, não conseguíamos gastar menos do que 20 minutos com cada aluno.

¹⁶ Foi possível tirar a média do tempo gasto, já que todos os alunos registravam, no campo adequado, o horário de início e término do preenchimento do questionário.

Muitas vezes, meu papel de pesquisadora foi atropelado pela minha função de Supervisora do PEJ na SME, mas logo retomava meu trabalho, deixando sempre muito claro que minha visita naquela noite na escola tinha objetivos previamente definidos e que não podiam ser abandonados pelo pouco tempo disponível que eu tinha para alcançá-los. Para algumas pessoas, prometi que, no início de 2004, realizaria uma nova visita, para vê-los, ouvi-los e senti-los num outro papel.

Isso só foi possível pela minha boa relação com as escolas e pela transparência com que falava com todos sobre a importância do trabalho a ser desenvolvido e meu tempo escasso para fazê-lo .

Considero que minha presença, com o auxílio de minha colaboradora, durante o processo de entrevistas e de aplicação do questionário auto-administrado, teve um efeito importante sobre a qualidade do trabalho que foi executado, e que ser Supervisora do PEJ trouxe muito mais facilidades ao meu trabalho de pesquisa do que dificuldades.

4.4 **A importância dos alunos ausentes**

Aluno do PEJ não é só aquele aluno freqüente, que vem todos os dias para a escola. É também aquele que falta. É aquele que, apesar de ter tomado a decisão de voltar a estudar, por diferentes motivos, se ausenta da escola. Que características esse aluno apresenta? Que regularidades podemos observar no seu perfil, que diferem ou se aproximam do perfil de outros alunos?

Ainda na fase de elaboração do questionário, fui alertada para essa realidade e para a importância de buscar formas de lidar com dados referentes aos alunos que não estivessem presentes, no dia da aplicação do instrumento de coleta de dados. Eles, com certeza, representariam um viés importante para a pesquisa.

Dados de evasão e faltas intercaladas são uma constante na educação de jovens e adultos e, como tais, também se fazem regularmente presentes no PEJ e perigosamente chegam a ser tratadas como normais pelos profissionais. Com certeza, essa situação iria surgir no decorrer da pesquisa. Assim, tentando qualificar esse viés da minha amostra, busquei obter o máximo de dados dos

alunos que, por ventura, não estivessem na escola no dia da pesquisa. Logo que defini o desenho final do questionário, optei por buscar identificar as perguntas que poderiam ser conseguidas na escola, preferencialmente em algum documento oficial.

Relendo o questionário, identifiquei 19 perguntas para as quais encontraria respostas na ficha de matrícula do aluno.¹⁷ Conforme relatei anteriormente, para cada 5 alunos sorteados como respondentes, outros 5 imediatamente eram sorteados para substituir os possíveis alunos ausentes. Sempre que chegava à escola, ao identificar um aluno ausente, antes de buscar seu substituto, procurava sua ficha de matrícula, deixando-a separada, para, no fim da aplicação do questionário, fazer sua leitura e retirar os dados possíveis.

Ao término de todo o trabalho, com as informações obtidas, pude realizar levantamentos que muito me auxiliaram na análise dos dados resultantes da pesquisa.

O levantamento dos alunos sorteados para participar da pesquisa, que não estavam presentes no dia da aplicação do questionário, denuncia o alto percentual de faltas dos alunos às aulas no PEJ (Quadro 4).

Quadro 4 – Percentual total de ausentes por escola

Nome da escola	Percentual de alunos ausentes
CIEP Nação Rubro Negra	80%
EM Orsina da Fonseca	40%
CIEP Patrice Lumumba	50%
CIEP Gustavo Capanema	45%
EM Barcelona	55%
CIEP Levy Miranda	60%
CIEP Rosa da Fonseca	60%
CIEP Herivelto Martins	40%
Total	52%

É importante considerar que, por se tratar da 1^a quinzena de dezembro, já próximo ao final do ano letivo, os alunos mais regularmente começam a faltar às aulas. Essa pode ter sido uma das causas da ausência de tantos alunos¹⁸, no dia da

¹⁷ Todo aluno, ao ser matriculado na rede pública municipal, tem uma ficha cadastral que deve ser preenchida pelo profissional da escola.

¹⁸ De um total de 160 alunos sorteados, 84 estiveram ausentes no dia da pesquisa, sendo 40 do PEJ I e 44 do PEJ II, precisando ser substituídos pelos sorteados como reservas.

aplicação do questionário. Contudo, a baixa frequência, caracterizada não apenas pela observação no dia da visita às escolas, mas também pela fala constante de professores e diretores do PEJ, precisa ser observada e estudada, para que possam ser construídas alternativas e estratégias coletivas nas escolas para reverter esse preocupante quadro.

Na 1ª parte do questionário, só foi possível identificar o tempo de ingresso do aluno ausente no PEJ, a partir da data de matrícula do aluno, tendo sido obtidos os dados mostrados no Quadro 5.

Quadro 5 - Tempo de matrícula no PEJ

Opções de resposta	Percentual de respondentes de acordo com os dados obtidos na ficha de matrícula
Menos de 1 ano	70%
De 1 a 2 anos	13%
Mais de 2 anos	12%
Resposta não identificada na ficha	5%

Em relação à 4ª parte do questionário, foi possível identificar que os alunos ausentes têm em média 28 anos de idade e também as características descritas nos quadros abaixo:

Quadro 6 - Gênero dos alunos ausentes

Opções de resposta	Percentual de respondentes de acordo com os dados obtidos na ficha de matrícula
Masculino	53%
Feminino	47%

Quadro 7 - Naturalidade dos alunos ausentes

Opções de resposta	Percentual de respondentes de acordo com os dados obtidos na ficha de matrícula
Natural do Rio	58%
Natural de outros estados	30%
Resposta não identificada na ficha	10%

Ressalto que muitos dados do aluno, que não são de preenchimento obrigatório, encontravam-se sem informações na ficha. Entre eles, a escolaridade dos pais. Considero importante sinalizar que 63% das fichas de matrícula não continham informações sobre a escolaridade do pai do aluno e 58% não

apresentavam dados sobre a escolaridade da mãe, demonstrando o desinteresse da escola em relação a essa informação.

No capítulo final desta dissertação, estarei apresentando como minha amostra se aproxima ou difere da população que guarda as peculiaridades dos alunos faltosos acima identificados.

4.5 Elaboração do banco de dados

Terminada a aplicação do questionário e realizado o levantamento dos faltosos, tinha nas mãos 160 questionários, cada um com 105 perguntas. Imaginei que precisasse da ajuda de profissionais da área de estatística para trabalhar as informações coletadas. Mas, contando com a minha orientadora, sempre atenta às minhas necessidades, com a disponibilidade do professor Creso Franco e a ajuda da colega Fátima Alves do doutorado, fui errando, acertando e montando o meu banco de dados.

Inicialmente, construí o espelho do meu questionário num programa estatístico. Depois, criei as variáveis de identificação dos respondentes, e, a partir daí, as respostas dos questionários foram registradas de forma quantitativa, permitindo-me a posterior realização de análises para fornecer descrições dos estudantes da amostra e determinar correlações entre diferentes respostas.

Em todo esse processo, foi utilizado um programa bastante conhecido na área de análise de dados da ciência social – o SPSS - Sistema de Pesquisa e Estatística Social 10, pacote estatístico que permite realizar diversas análises. Esse foi o mesmo programa utilizado pelo SAEB no ciclo de 2001.

Uma das disciplinas cursadas no mestrado¹⁹, a de Métodos Quantitativos, possibilitou certa familiaridade com o programa estatístico, pois, através dela, pude conhecer um pouco dos seus recursos, a partir de experiências e exercícios variados, utilizando os dados do SAEB 2001.

¹⁹ A disciplina Métodos Quantitativos, ministrada pelo professor Creso Franco, foi fundamental para a realização desta pesquisa. Ela forneceu uma boa introdução à pesquisa de *survey* e apresentou uma parte operacional bastante importante que possibilitou a utilização do SPSS. Considero que todas as pessoas interessadas em transitar na pesquisa quantitativa devam ser orientadas a fazer a referida disciplina, antes de iniciar a elaboração de seu trabalho.

5

Pontos provisórios de chegada da pesquisa

O desenvolvimento de estudos-piloto impõe a realização de todas as etapas de um *survey*: da amostragem ao relatório (Babbie, 1999). Assim, apresento, neste capítulo, análises preliminares dos dados gerados pela pesquisa à luz dos construtos elaborados para referenciar os itens do questionário, buscando estabelecer relações entre diferentes variáveis.

Nas próximas sessões, é realizada a caracterização sociodemográfica da população de alunos matriculados no PEJ em 2003. Em continuidade, é feita uma apresentação de natureza descritiva das características dos estudantes, que permite sua classificação em subgrupos e o delineamento do perfil dos alunos matriculados no PEJ. São apresentadas, também, análises sobre os três tipos de capital que dimensionam a posição socioeconômica do aluno, suas práticas culturais e o acompanhamento de suas trajetórias escolares antes do ingresso no PEJ.

O capítulo encerra-se com a apresentação dos resultados da avaliação que os alunos fazem do PEJ, a partir do seu retorno ou ingresso na escola.

5.1

Aluno do PEJ, quem é você?

5.1.1

Caracterização sociodemográfica

Gênero

A população que compõe o PEJ é formada por percentuais próximos de homens e mulheres, sem predominância de um gênero sobre outro, mas apenas de uma discreta diferença a favor dos representantes do sexo masculino. Quando a variável *gênero* é contemplada, a partir da estratificação dos PEJs, identificamos que o PEJ I (Anexo 2) apresenta um maior percentual de mulheres matriculadas, sendo que, no PEJ II, acontece o inverso.

A análise dos dados relativos ao grupo etário, revela que, entre os mais jovens, ou seja, entre aqueles que têm até 21 anos de idade, encontra-se o maior percentual de homens e, entre os alunos com mais de 31 anos, o maior percentual de mulheres.

Tabela 1 – Relação entre gênero e grupo etário

Grupo etário	Sexo		
	Masc.	Fem.	Total
Entre 14 e 21 anos	47%	22,3%	33,9%
Entre 22 e 31 anos	31,6%	35,1%	33,4%
Mais de 31 anos	21,4%	42,6%	32,6%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Os dados mostram, assim, que o PEJ tem percentuais próximos de homens e mulheres matriculados. Entretanto, quando consideramos o gênero, a faixa etária e o PEJ freqüentado pelos alunos, percebemos que, no PEJ I, a maioria das mulheres está na faixa etária superior aos 31 anos, enquanto os homens mais jovens têm o percentual mais elevado de matrículas no PEJ II.

As mulheres retornam com mais idade para os estudos na EJA, possivelmente pela dificuldade de conseguir uma guarda para seus filhos menores e, também, devido à dupla jornada de trabalho que normalmente enfrentam fora e dentro de casa.

Os jovens do sexo masculino reingressam no sistema educacional mais cedo, motivados, talvez, pelas demandas do mercado de trabalho. É possível ponderar que as exigências impostas às mulheres, em se tratando do grupo social de pertencimento das pessoas que participaram desta pesquisa, sejam inferiores às impostas aos homens, se considerarmos que pode haver uma inserção maior dos homens no mercado de trabalho formal, enquanto as mulheres integram-se mais rapidamente no mercado informal, onde as exigências de escolaridade são menores.

Cor declarada

Presente em diferentes instrumentos de pesquisa nacionais para diversos fins, a solicitação da declaração da cor do respondente é passível de interpretações diversas. A apresentação do questionário aos alunos do PEJ I que não dominavam

a leitura, em formato bem próximo ao de uma entrevista estruturada, ratificou a dificuldade de se trabalhar com essa variável. Diante da solicitação para que auto-declarassem sua cor, respostas do tipo *me considero de cor normal* (respondente do PEJ I) foram apresentadas pelos alunos, que tiveram dificuldade em identificar sua cor com as alternativas oferecidas no questionário (branco, pardo, negro, amarelo ou indígena). As análises que se seguem, dizem respeito à auto-declaração dos alunos, sem levar em conta os critérios utilizados por eles para a escolha da sua cor.

Pelas respostas apresentadas (Anexo 3), identificamos que os pardos ou mulatos representam a maioria dos alunos do PEJ: 42% se declararam desta cor, seguidos por 35% dos alunos que se declararam brancos e por 16% que se identificaram como negros. Os alunos de cor amarela ou indígenas compuseram um percentual pouco significativo.

A atualização pelo sistema educacional das diferenças sociais pode ser observada na existência de um número menor de alunos negros freqüentando o PEJ. Esse dado pode estar indicando que os alunos negros são submetidos a um duplo processo de seletividade escolar: não apenas são eles os que menos se beneficiam de formas alternativas de oferta escolar, como, também, os que compõem o maior contingente de alunos no ensino fundamental formal que apresenta níveis de defasagem idade-série superiores aos da população branca ou amarela (Relatório Saeb 2001).

Idade

A variável contínua *idade* foi apresentada no questionário por meio de pergunta aberta. Assim, ela assumiu diferentes valores. A análise dos dados permitiram identificar que os alunos mais jovens do PEJ têm 14 anos e os mais velhos, 65 anos.

A média de idade dos alunos, obtida a partir da soma de todas as idades dos alunos dividida pelo total de alunos, é de 28,56 anos. O resultado não confirma a hipótese inicial dessa pesquisa de que a população de estudantes do PEJ seria, em sua maioria, formada por jovens, já que a idade média (próxima aos 30 anos) é uma idade elevada para ser classificada na categoria de juventude.

Na medida em que, ao representar o conjunto de informações sobre as idades dos alunos pela média, perde-se a noção de como essas idades se

distribuem, optamos por recorrer a outras formas de tratamento desta variável. Uma delas foi buscar identificar a moda²⁰, ou seja, a idade mais freqüente entre os respondentes. Nesse caso, a idade modal dos alunos é de 16 anos, o que poderia estar sinalizando um momento de inserção crescente de jovens no programa.

Todavia, o fato de essa pesquisa ser seccional, ou seja, de acontecer num único momento, dificulta uma avaliação mais correta do possível fenômeno de juvenalização do PEJ, indicando a necessidade de se fazer um acompanhamento dessa variável de forma longitudinal, a fim de se observar se essa tendência se confirma ou não ao longo do tempo.

Após essas observações iniciais, a variável *idade* foi transformada em uma variável ordinal, a fim de que pudesse ser melhor utilizada nas análises com outras variáveis. Para isso, foi construída a variável que passei a chamar de *grupo etário*, formada pelas idades declaradas pelos alunos organizadas em três grupos, a saber: pessoas com até 21 anos, entre 22 e 31 anos e com mais de 31 anos. A variável original foi, a partir daí, desprezada, passando a ser utilizada em minhas análises a nova variável construída.

Estratificando a análise dos grupos etários de alunos matriculados no PEJ, é possível perceber que, no PEJ I, predominam as matrículas de alunos mais velhos. O inverso acontece no PEJ II, onde encontramos um grupo etário de pessoas mais jovens.

Tabela 2- Relação entre o grupo etário e o PEJ de matrícula

PEJ de matrícula	Grupo etário			Total
	até 21	de 22 a 31	mais de 31	
PEJ I	21,9%	30,5%	56,8%	36,2%
PEJ II	78,1%	69,5%	43,2%	63,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

²⁰ Chamamos de moda a medida de tendência central que resume as informações contidas na variável, no caso a idade dos alunos, observando o valor mais freqüente de respostas.

Estado de procedência

Para caracterizar a naturalidade dos alunos, foram apresentadas apenas duas opções de respostas: se eram nascidos ou não no Estado do Rio de Janeiro. O objetivo do item era permitir a posterior associação dessa variável a outras ligadas, principalmente, à trajetória escolar dos alunos, visando a uma análise comparativa entre as ofertas educacionais presentes na vida dos estudantes do Estado do Rio com as dos oriundos dos demais estados da federação.

A análise inicial revelou que 58% dos alunos matriculados no PEJ são fluminenses. A distribuição da naturalidade dos alunos, pelos grupos etários, sinaliza que os mais jovens são predominantemente nascidos no Estado do Rio. Entre os alunos mais velhos, há um ligeiro predomínio dos que são naturais de outros estados (Anexo 4).

Quanto às relações entre gênero e naturalidade, a pesquisa mostrou que os homens são predominantemente fluminenses (70%) e entre as mulheres há uma discreta prevalência das nascidas em outros estados: 52% (Anexo 5).

O PEJ I reúne a maior parte dos imigrantes.

Quanto à naturalidade dos pais (Anexo 6), os alunos mais jovens, com até 21 anos de idade, apresentam o maior percentual de mães e pais naturais do Rio, enquanto, com os mais velhos, de mais de 31 anos, o fenômeno se inverte: é maior o percentual de mães e pais naturais de outros estados.

Cerca de 12% dos respondentes não souberam informar a naturalidade do pai, já a naturalidade das mães não foi informada por apenas 1,8% dos respondentes.

Religião

A análise descritiva dos dados sobre a religião dos alunos (Anexo 7) revela uma leve predominância de católicos. Alunos que se declararam católicos e evangélicos constituem, em conjunto, 84% das respostas. A opção oferecida *religião judaica* não foi indicada por nenhum aluno.

Constituição familiar

A maior parte dos alunos do PEJ ainda não constituiu sua própria família: 63% declararam não serem casados e não viverem com um companheiro. O percentual de alunos casados, ou que vivem com alguém, é superior entre as

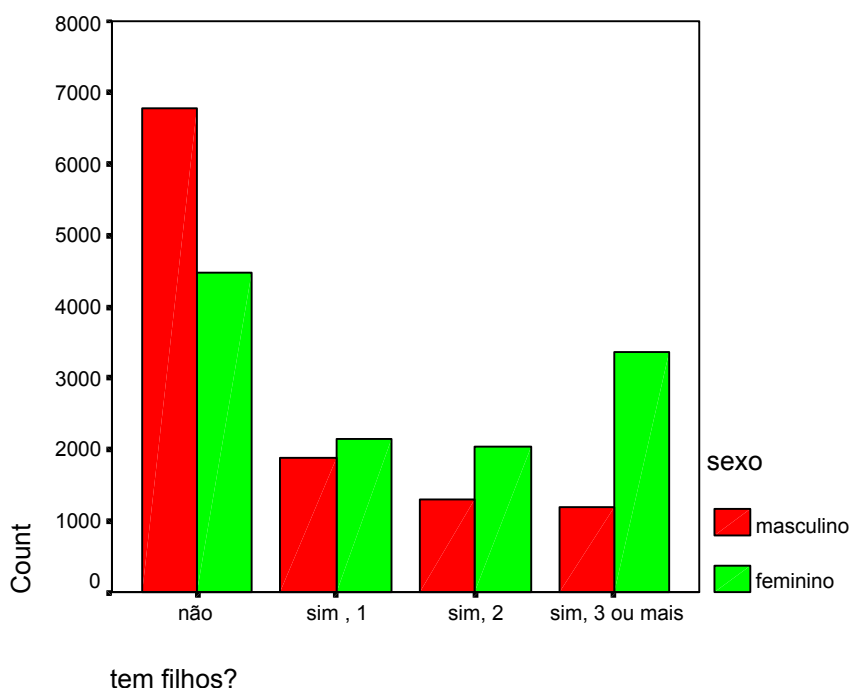
mulheres, entre os alunos matriculados no PEJ I e entre os que se situam numa faixa etária mais elevada (Anexos 8,9).

Dos declarantes, 51% dos alunos informaram ter filhos..

O Censo 2000 ²¹ identificou uma redução na taxa de fecundidade na Região Sudeste. No caso da população do PEJ, registra-se um número maior de filhos entre os alunos mais velhos (mais de 31 anos), e aqueles que têm apenas um filho concentram-se na faixa etária intermediária (de 22 a 31 anos), o que pode indicar, na população pesquisada, a manifestação dessa tendência (Anexo 10).

Quando comparamos o número de filhos e o gênero dos respondentes, verificamos que há um percentual maior de homens sem filhos e que as mulheres têm um número maior de filhos.

Gráfico 1 – Número de filhos por gênero



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Escolaridade dos pais

As variáveis *escolaridade do pai e da mãe* serão analisadas posteriormente, junto com outras sobre a trajetória escolar dos alunos, tendo em vista a sua importância para nossa pesquisa.

²¹Em 1960, a brasileira tinha 6,28 filhos, e em 2000 passou a ter apenas 2,38. Essa queda de 62,1%, segundo o IBGE, deve-se à redução na taxa de fecundidade no Sudeste.

Foi verificado um percentual elevado de alunos que declararam desconhecer a escolaridade do pai (37%) e um percentual menor, mas ainda assim significativo, daqueles que informaram desconhecer a escolaridade da mãe (17%).

5.1.2 Indicadores de renda e inserção no mundo do trabalho

Para investigar o capital econômico dos alunos, essa pesquisa recorreu a dados referentes à relação do aluno com o mundo do trabalho e à renda individual e familiar. No segundo caso, a pesquisa delimitou a coleta de informações a partir da renda bruta, tendo como referência a renda individual e a renda familiar total. As informações relacionadas principalmente à renda familiar são prejudicadas por diferentes motivos. Alguns deles puderam ser identificados nas entrevistas com os alunos do PEJ I, como, por exemplo, a falta de conhecimento do respondente sobre a renda dos demais membros da família, a não-inclusão de recursos oriundos de trabalhos temporários e outras dificuldades inerentes a esse tipo de pergunta. Contudo, os resultados obtidos não devem ser subestimados. Entre os alunos do PEJ, 19% informaram não saber a renda da família e 34% declararam renda familiar igual ou inferior a dois salários mínimos (sm).

Tabela 3 – Renda familiar bruta declarada pelo aluno

Renda bruta	Percentuais
Até 240,00	13,5 %
De 241,00 a 480,00	20,4 %
De 481,00 a 960,00	32,9 %
De 961,00 a 1440,00	8,8 %
De 1441,00 a 1920,00	2,9 %
Mais de 1920,00	2,4 %
Não sabem	18,7 %
Total	99,6 %
Não responderam	0,4 %
Total	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Sobre a relação com o trabalho, encontramos um percentual de 84% de alunos que, em algum momento de suas vidas, já se inseriram no mercado de trabalho. O ingresso em idade precoce também foi verificado: 49% dos alunos começaram a trabalhar com 14 anos de idade ou menos (Anexo 11).

Entre os alunos que declararam nunca ter trabalhado, são mais frequentes jovens com até 21 anos de idade e mulheres (Anexos 12 e 13).

Também foi indagado aos alunos se eles estavam trabalhando no momento da pesquisa e qual a relação desse trabalho com seu sustento e o sustento de outras pessoas. As respostas a essas perguntas mostraram uma ampliação do percentual de pessoas fora do mercado de trabalho (43%), principalmente entre as mulheres, como pode ser observado na Tabela abaixo.

Tabela 4– Relação entre o gênero do aluno e sua inserção no trabalho formal

O aluno trabalha atualmente	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Não	31,2%	55,5%	43,7%
Trabalha, mas depende da família	18,6%	13,1%	15,7%
Trabalha e não depende da família	22,8%	18,2%	20,4%
Trabalha e sustenta outras pessoas	27,4%	13,3%	20,1%
Total	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

É também entre os jovens que se concentra o maior percentual de pessoas fora do mercado de trabalho: 62,5% dos declarantes com até 21 anos de idade estão desempregados.

O questionário orientava o respondente a se encaminhar às perguntas que se referiam à sua condição de inserido ou não no mercado de trabalho. Iniciei a descrição dos resultados dos dois grupos de respondentes.

Informações dos alunos que declararam estar fora do mercado de trabalho

Entre aqueles que informaram não estar trabalhando atualmente, as razões apresentadas estão elencadas na Tabela abaixo:

Tabela 5 – Porque o aluno não trabalha atualmente

Motivo	Percentual válido
Não quer ou não precisa	2,8 %
Está desempregado	42,6 %
Se dedica apenas aos estudos	22,0 %
Está aposentado	2,0 %
Outro motivo	30,6 %
Total	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Na categoria *outro motivo*, as entrevistas com os alunos do PEJ I permitiram identificar que, entre as razões impeditivas para o trabalho, os alunos homens incluíram, com grande frequência, a apresentação ao quartel, tendo em vista a idade de alistamento militar, e as mulheres, o cuidado com os filhos menores e a proibição do marido.

Entre os alunos que informaram estar desempregados, 43% declararam se encontrar nessa situação por um período de até um ano, 19% de até dois anos e 38% há mais de dois anos (Anexo 14).

A grande maioria, 87%, está procurando um novo emprego. Para isso, os alunos recorrem, principalmente, à indicação de outras pessoas (70%). Grande parte dos alunos (40,5%) acredita que a pouca escolaridade é responsável pela dificuldade de se inserir no mercado de trabalho (Anexos 15,16 e 17).

Informações dos alunos que declararam estar inseridos no mercado de trabalho

Desses trabalhadores (Anexos 18 a 20), 40,5% têm carteira assinada, 34% declararam-se autônomos e 17% informaram ter sido contratados apenas por um período determinado. A frequência de servidores públicos entre os alunos do PEJ é bastante pequena, apenas 2,9% do total de alunos .

A baixa incidência de posse de carteira assinada e, conseqüentemente, de acesso aos direitos trabalhistas e à estabilidade profissional, reflete a exclusão de grupos seja por cor, idade ou gênero.

Foi observada uma leve diferença a favor dos homens no percentual de alunos com carteira de trabalho assinada (Anexo 21). Segundo o Censo 2000, as mulheres têm maior participação entre os empregados formais. Contudo, as empregadas domésticas, ocupação exercida por boa parte das mulheres matriculadas no PEJ, são as campeãs da informalidade. Talvez isso se reflita no resultado observado entre homens e mulheres do PEJ.

Quando observamos, também, a faixa etária daqueles que têm carteira assinada, podemos identificar que o grupo dos mais jovens representa a parcela menor, pois apenas 19,5% dos jovens com até 21 anos de idade e que estão trabalhando têm carteira assinada. Isso pode refletir as mudanças nas relações de trabalho na sociedade atual, que atingem principalmente a juventude.

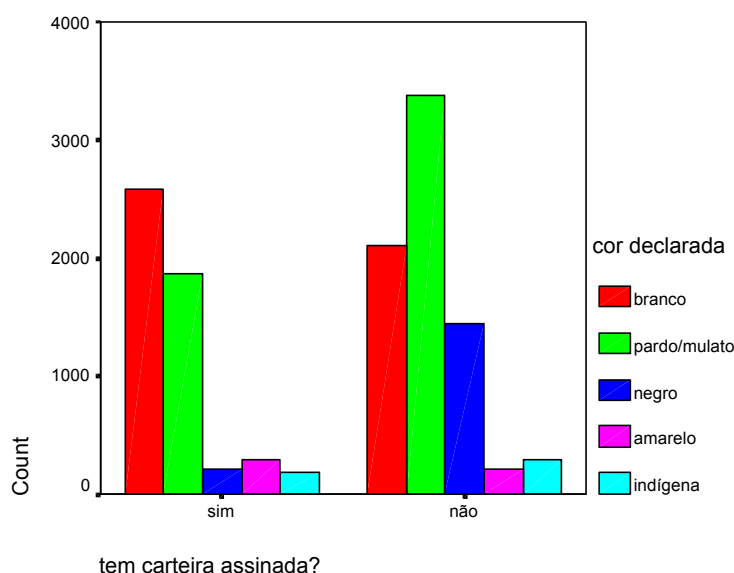
Tabela 6 - Relação entre o grupo etário do respondente e a posse de carteira assinada

Tem carteira de trabalho assinada	Grupo etário		
	até 21 anos	de 22 a 31 anos	mais de 31 anos
Sim	19,5%	52,6%	41,0%
Não	80,5%	47,4%	58,5%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

O grupo racial de origem dos alunos, também parece ter impacto sobre sua situação no mercado de trabalho. Entre os negros, a posse de carteira de trabalho assinada atinge apenas 13%, enquanto que entre os brancos é de 55% (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Relação entre a cor declarada pelo aluno e a posse de carteira assinada



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

O salário bruto recebido pelo trabalho desenvolvido oferecia, como possibilidade de resposta, quatro faixas salariais que tinham como referência o salário mínimo vigente. Segundo dados do IBGE,²² o salário mediano do trabalhador brasileiro é baixo, variando de acordo com a região do país ou área de localização (urbana ou rural). Dados do Censo 2000 revelaram que, naquele ano, aproximadamente metade da população ganhava até 2 salários mínimos (sm) por mês.

²² Censo IBGE - 2000

No caso da população do PEJ, essa renda salarial se apresenta ainda mais baixa: 38% dos alunos recebem até 01 sm, 45%, até 02 sm, 15,5%, até 04 sm e apenas cerca de 2%, até 06 sm.

Quando realizamos análises bivariadas desses dados, o resultado se modifica, indicando que alguns grupos estão em desvantagem salarial em relação a outros: negros, mulheres e jovens têm salários menores (Anexos 22 e 23).

Foi verificado que alunos com carteira de trabalho assinada têm os maiores salários, o que indica que a posse de carteira assinada guarda relação com o salário recebido. Os alunos que se encontram nas faixas mais altas de salário bruto superam em percentual os que não têm carteira assinada (Anexo 24).

O salário recebido é utilizado pelos alunos, prioritariamente, com compromissos familiares. O comprometimento da maior parcela do salário (57%) é com a alimentação pessoal e da família, e apenas 3% são destinados ao lazer (Anexo 25).

5.1.3 Experiências culturais, sociais e práticas de leitura

Com o objetivo de dimensionar os capitais social e cultural dos alunos, alguns itens do questionário serão analisados a seguir:

Atividades de lazer

Foram apresentadas diferentes atividades para que os alunos marcassem aquelas que realizaram ao longo do ano de 2003, indicando sua frequência.

As atividades de lazer praticadas pelos alunos (Anexo 26), segundo a ordem de frequência, são as seguintes: assistir televisão, ouvir música, ir ao shopping e ir à praia.

Mais da metade dos alunos (63%) informou não frequentar bailes. A entrevista com os alunos do PEJ I possibilitou perceber que a pergunta foi formulada indevidamente, pois a palavra “baile”, com a qual eu intencionava identificar a participação do aluno em festas coletivas com dança, incluindo nessa categoria de resposta os pagodes, forrós, sambas, charm e funk, na realidade, para

os alunos, representava apenas a última opção. Baile e funk são, para eles, sinônimos, o que compromete a análise dessas respostas.

As demais atividades apresentadas não são comuns no cotidiano dos alunos. Mais da metade deles não foi, em 2003, a cinema, show de música, museu ou teatro. Apenas 16% dos alunos informaram ter assistido à ópera, balé ou concerto de música clássica.

Na fala dos alunos do PEJ I, pude verificar duas características que apenas a aplicação do questionário não teria me permitido observar. Como só perguntei se os alunos haviam ido aos locais no ano de 2003, a entrevista com os alunos do PEJ I me permitiu constatar que, muitos deles, na realidade, nunca tiveram oportunidade de ir a um desses locais ao longo de suas vidas e que, grande parte dos que declararam ter ido, o fizeram com a escola, em atividades organizadas pelos professores.

Atividades educacionais complementares

O questionário também objetivou identificar se os alunos faziam algum curso complementar (Anexo 27). Os resultados apontaram que espaços de estudo, fora do horário das aulas, são pouco freqüentes e restringem-se às atividades organizadas pela própria escola.

Participação em diferentes espaços sociais

Quando perguntados sobre sua participação em grupos organizados (Anexo 28), verificamos que, começando pela escola e chegando às atividades políticas, os alunos do PEJ deles pouco participam, excetuando-se a participação em grupos religiosos, que se destaca na freqüência de respostas positivas dadas pelos alunos.

Em se tratando do grêmio estudantil, formado por alunos que são eleitos regularmente em todas as escolas da rede municipal, após campanha para divulgação de plataforma de trabalho, apenas 7 % dos alunos do PEJ declararam ter algum tipo de participação e muitos revelaram desconhecimento de sua existência.

Quando se trata da organização comunitária, apesar de ainda baixo, um percentual mais expressivo dos alunos do PEJ (22%) informou ter algum tipo de participação na associação de moradores local.

A participação na vida sindical é quase ausente na população: apenas 3% dos alunos participam desse tipo de atividades. A militância em partidos políticos também não faz parte do seu cotidiano: cerca de 93% dos respondentes afirmaram não ter qualquer tipo de participação em atividades políticas.

Quanto analisamos os resultados das respostas que buscavam identificar a participação dos alunos em atividades religiosas, o quadro se modifica substancialmente, demonstrando ser essa uma atividade da qual os alunos participam com bastante frequência.

Entre os respondentes, 89% informaram terem ido à igreja durante o ano e destes, 67% terem ido mais de 3 vezes. Além disso, 37% informaram participar de outras atividades ligadas à religião.

Pude perceber, pelas respostas apresentadas ao longo das entrevistas com os alunos do PEJ I, uma influência muito forte da igreja nas atividades dos respondentes. Muitos alunos informaram, por exemplo, que ouvem com frequência músicas nas rádios, mas somente nas evangélicas que tocam os hinos de igreja, louvores ou divulgam depoimentos de fé. Este fato também pode ser verificado entre os alunos que informaram já terem ido a shows, pois se tratava de shows evangélicos. Entre os que se declararam leitores de livros, jornais e revistas, essa leitura refere-se, algumas vezes, apenas ao material específico de sua religião: jornais de evangelização, livros, revistas e periódicos da igreja. Até a participação em partidos políticos sofre influência dos grupos religiosos, já que alguns alunos que declararam ter esse tipo de participação se referiam à distribuição de panfletos do candidato indicado pela igreja.

A pesquisa em pauta não permite constatar o grau de influência da participação em grupos religiosos na vida dos alunos, nos seus hábitos culturais e escolares. Contudo, a incidência de respostas positivas a esse respeito, dadas pelos alunos do PEJ I, indicam a necessidade de introduzir refinamentos nos itens do questionário que indagam esses aspectos.

Práticas de leitura

Para a identificação dos hábitos dos alunos fora da escola relativos a estudo e leitura (Anexo 29), foram apresentados alguns materiais a fim de que o respondente verificasse se fez uso ou não dos mesmos, ao longo do ano de 2003. Entre os materiais apresentados, são os livros da escola os mais lidos pelos alunos:

86% declararam ter realizado esse tipo de leitura durante o ano passado. Em se tratando de jornais e livros religiosos, respectivamente, 79% e 74% dos alunos informaram ter lido esses textos, ao longo do ano. Vale lembrar que não foi especificado o tipo de jornal, estando neste percentual incluídos os jornais religiosos distribuídos pelas igrejas, conforme fala dos alunos do PEJ I.

A opção de leitura de livros de ficção ou romance foi a que apresentou um percentual menor de leitores, apenas 34% dos alunos informaram ter lido esse tipo de material em 2003.

A informação sobre o acervo de livros em casa revela que 29% dos alunos declararam não ter nenhum livro em suas casas. Isto indica a importância do investimento constante nas bibliotecas das escolas, já que, para muitos, esse é o único espaço onde poderão ter acesso a diferentes livros e a outros materiais de leitura. Sinaliza, também, a necessidade de políticas mais ousadas de leitura, aliadas à implantação de ações que possam chegar até as famílias dos alunos.

Hábitos de estudo

A respeito dos hábitos de estudo fora da escola (Anexo 30), verificou-se que a maioria dos alunos (85%) declarou ter em sua casa um espaço adequado para estudar e que seu lugar de estudo também é em casa (70%). Os dados ratificam o desejo de aprender que está presente no estudante da EJA, pois, mesmo com diferentes compromissos próprios da vida adulta, como educação dos filhos, trabalho, afazeres domésticos, eles afirmaram, em sua maioria, não restringir o tempo para os estudos à sala de aula.

Recursos disponíveis

No questionário foram elencados alguns materiais que podem colaborar com a aprendizagem dos conteúdos escolares (Anexos 31 a 33), a fim de que o aluno sinalizasse os que possuía em sua residência. Jornais e revistas estão presentes na casa de, aproximadamente, metade dos estudantes e enciclopédias e atlas, apenas em cerca de 1/3 das casas. O dicionário, por sua vez, é mais popular: 82% dos respondentes declararam possuir dicionário em casa, sendo que muitos alunos do PEJ I informaram que seus filhos ganharam o dicionário na escola.

Entre os alunos, 72% têm calculadora e 21%, computador. Na era da velocidade da informação, apenas 29% informaram já ter navegado alguma vez na

Internet, resultado que pode ser contestado, já que na conversa com os alunos do PEJ I ficou evidente que utilizar qualquer programa num computador pode ser confundido pelos alunos como acessar a Internet.

Evidenciou-se, também, que o acesso à Internet aconteceu, muitas vezes, nos laboratórios das escolas.

É importante assinalar, contudo, que os resultados apresentados sobre experiências culturais, sociais, hábitos de estudos e acesso à tecnologia são preliminares e precisam ser objeto de associação com outras variáveis.

Os dados coletados a partir de itens dos questionários de pesquisas que tratam dos hábitos de estudo, acesso a bens culturais, apropriação das inovações tecnológicas, participação em diferentes grupos sociais revelam aspectos importantes sobre a seletividade escolar. Com efeito, as pesquisas mostram que o avanço na escolaridade do aluno e sua permanência no sistema educacional relacionam-se com a existência de condições favoráveis para o estudo em casa e com a frequência do aluno a outros espaços de caráter cultural e não apenas à escola. A Tabela 7, que compara o percentual de alunos do PEJ I e do PEJ II que já navegaram na Internet, ratifica essa constatação. O percentual de alunos do PEJ II que já navegou na Internet é bem mais elevado do que o do PEJ I, ficando acima do percentual total apresentado nos resultados preliminares desta pesquisa.

Tabela 7 – Relação entre o PEJ de matrícula e o acesso à Internet

Se o aluno já acessou à internet	PEJ I ou PEJ II		Total
	PEJ I	PEJ II	
Sim	10,1%	38,8%	28,6%
Não	89,9%	61,2%	71,4%
Total	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

5.2

... por onde você andou?

Apesar da universalização e democratização do ensino fundamental, existe ainda, no Brasil, uma parcela bastante significativa de alunos com experiências de reprovação²³, prática escolar responsável pela distorção idade-série e por levar os alunos ao abandono temporário ou definitivo da escola.

Pude comprovar essa realidade na pesquisa realizada: os dados coletados ratificam que a trajetória escolar do aluno matriculado no PEJ traz as marcas e experiências de uma história de ex-aluno do ensino regular, conforme mostra a Tabela 8.

Tabela 8 - Percentual de alunos que estudaram antes de ingressar no PEJ

Resposta apresentada	Percentual de respostas		Total
	PEJ I	PEJ II	
Sim	82,5%	97,5%	92,1%
Não	17,5%	2,5%	7,9%
Total	100 %	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA²⁴ estabelecem três funções para a educação de jovens e adultos:

função reparadora, que se refere ao ingresso no circuito dos direitos civis, pela restauração de um direito negado; a função equalizadora, que propõe garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade, de modo a proporcionar maiores oportunidades de acesso e permanência na escola aos que até então foram mais desfavorecidos; por último, a função por excelência da EJA, permanente, descrita no documento como a função qualificadora. (Soares, 2002, p. 13)

A função da educação de jovens e adultos, que garante o atendimento às necessidades contínuas de aprendizagem e atualização, inerentes à vida do homem nos tempos atuais, ou seja, a chamada educação durante toda a vida²⁵, ainda não é

²³ Os dados, por exemplo, do SAEB 2001 apontam taxas bastante elevadas de percentuais de reprovação prévia entre os alunos pesquisados.

²⁴ O Parecer 11/2000 é o texto que regulamente as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA

²⁵ O relatório da Unesco para o século XXI aponta a *educação ao longo da vida* como fundamental ao homem neste novo século.

exercida efetivamente pela EJA, que está voltada, prioritariamente, para as outras duas funções que buscam resgatar ao cidadão o direito à escolaridade básica.

Evidencia-se que o PEJ é um programa voltado para atender pessoas que viveram o chamado fracasso escolar e buscam a oportunidade de concluir o ensino fundamental.

Partindo do meu conhecimento prévio da população, que me permite saber que ela é constituída, na sua totalidade, de alunos oriundos de meios socialmente desfavorecidos e de uma camada da população que sofre, em sua trajetória escolar, diferentes acidentes que resultam em sua exclusão do sistema educacional formal, busquei conhecer, por meio dessa pesquisa, algumas características associadas às trajetórias escolares dos alunos. Para tal, construí itens de questionário e variáveis relacionados com aspectos econômicos, culturais e sociais dos alunos e com suas características sociodemográficas, de modo a verificar a incidência e a intensidade dos aspectos que têm maior impacto sobre o destino escolar dos alunos, antes do seu ingresso no PEJ.

A literatura aponta que a relação entre as classes populares e a escola é contraditória, marcada tanto por atitudes de rejeição quanto pelo desejo e luta para não perder o direito à instrução. O acesso aos saberes construídos e valorizados pela sociedade e a obtenção do certificado escolar que legitima esse saber e sustenta expectativas em relação a situações menos adversas de vida pela qualificação profissional, são metas para as famílias de baixa renda que buscam conquistar uma situação de vida melhor por intermédio da escola. Isso nos ajuda a compreender por que 92% dos alunos matriculados no PEJ já estudaram quando crianças e persistem agora na luta por completar o ensino fundamental.

Com estas idéias em mente, dou início a certas análises que nos permitam conhecer melhor a trajetória da luta desses alunos, representantes das classes populares, pela permanência na escola.

Conforme já comentado, a pesquisa revelou que a população do PEJ é marcada pela existência de uma escolaridade anterior, apenas 8% desses alunos afirmaram não ter estudado em escolas formais antes de ingressar no PEJ. Uma análise das respostas a alguns quesitos do questionário possibilita identificar que os alunos sem escolaridade prévia se encontram, predominantemente, matriculados no PEJ, sendo, na sua maioria, mulheres. A totalidade dessa

significativa parcela de alunos tem pai e mãe com escolaridade igual ou inferior à 5ª série ou pais que nunca estudaram.

Quando indagados sobre os motivos responsáveis pela falta anterior de estudo ou de frequência à escola, 45% dos alunos indicaram a necessidade de ingresso precoce no mercado de trabalho como a causa principal, ou seja, apontaram uma razão que está, de fato, diretamente relacionada com o baixo capital econômico desses alunos.

Contudo, o motivo principal que levou esses jovens e adultos a não ingressarem na escola quando crianças modifica-se quando analisado em conjunto com outras variáveis. Para as mulheres, por exemplo, a entrada no mundo do trabalho não tem peso determinante, sendo outros fatores, tão ou mais expressivos que esse, responsáveis pela impossibilidade de elas estudarem. É entre os homens que encontramos o trabalho precoce como causa principal da ausência de ingresso ou de frequência à escola.

Tabela 9 - Por que nunca estudou antes de ingressar no PEJ

Motivo principal	Sexo		Total
	Masculino	feminino	
Precisou trabalhar cedo	87,7%	16,7%	45,4%
A família não procurou escola		16,7%	9,9%
Não conseguiu vaga ou não tinha escola onde morava		33,3%	19,9%
Estudava com alguma pessoa	12,3%	16,7%	14,9%
Outro motivo		16,7%	9,9%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

A opção *outro motivo* aparece apenas entre as mulheres, com um percentual de aproximadamente 17% das respostas. A aplicação dos questionários em alunos do PEJ I possibilitou identificar alguns dos motivos que afastaram as mulheres da escola na infância. Com certa frequência, os serviços do lar e as atividades delegadas às mulheres no seio da família, tais como, cuidar dos irmãos mais novos, cuidar da casa ou de algum enfermo, foram impeditivos para o estudo na infância. A proibição do pai, por julgar que escola é coisa apenas para menino, foi, segundo falas de alunas do PEJ I, um outro motivo que prejudicou o acesso à escola.

Quando analisamos o estado de origem dos alunos, podemos observar que aqueles que nasceram no Rio de Janeiro predominam entre os que ingressaram no mercado de trabalho precocemente e, por isso, nunca estudaram. Os naturais de outros estados apresentaram diferentes motivos (Anexo 37), entre eles, a ausência de vagas ou escolas. Assim, podemos considerar que, no Estado do Rio de Janeiro o processo de democratização do acesso à escola de ensino fundamental já é uma realidade.

Classificando os alunos por faixa etária, observamos que entre os alunos mais velhos, ou seja, com idade superior a 31 anos, encontra-se a maior parcela de alunos que nunca estudaram. Diante desses dados, mais uma vez, fica evidente a generalização do atendimento do ensino fundamental público no Estado do Rio de Janeiro.

E por onde andaram os 92% de alunos do PEJ que estudaram anteriormente à sua matrícula na educação de jovens e adultos?

A pesquisa indicou que são alunos oriundos da escola pública, já que 78% dos que freqüentaram a escola antes do PEJ estudaram nessas escolas (Anexo 40).

A aplicação do questionário aos alunos do PEJI tornou possível observar que aqueles que informaram ter estudado em algum momento da sua trajetória em escolas particulares o fizeram no período destinado ao jardim de infância ou educação infantil, ou seja, na idade escolar não obrigatória

Quando analisamos os resultados referentes à idade de ingresso desses alunos na escola, observamos que 38% dos alunos que estudaram antes de ingressar no PEJ já estavam dentro da escola mesmo antes de ter 7 anos, idade obrigatória fixada pela LDB. Observamos, também, que 29% dos alunos ingressaram na escola aos 7 ou 8 anos de idade. Assim, apenas 24% dos alunos ingressaram tardiamente na escola, ou seja, com distorção idade-série (Anexo 41).

Apesar de ser tradicionalmente difícil a captura desse tipo de informação, via questionário, apenas 9% dos respondentes informaram não se lembrar da idade de ingresso na escola, percentual ótimo de respostas que pode decorrer da forma como foi organizada a apresentação dos itens do questionário, de modo a favorecer a recuperação dessa informação na memória do respondente no início do preenchimento do instrumento e, portanto, quando o respondente está menos cansado.

Voltando ao tema da frequência à escola, os dados mostram que a concentração maior de alunos que entraram tardiamente na escola está localizada entre aqueles que não são naturais do Rio de Janeiro. Entre os fluminenses, 15% ingressaram na escola com 9 anos ou mais, enquanto que entre os alunos naturais de outros estados este percentual passa para 39% (Anexo 42).

A escolaridade do pai interfere na idade de ingresso dos filhos na escola: quanto maior a escolaridade do pai, menor é a faixa etária dos filhos no primeiro ano de escola. Contudo, observa-se um fenômeno curioso com relação aos pais que possuem ensino médio: o fato de os pais terem escolaridade de nível médio não parece afetar significativamente a idade de ingresso dos filhos na escola, conforme pode ser visualizado na tabela abaixo, que apresenta, de maneira associada, a idade de ingresso do aluno na escola e a escolaridade do pai.

Tabela 10 - Relação entre a escolaridade do pai e a idade de ingresso do aluno na vida escolar

Idade de ingresso do aluno na escola	Escolaridade do pai				
	Nunca estudou	1 ^a a 4 ^a série	5 ^a a 8 ^a série	Ensino médio	Não sabe
Menos de 7 anos	16,8%	46,7%	56,5%	46%	31,7%
7 ou 8 anos	30%	31,8%	21,8%	18%	30,8%
De 9 a 14 anos	35,6%	10%	9,5%	35,9%	19%
Mais de 14 anos	11,9%	6,4%			5,7%
Não se lembra	5,6%	5%	12,2%		12,7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

A mesma situação se verifica no caso da escolaridade das mães. É menor o percentual de filhos que entraram na escola fundamental aos 7 ou 8 anos de idade, quando as mães cursaram o ensino médio do que quando elas apenas freqüentaram as séries finais do ensino fundamental (Anexo 43).

Considerando que, conforme comentado acima, um percentual significativo do total de declarantes, que estudou antes de ingressar no PEJ, entrou com menos de 7 anos na escola, idade referente à educação infantil, podemos considerar que foi nesse nível que 40% dos alunos cursaram seu primeiro ano de vida escolar. As respostas mostram, também, que há uma percentagem de 48% de alunos que estudaram, inicialmente, em classes de alfabetização ou na 1^a série do ensino fundamental (Anexo 44). Não foi observada

variação significativa desses percentuais de acordo com o gênero, cor declarada ou outras das variáveis investigadas. Apenas quando verificamos a naturalidade dos alunos, é que identificamos uma certa vantagem no acesso à escola para os nascidos no Rio de Janeiro, onde 48% ingressaram na educação infantil. Já entre os alunos nascidos em outros estados, apenas 27% tiveram a mesma oportunidade (Anexo 45).

Nesse início de viagem, através da trajetória escolar desses alunos, verificamos que os resultados ratificam a importância dada pelas famílias das classes populares ao investimento escolar de seus filhos: muitos estudaram antes de ingressar no PEJ, entraram na escola antes dos 8 anos de idade, cursaram o jardim de infância ou classes de alfabetização.

Essa trajetória se aproxima e guarda comunalidades com a vivida por alunos que concluíram seus estudos de nível fundamental. Entretanto, esse não foi o caso dos alunos do PEJ.

E o que aconteceu neste percurso escolar que fez com que a população desta pesquisa, ou seja, os alunos matriculados no PEJ, não conseguissem concluir o ensino fundamental quando crianças ou jovens?

A primeira hipótese levantada em torno do processo de exclusão escolar relaciona-se com as reprovações vividas pelos alunos.

Quando indagados sobre a existência ou não de reprovações em sua vida escolar, 67% dos alunos responderam de forma positiva, conforme dados mostrados na Tabela abaixo, que também mostra a frequência com que aconteceram as reprovações na sua vida escolar.

Tabela 11 - Se foi e quantas vezes o aluno foi reprovado

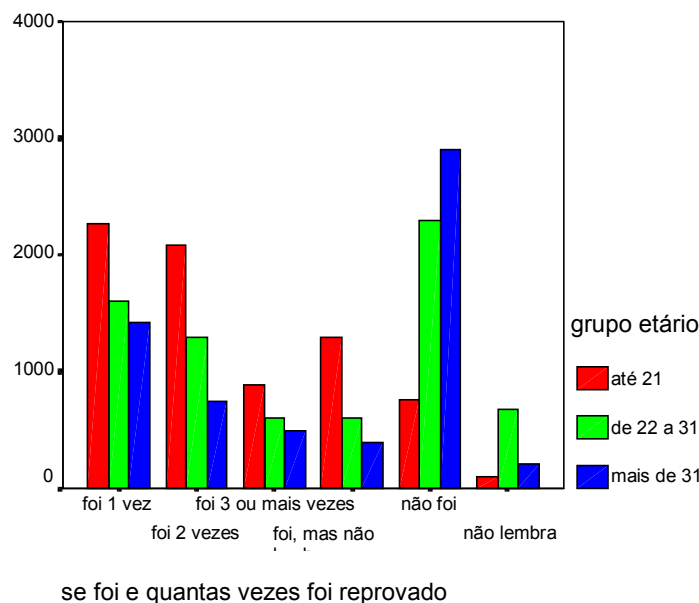
Existência de reprovação na trajetória do aluno	Percentual de alunos
Foi reprovado 1 vez	25,6%
Foi reprovado 2 vezes	20,1%
Foi reprovado 3 ou mais vezes	10,2%
Foi reprovado, mas não lembra quantas vezes	10,7%
Não foi reprovado	28,7%
Não lembra	4,6%
Total	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Não foi verificada alteração significativa desses resultados por gênero ou cor declarada dos alunos. Todavia, ao olharmos o histórico de reprovações,

classificando os alunos por grupos de idade, podemos concluir que entre os alunos mais velhos, ou seja, entre aqueles com mais de 31 anos de idade, a frequência de reprovações é inferior à dos mais jovens e que, inversamente, entre os mais jovens, ou seja, com idade igual ou inferior a 21 anos, há uma frequência maior de reprovações. Esses dados podem ser melhor visualizados no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Se foi e quantas vezes o aluno foi reprovado por grupo etário



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Do total de alunos matriculados no PEJ que estudaram antes de ingressar no programa, cerca de 29% declararam não terem sido reprovados, embora todos não tenham conseguido concluir o ensino fundamental.

Este resultado é curioso, e, para buscar compreendê-lo, precisamos recorrer às informações referentes ao abandono da escola.

O questionário da pesquisa apresentava uma questão relativa às interrupções no fluxo escolar, ao longo dos estudos, antes da matrícula no PEJ. Os dados coletados a este respeito informaram que 83% dos alunos pararam de estudar uma ou mais vezes (Anexo 46).

Quando indagados sobre os motivos desses afastamentos, o ingresso precoce no mercado de trabalho apareceu como a causa principal para 44% dos alunos. Apenas 16% dos respondentes disseram que o motivo para sair da escola,

mesmo que temporariamente, estaria relacionado com sua inadaptação à instituição (Anexo 47). Esta resposta pode estar ratificando o fato de que o aluno e sua família acabam se submetendo às orientações e decisões tomadas pelo sistema escolar, sem questioná-las.

Os alunos do PEJ I permitiram identificar, também, outros motivos para o abandono da escola não captados pelo questionário. Entre eles, estão: doenças pessoais, problemas familiares, casamento, gravidez, embora, todos, com pequena frequência de respostas.

O fluxo escolar interrompido por reprovações ou afastamentos temporários da escola resulta na distorção idade-série dos alunos. No caso dos alunos do PEJ, essa distorção parece ter sido ocasionada, muitas vezes, pelo afastamento do aluno durante períodos médios e longos da instituição escolar.

Segundo os resultados da pesquisa, a última série cursada pelo aluno antes de deixar definitivamente a escola e de buscar o PEJ se concentra nos anos iniciais da educação fundamental. A análise desses resultados precisa ser olhada levando-se em conta a estratificação do PEJ, já que são pré-requisitos para a alocação do aluno no PEJ I ou no PEJ II a comprovação de sua escolaridade anterior e o seu conhecimento escolar acumulado²⁶. A Tabela 12 permite observar, para cada PEJ, até que série o aluno estudou na escola regular antes de frequentar o programa.

Tabela 12 - Até que série do ensino fundamental o aluno estudou por PEJ de matrícula

Série	PEJ		Total
	PEJ I	PEJ II	
1ª série	34,3%	1,3%	12%
2ª série	19,4%	3,8%	8,9%
3ª série	28,4%	10,3%	16,1%
4ª série	11,9%	14,1%	13,4%
5ª série		26,9%	18,2%
6ª série	1,5%	23,1%	16,1%
7ª série		16,7%	11,3%
8ª série		3,8%	2,6%
Não lembra	4,5%		1,5%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

²⁶ Os alunos matriculados no PEJ I encontram-se trabalhando conteúdos relativos ao 1º segmento do ensino fundamental, ou seja, da 1ª a 4ª série, e os do PEJ II, ao 2º segmento, da 5ª a 8ª série

Se atentarmos para a última série cursada pelo aluno, levando em conta a variável *gênero* (Anexo 48), observamos que o percentual de mulheres que não conseguiu avançar para além da 1ª série é de 18%, ou seja, é superior ao de homens, já que, entre estes últimos, apenas 6% não conseguiram sair da 1ª série do ensino fundamental.

A maior concentração de homens têm escolaridade equivalente à 5ª série, o que pode significar que talvez seja esta série a mais preocupante do ponto de vista do abandono escolar entre os jovens do sexo masculino, que têm antecedentes de reprovação no ensino fundamental. Há uma discreta diferença entre a escolaridade atingida por homens e mulheres. Delas, 54% pararam seus estudos no ensino regular na 4ª série, enquanto entre os homens apenas 46,5 % pararam nessa série. Os demais alunos homens prosseguiram e pararam em séries posteriores.

A variável *cor* (Anexo 49) mostra que 65% dos alunos negros interromperam seus estudos até a 4ª série. Este percentual é superior ao das outras categorias de cor declarada. Novamente, a naturalidade dos respondentes foi uma variável significativamente relacionada com o fluxo escolar do aluno. Apenas 41% dos alunos que se declararam naturais de outros estados conseguiram ultrapassar a 4ª série, enquanto 53% dos alunos naturais do Rio de Janeiro concluíram seus estudos na 5ª série ou mais (Anexo 50).

O início da escolaridade também afeta a última série a ser cursada pelo aluno. Os respondentes que iniciaram seus estudos na educação infantil apresentam certa vantagem, em termos de anos de estudo, em relação àqueles que iniciaram seus estudos posteriormente. A totalidade dos alunos que declararam ter chegado à 8ª série antes de ingressar no PEJ frequentou o Jardim de Infância²⁷. Apenas 8% dos alunos que ingressaram no Jardim não ultrapassaram a 1ª série do ensino fundamental.

²⁷ A Educação Infantil é identificada nessa pesquisa como Jardim de Infância por ter sido a denominação utilizada no questionário para maior identificação dos respondentes dessa etapa da vida escolar.

Tabela 13 - Relação da última série cursada pelo aluno com sua série de ingresso na escola

Última série cursada	Primeira série cursada na trajetória escolar				
	Jardim de infância	Alfabetização ou 1ª série	Outra série	Não lembra	Total
1ª série	8,3%	17%		13,2%	12%
2ª série	5,9%	10,8%	16,3%		8,9%
3ª série	15,1%	15,4%	20,9%	26,4%	16,1%
4ª série	9,3%	18,3%	10,5%		13,4%
5ª série	21,8%	10,7%	41,8%	23,6%	18,2%
6ª série	19,7%	17,1%			16,1%
7ª série	10,9%	10,7%	10,5%	23,6%	11,3%
8ª série	6,6%				2,6%
Não lembra	2,4%			13,2%	1,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

A incidência de reprovações na vida escolar, bem como as interrupções nessa trajetória são variáveis que precisam ser observadas com cautela para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Entre os alunos que informaram ter parado de estudar apenas uma vez, 49% não conseguiram ultrapassar a 4ª série. Entre aqueles que pararam mais de uma vez, o percentual sobe para 59%. Já para os alunos que informaram nunca ter abandonado a escola, esse percentual se reduz para 34%, ou seja, um maior percentual de alunos conseguiu ultrapassar a 4ª série antes de sair do ensino regular.

Considerando que 63% dos alunos que não tiveram interrupções na vida escolar ultrapassaram o 1º segmento do ensino fundamental, ou seja, chegaram até a 4ª série, e que apenas 39% daqueles que não sofreram reprovações alcançaram a mesma escolaridade, podemos concluir que o fato de o aluno abandonar a escola, a chamada evasão escolar, no caso da população investigada, interferiu mais na trajetória escolar desses alunos do que a própria reprovação. A análise comparativa das duas Tabelas abaixo ilustra esta constatação. A Tabela 14 apresenta a série final cursada pelo aluno, levando-se em conta as reprovações sofridas durante sua trajetória escolar. Por sua vez, a Tabela 15 mostra a série final cursada pelo aluno, quando se levam em conta as interrupções ocorridas durante o curso escolar.

Tabela 14 – Relação entre a última série cursada pelo aluno e suas experiências de reprovação

Série	Se foi e quantas vezes foi reprovado						
	Foi 1 vez	Foi 2 vezes	Foi 3 ou mais vezes	Foi, mas não se lembra quantas vezes	Não foi	Não lembra	Total
1 ^a	9,1 %		18,9 %	4,5 %	22,0 %	20,9 %	12,0 %
2 ^a	3,8 %	9,1 %	14,2 %	12,6 %	6,8 %	29,1 %	8,9 %
3 ^a	19,2 %	2,4 %	18,9 %	25,2 %	14,8 %	39,6 %	16,1 %
4 ^a	12,0 %	19,6 %	14,2 %	4,5 %	15,5 %		13,4 %
5 ^a	13,5 %	38,7 %	16,9 %	16,2 %	12,1 %		18,2 %
6 ^a	32,3 %	12,9 %	8,5 %	16,2 %	9,1 %		16,1 %
7 ^a	6,7 %	17,2 %	8,5 %	16,2 %	12,1 %		11,3 %
8 ^a	3,4 %				6,0 %		2,6 %
Não se lembra				4,5 %	1,7 %	10,4 %	1,5 %
Total	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Tabela 15 – Relação entre a última série cursada pelo aluno e as interrupções na sua vida escolar

Série	Se antes de ingressar no PEJ parou de estudar				
	Sim 1 vez	Sim mais de 1 vez	Não	Não lembra	Total
1 ^a	14,6%	11,5%	5,9%		12,0%
2 ^a	11,4%	5,8%	2,9%	100%	8,9%
3 ^a	13,4%	22,6%	11,8%		16,1%
4 ^a	9,8%	18,9%	13,4%		13,4%
5 ^a	19,4%	18,0%	15,8%		18,2%
6 ^a	15,1%	15,4%	21,0%		16,1%
7 ^a	12,4%	5,1%	21,0%		11,3%
8 ^a	1,8%	2,6%	5,3%		2,6%
Não se lembra	2,0%		2,9%		1,5%
Total	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Na busca de alternativas para a correção do fluxo escolar dos alunos, alguns projetos vêm sendo instituídos pelas Secretarias de Educação. Na última década, na cidade do Rio de Janeiro, dois projetos mereceram destaque especial: o projeto de Aceleração da Aprendizagem e, bem mais recentemente, as Turmas de Progressão. São projetos distintos, com objetivos diferentes, mas que visam ambos ao sucesso do aluno e à possibilidade de continuação de seus estudos. Foi perguntado ao aluno se ele havia estudado ou não em classe de aceleração ou progressão, sem discriminá-las. Dos alunos, 16% responderam afirmativamente,

ou seja, disseram que freqüentaram esses projetos. Entre eles, a maior parte estuda no PEJ II, no qual cerca de 19% dos alunos matriculados passaram por turmas desses projetos (Anexo 52).

Na pesquisa realizada para esta dissertação, não pretendi entrar nos méritos ou deméritos desses programas, nem diferenciá-los, apenas tentei identificar, entre os estudantes do PEJ, possíveis alunos oriundos dessas iniciativas, com o objetivo de melhor mapear sua trajetória escolar. Estima-se que essa informação poderá subsidiar, futuramente, uma avaliação dos referidos projetos e também alguns diagnósticos necessários para a elaboração da proposta curricular do PEJ.

5.3 De volta à escola

Apesar da maioria dos alunos do PEJ vir de uma trajetória escolar marcada pela evasão, pela repetência ou, em alguns casos, pela impossibilidade de entrar na escola, essas pessoas, com idades variadas, retornam à instituição ou conquistam, pela primeira vez, os bancos escolares. E o que levou esses alunos de volta à escola?

O desejo de continuar os estudos e chegar à universidade acompanha o maior percentual de alunos do PEJ: 29% dos alunos matriculados disseram ser este o motivo que os fez procurar a escola. Contudo, quando analisamos esse dado, relacionando-o com o PEJ de matrícula, observamos que esse percentual é mais significativo entre os alunos do PEJ II, já que para os alunos matriculados no PEJ I, aprender a ler e a escrever foi a necessidade/desejo principal responsável por fazê-los voltar a ser alunos.

Adquirir novos conhecimentos apareceu como segundo motivo escolhido tanto pelos alunos do PEJ I, com 21% das respostas, quanto pelos alunos do PEJ II, com 24%. A Tabela abaixo apresenta todas as opções de respostas e as escolhas feitas pelos alunos, de acordo com o PEJ de matrícula.

Tabela 16- Motivo principal para voltar a estudar

Motivo principal	PEJ		Total
	PEJ I	PEJ II	
Adquirir Conhecimentos	21,2%	23,7%	22,9%
Aprender a ler e escrever	32,5%	1,3%	12,5%
Fazer faculdade	7,5%	41,2%	29,1%
Exigência do trabalho	3,8%	1,3%	2,1%
Conseguir trabalho ou melhorar no trabalho atual	17,5%	23,7%	21,5%
Motivos familiares	5,0%	1,3%	2,6%
Motivos religiosos	1,3%		0,4%
Outros motivos	11,3%	7,5%	8,8%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Se compararmos o gênero dos alunos (Anexo 53) com os motivos que os levam a procurar o PEJ, vemos que são os homens quem buscam mais a escola como meio de conseguir um trabalho ou ascender no trabalho atual: 32% deles e apenas 12% das mulheres procuram alcançar esse objetivo por intermédio da escola.

As mulheres demonstram mais vontade de aprender a ler e escrever como motivo do retorno à vida escolar. Enquanto 19% das mulheres voltaram para aprender a ler e a escrever, somente 5% dos homens foram motivados por esse desejo.

Quando olhamos os motivos que levaram o aluno de volta aos estudos, classificando-os por grupos de idade (Anexo 54), concluímos que, entre os mais novos, o desejo de fazer uma faculdade destaca-se. Já os alunos com idade entre 22 e 31 anos, além de desejar também chegar à universidade, vêm a escola como uma possibilidade de ingresso no mercado de trabalho.

Entre os mais velhos, aprender a ler e a escrever é o que, predominantemente, impulsiona o seu retorno aos estudos.

E o que o PEJ tem representado para esses alunos? Será que, diante da diversidade de faixa etária e dos motivos diferenciados pelos quais voltaram à escola, o programa em pauta vem conseguindo atender às diferentes expectativas e desejos dessas pessoas? Para buscar responder a essas e outras perguntas, certos itens do instrumento de pesquisa foram direcionados para identificar alguns aspectos da trajetória escolar dos alunos, após o seu ingresso no PEJ.

Ressalto que essa pesquisa não se propôs a realizar um mergulho mais profundo na avaliação do programa e de seus impactos na vida do aluno. Apenas algumas questões simples foram apresentadas para o respondente, a fim de fazer uma avaliação preliminar do PEJ, a partir da ótica específica do aluno e da identificação de suas perspectivas de continuação dos estudos.

A avaliação do programa restringiu-se a uma única pergunta, pela qual os alunos eram convidados a conceituar o PEJ. As possibilidades de respostas foram similares aos conceitos recebidos pelos alunos²⁸, como resultado da avaliação pedagógica praticada nas escolas do PEJ em relação a seu desempenho acadêmico, por ocasião do conselho de classe²⁹. Fiz essa opção por considerar que, tanto a nomenclatura quanto seu significado seriam de domínio de todos os alunos matriculados na rede pública. Os resultados apontam um quadro bastante satisfatório sobre o trabalho do PEJ, conforme a Tabela 17.

Tabela 17 - Avaliação do PEJ pelo aluno

Como considera o PEJ	Percentual de respostas
Ótimo	40,4%
Muito bom	34,4%
Bom	17,0%
Regular	7,4%
Insatisfatório	0,8%
Total	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Não houve variação significativa desse resultado, quando comparadas as respostas apresentadas pelos alunos do PEJ I e PEJ II, o que nos leva a inferir que o trabalho realizado em ambos os PEJs está atendendo às expectativas dos alunos.

Para saber um pouco mais sobre aquilo que mais atrai o aluno para o programa, foram refinados itens do questionário, levando-se em conta as informações obtidas no pré-teste, o que possibilitou listar as respostas mais freqüentes dos alunos a esse item. Essas respostas foram do seguinte tipo: os amigos, o conhecimento adquirido, os professores e as atividades desenvolvidas pela escola. Essas opções passaram a compor as possibilidades de respostas para a

²⁸ Os alunos da rede pública municipal são avaliados, segundo a Resolução 776, através dos conceitos - O, MB, B, R, I de acordo com o seu desempenho. Foi proposta pela SME, uma grande discussão com alunos e pais a fim de esclarecer o significado de cada um desses conceitos.

pergunta. A opção *outro motivo* foi introduzida para atender às possibilidades de respostas não contempladas na primeira versão do questionário.

Segundo as respostas de metade dos alunos, o que mais os atraiu para o PEJ foi o conhecimento escolar.

Quando comparadas as respostas dos alunos do PEJ I com as dos alunos do PEJ II, percebe-se que, apesar de ser o conhecimento adquirido a opção mais escolhida pelos dois grupos, no PEJ I há uma frequência acentuada de respostas que indicam o professor como aquilo que o PEJ oferece de melhor. Isso ratifica que a relação professor-aluno é mais forte, quando se trata de turmas de 1^a a 4^a séries, nas quais apenas um professor trabalha com uma turma, sendo ele, nesses grupos, a grande referência para garantir a permanência do aluno na escola. A Tabela 18 apresenta o resultado comparativo das respostas dos alunos do PEJ I e do PEJ II a essa pergunta.

Tabela 18 – Relação entre o que o aluno mais gosta no PEJ e o PEJ onde se encontra matriculado

Opção principal	PEJ		Total
	PEJ I	PEJ II	
Amigos	1,3%	2,5%	2,0%
Conhecimento adquirido	41,3%	63,8%	55,7%
Professores	35,0%	11,3%	19,8%
Atividades desenvolvidas pela escola	21,2%	17,5%	18,8%
Outro motivo	1,3%	5,0%	3,7%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Após o ingresso no PEJ, a trajetória escolar dos alunos não foi interrompida: 91% deles não pararam de estudar depois que decidiram reiniciar seus estudos. Há uma incidência ligeiramente maior de abandono do PEJ entre os alunos do PEJ II, já que 10% dos alunos pararam de estudar e retornaram, enquanto, entre os alunos do PEJ I, esse percentual cai para 6% (Anexo 55).

Não podemos considerar que, ao ser retomada, a trajetória escolar dos alunos do PEJ tenha seguido seu fluxo regular sem novas interrupções, pois não

²⁹ O conselho de classe é o período destinado à conceituação dos alunos. Ele acontece, no caso do PEJ, trimestralmente, em datas previamente agendadas.

foram investigados os alunos que abandonaram a escola antes do momento da pesquisa e a pesquisa envolveu apenas aqueles que estavam estudando no final do ano letivo. Assim, esse resultado aponta para a necessidade de se continuar investigando, mesmo que seja posteriormente, quantos e quais são os alunos que se reintegram à vida escolar e novamente a abandonam, bem como os motivos que os levam a tomar essa decisão.

A indicação de uma pesquisa voltada para a evasão no PEJ emerge mais claramente ainda, quando analisamos os resultados da consulta aos alunos sobre o tempo de matrícula no programa: entre os respondentes, 65% entraram no PEJ em 2003, ou seja, estavam, por ocasião da pesquisa, completando o primeiro ano de estudo no programa (Anexo 56).

Esse resultado permite vislumbrar a importância de se investigar mais a fundo uma possível evasão do aluno que se matricula no PEJ. Algumas causas, podem ser apontadas como razões para explicar a existência de um percentual tão alto de alunos que estão estudando no PEJ há apenas um ano. Podemos, por exemplo, relacionar o aumento significativo de oferta de vagas no PEJ³⁰, nos últimos anos, como um dos motivos do reduzido número de alunos com mais de um ano de estudo no programa.

Outra possibilidade de leitura está relacionada com o caráter progressivo e acelerativo do programa, que possibilita que os alunos possam completar o bloco de aprendizagem antes do término de um ano letivo, de acordo com seu desempenho escolar. Assim, saem e entram alunos no PEJ durante todo o ano letivo.

Com certeza, torna-se necessário um olhar mais atento para essa questão, que está relacionada com uma avaliação mais detalhada e criteriosa do atendimento oferecido pelo PEJ aos estudantes. A atual pesquisa, conforme já mencionei anteriormente, não teve seu recorte direcionado para esse objetivo.

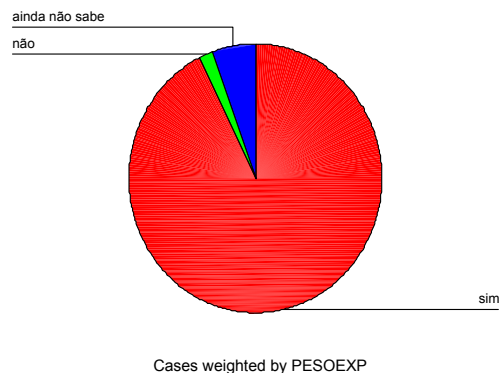
Contudo, se a questão da evasão surgiu ao longo do trabalho, despertando e impulsionando a necessidade de estudos complementares junto à população pesquisada, o desejo de não interromper os estudos e de prosseguir na vida acadêmica é evidente entre os alunos que participaram da pesquisa. Conforme o

³⁰ Conforme o Quadro 1, apresentado no 2º Capítulo, o PEJ vive um processo de expansão bastante significativo, o que está gerando um ingresso cada vez maior de alunos no projeto.

Gráfico 4, quando indagados sobre seu desejo de continuar estudando, 93% dos alunos manifestaram a convicção de fazê-lo.

Gráfico 4 – Pretende continuar estudando após completar o Ensino Fundamental no PEJ?

se pretende continuar estudando



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Fica, assim, evidenciado o valor da escola para esses alunos.

6 Considerações finais

Precisamos ter um pé no sonho, outro na realidade e um pouco de uma sã ousadia louca.

(Paulo Freire)

Chegar ao final da pesquisa, no momento quando começamos a nos sentir um pouco mais preparados para mergulhar nela, é um sentimento que, com certeza, compartilho com muitos outros mestrandos. Contudo, em mim, essa sensação talvez esteja mais forte. A opção metodológica escolhida, por si só, já impõe a necessidade da continuidade desse estudo.

Quando comecei a construir o meu tema de pesquisa, as angústias, dúvidas e desejos eram muitos e me impulsionaram ao desafio de fazer, no pouco tempo disponível, uma pesquisa quantitativa.

O pé no sonho me inclinava a desenvolver uma pesquisa que desse conta de descrever o perfil dos alunos matriculados no PEJ e suas trajetórias escolares. Demanda resultante de anos de trabalho com as classes populares e, em especial, com os jovens e adultos que perseguem a escola, ou melhor, o direito de estar nela, e concluir os seus estudos. A busca de respostas para muitas perguntas tornava-se uma meta da qual eu não conseguia me afastar.

Esse envolvimento tão grande com o tema da pesquisa levou-me à ousadia de querer realizar um survey, uma pesquisa por amostragem, que desse conta de fornecer descrições sobre esses alunos e suas trajetórias escolares, que pudessem ser generalizadas para toda a população de alunos matriculados no PEJ. Persegui esse objetivo, mesmo sendo alertada de que não daria conta de atingi-lo no tempo e condições disponíveis.

Muito a contragosto, sinalizei no meu projeto de pesquisa a possibilidade de realizar um estudo-piloto, o que eu considerava ambição modesta demais, face à emergência do meu problema:

Ciente das restrições de tempo e recurso para a realização de survey por amostragem, dentro das normas estabelecidas para o mestrado, poderei, para fins da elaboração da dissertação, encerrar este trabalho com a realização de um estudo intermediário, ou seja, um bom estudo-piloto que me permita

dar continuidade à pesquisa de maneira independente, após a conclusão do mestrado, já que os dados úteis a serem obtidos a partir da realização da mesma, são de meu interesse profissional. Esta decisão será tomada de acordo com o encaminhamento da pesquisa, com o auxílio do meu orientador (Projeto de Pesquisa, 2003, p. 10).

O pé na realidade se fez presente logo que comecei a entender melhor como deve ser um bom survey e a função do estudo-piloto para sua qualificação³¹.

Como não tinha conhecimento sobre a metodologia de pesquisas de survey, precisei recorrer a uma disciplina introdutória que me desse sustentação para realizar o trabalho. Foi desafiador fazer o estudo-piloto de um survey, ao mesmo tempo em que aprendia como deveria fazê-lo.

Chego ao final dessa dissertação, tendo realizado muito menos do que queria, ou seja, um survey, mas tendo conseguido realizar o estudo-piloto, um estudo menor completo, que incluiu todas as etapas do desenho da minha pesquisa, da seleção da amostra ao relatório final, o que me dá possibilidade de continuar o trabalho fazendo os acertos necessários e os refinamentos, qualificando, assim, o futuro *survey*.

Apresento, nesse capítulo final, uma avaliação do estudo-piloto, apontando as necessidades de mudanças no desenho da pesquisa e relatando algumas das descobertas propiciadas pela descrição e análise dos dados trazidos pela pesquisa, tendo em mente o seguinte passo: a elaboração de uma pesquisa de *survey*.

6.1 Avaliação do estudo-piloto

Apesar de um estudo-piloto diferenciar-se de um survey definitivo pelo seu tamanho, que é menor do que o segundo, o presente trabalho não teve essa característica. Realizei todo o desenho da pesquisa num tamanho próximo do pretendido no estudo final. Minha intenção foi realmente testar os diferentes aspectos que envolveriam a pesquisa final.

³¹ Não poderia deixar de revelar que, durante toda a pesquisa, agi como se estivesse realizando um *survey*, mergulhando fundo em todas as suas etapas e amargando um certo ressentimento de não ter tempo, no mestrado, para concluir o estudo definitivo.

Em relação à amostragem, defini uma amostra representativa da população, selecionando-a a partir das mesmas premissas que pretendo usar no futuro *survey*. Foi feita uma amostra probabilística por conglomerados, considerando, como conglomerados, as escolas com funcionamento de PEJ.

Essas escolas foram escolhidas, aleatoriamente, por sorteio, a partir da lista de todas as escolas com PEJ. Trabalhei com um maior número de conglomerados e um menor número de unidades amostrais. Entre as 94 escolas com PEJ, 8 foram selecionadas e, em cada escola, 20 alunos responderam o questionário. Para escolha dos alunos, optei por uma estratificação de acordo com o bloco de aprendizagem de referência em que estavam matriculados. Assim, dos 20 alunos selecionados em cada escola, 5 pertenciam a cada um dos 4 blocos. Minha amostra final contou com a participação de 160 alunos. A escolha dos alunos por bloco e por escola, também, foi feita a partir de sorteio, com o auxílio de recurso do programa EXCEL.

O estudo-piloto sinalizou que, no desenho da amostragem, talvez fosse necessária a revisão da escolha das escolas. Ao optar por fazer a escolha dos conglomerados por meio de uma seleção aleatória, prevendo que, de uma lista de elementos da população, alguns fossem escolhidos aleatoriamente, corri o risco de que a minha amostra não tivesse, por exemplo, a presença de escolas das diferentes áreas da cidade. A situação vivida nesse estudo-piloto não comprometeu a análise dos resultados, já que não houve esse problema nas escolas sorteadas, o que me possibilitará a replicação da análise dos dados para a população do PEJ.

Contudo, como pretendo por meio do futuro *survey* conhecer o perfil sociodemográfico e cultural dos alunos, a localização geográfica da escola pode vir a introduzir certo viés nas características dos alunos que a procuram; para não correr esse risco, será preciso, no desenho final, realizar uma estratificação para a escolha das escolas, fazendo com que a amostra guarde o maior número possível de características da população.

O questionário usado neste estudo-piloto, cujo processo de construção mereceu destaque nessa dissertação, tendo em vista sua relevância para a pesquisa, apesar de ter sofrido as mudanças e ajustes indicados pelo pré-teste e por algumas das considerações dos especialistas, ainda se apresenta como um instrumento que precisa de reformulações e refinamentos significativos que

podem trazer contribuições importantes para o encaminhamento de mudanças no futuro *survey*.

A leitura da dissertação de mestrado intitulada *A vingança dos anexos*, de Patrícia Lacerda, permitiu-me uma maior compreensão do que foi vivenciado por mim nesta etapa da pesquisa. Busquei relatar, ao longo da dissertação, a complexidade do processo de construção desse tipo de pesquisa em educação e, principalmente, de seu instrumento de coleta de dados contextuais. Também relatei as duas formas diferentes utilizadas no estudo-piloto para a aplicação do questionário: de maneira auto-administrada e como roteiro de entrevista. Na primeira estratégia, as falhas relacionadas à formatação do questionário, principalmente no que se referia às perguntas-filtro, que remetiam o respondente para percursos por blocos de questões diferenciados, puderam ser percebidas e sanadas imediatamente, já que antes da entrega definitiva dos instrumentos era feita uma revisão dos mesmos pelo pesquisador, na presença do respondente. Essa estratégia, além de permitir a correção imediata dos percursos de respostas dos alunos, também possibilitou ao pesquisador conferir a compreensão das respostas apresentadas, colhendo, assim, subsídios para o refinamento das questões que comporão o *survey*.

Durante o trabalho com os alunos do PEJ I, que pressupunha a leitura pelo pesquisador de todas as perguntas, o contato olho no olho com o respondente provocou um mergulho mais fundo na sua lógica diante dos quesitos do questionário. Nessas circunstâncias, pude constatar, muitas vezes, que essa lógica era diferente daquela que eu pressupunha, ao elaborar cada item. Ao término de cada noite de trabalho, desnudava meu questionário um pouco mais, identificando informações ocultas, que só as entrevistas me permitiram ver.

O acúmulo de observações feitas ao longo da aplicação do questionário, da elaboração da base de dados e das descrições e análises posteriores permitiu identificar alguns itens do questionário que precisarão de modificações futuras.

O questionário abrangeu todas as questões que eu pretendia investigar, e um dos pontos passíveis de mudança refere-se, precisamente, ao seu tamanho. Como consequência do meu envolvimento com o tema, procurei aproveitar a oportunidade aberta pela pesquisa, para incluir perguntas que foram sugeridas pelas minhas indagações gerais sobre a EJA. Diante, por exemplo, das dificuldades enfrentadas pelos alunos de acesso aos direitos de cidadania, incluí

no questionário itens que identificassem se os alunos do PEJ possuíam documentação legal como, por exemplo, carteira de identidade, CPF, título de eleitor, carteira de trabalho. Pretendia verificar se, enquanto supervisora do PEJ, precisava buscar parcerias que garantissem aos alunos acesso a esse tipo de documentação, que é uma exigência para inserção em diversas frentes de atendimento ao cidadão. Esses e outros quesitos que, muitas vezes, não se mostraram pertinentes ao tema que pretendia investigar, acabaram por tornar o questionário muito longo e por me levar a desconsiderar algumas variáveis nas minhas análises.

Apesar disso, devo ressaltar que não houve, por parte de nenhum respondente, comentários negativos sobre o tamanho do questionário e que, tampouco, o tempo médio despendido em seu preenchimento superou o previsto. Contudo, isso se deve muito mais à estratégia usada na aplicação do questionário do que à adequação da quantidade de perguntas. Concluí, assim, que o instrumento utilizado no estudo-piloto teve mais questões das que terá o futuro *survey*.

O formato do questionário, aliado à estratégia de aplicação, garantiram um retorno bastante satisfatório de respostas. Pouquíssimas questões não foram respondidas, fazendo com que os índices de não-respostas apresentassem percentuais muito baixos, o que garantiu a possibilidade de análise de todas as variáveis.

Os itens do questionário foram organizados em quatro seções, contendo, no início de cada uma delas, comentários sobre os objetivos das questões. A ordem de apresentação dos itens e das seções foi pensada de forma a estimular a participação dos respondentes. O instrumento começa pelas questões que tradicionalmente exigem mais atenção, por se referirem a dados do passado da vida do aluno, e termina com perguntas mais rotineiras, que não exigem o esforço da memória.

Após a aplicação do questionário, construí a base de dados de acordo com o desenho do *survey*, utilizando o programa SPSS. Ao elaborar o espelho da base de dados, fui percebendo a importância da ação direta do pesquisador também nesse momento da pesquisa, pois, quem elaborou e aplicou o instrumento de pesquisa executará com mais propriedade essa fase, sem perder ou omitir dados importantes. Foi um dos momentos mais ricos do estudo-piloto.

A etapa da análise das variáveis no estudo-piloto, que se seguiu à construção da base de dados, garantiu uma compreensão melhor de quais informações são necessárias para minha investigação e de que forma elas devem ser apresentadas. Esse estudo apontou as modificações que precisarei realizar em itens do instrumento que será utilizado no *survey*, a fim de produzir, efetivamente, dados úteis. Por exemplo, foram identificadas questões com frequência maior de respostas na categoria *outros*, de respostas não-excludentes, de respostas qualificadas ou comentários diretos. No Apêndice desse documento, descrevo algumas das questões que necessitam de reformulações e refinamentos, para compor o futuro *survey*.

Outras mudanças deverão observar a variância das respostas em algumas perguntas, levando em consideração os propósitos do meu estudo e, em especial, do item analisado e as relações possíveis entre as variáveis. Este cuidado deverá acontecer, principalmente, em relação à análise das trajetórias escolares dos alunos, tema central de minha pesquisa.

A opção de trabalhar no estudo-piloto com um instrumento composto de 105 variáveis, com uma amostra muito próxima, em tamanho, daquela a ser utilizada no *survey*; o fato de ter realizado sozinha todo o processo de construção da base de dados; e também de me debruçar na descrição e análise de todas as variáveis, exigiu muito esforço e tempo, comprometendo a conclusão de algumas tarefas.

Ao encerrar o estudo-piloto, acredito que tenha me aproximado dos procedimentos adequados para sua realização. Não consegui, contudo, concluir o processo de validação interna dos itens, que deverá ser completado antes da realização do *survey*. Não consegui, tampouco, encerrar as mudanças identificadas como necessárias ao instrumento da pesquisa, tendo em vista o tempo disponível para conclusão do trabalho.

Aprendi e verifiquei o quanto a realização de pré-testes e do estudo-piloto podem qualificar a pesquisa. Reconheço, contudo, que realizar uma pesquisa de *survey*, executando as etapas necessárias que a antecedem, exige disponibilidade de tempo e de recursos, o que muitas vezes leva pesquisadores a abrirem mão de sua realização.

Conquistei, com a realização desse trabalho, experiência no planejamento e desenvolvimento de um estudo-piloto, o que me dá condições de antecipar que

poderei realizar futuramente um *survey* que possa contribuir para o conhecimento dos alunos do PEJ e para subsidiar as políticas de EJA do nosso município. Além disso, como a amostra do estudo-piloto foi extraída com o rigor necessário para que representasse a população alvo, e os demais procedimentos de um *survey* também foram respeitados, chego ao término do estudo com algumas descobertas preliminares, mas essenciais, obtidas a partir da análise dos dados, que deverão ser fundamentalmente as mesmas do *survey* final.

6.2

Algumas descobertas da pesquisa

As análises que compõem o corpo do trabalho e as principais descobertas aqui apresentadas são o resultado de estimativas pontuais que representam o valor apurado na amostra, utilizando os pesos amostrais e que permitem expandir as análises realizadas para a população do PEJ. Cabe ressaltar que, quando trabalhamos com levantamentos amostrais, trabalhamos também com uma margem de erro, já que, na pesquisa por amostragem observamos apenas uma parcela da população. Esse relatório não apresenta os erros amostrais, devido aos constrangimentos de tempo colocados pelo término do prazo destinado à apresentação desse trabalho e também pelo fato de que me encontro ainda em fase de aprendizagem sobre esse tema. Todos os percentuais apresentados foram obtidos utilizando o peso amostral, tendo sido evitados os resultados muito próximos que prescindiriam dos cálculos do erro amostral.

Os dados levantados por intermédio desse estudo-piloto poderão ser comparados com os que serão obtidos no futuro *survey*.

As descobertas iniciais dessa pesquisa se constituem em informações relevantes, das quais devem se apropriar os profissionais que atuam nas diferentes instâncias da educação de jovens e adultos, pois poderão gerar um maior conhecimento sobre os alunos e subsidiar o desenvolvimento de estratégias de atuação baseadas nesse conhecimento.

Ressalto que um pequeno número de variáveis puderam ser analisadas a partir dos dados obtidos na ficha de matrícula dos alunos ausentes no momento da pesquisa. Ao serem examinadas, essas variáveis apontaram que esses alunos guardam as características da amostra, não tendo sido identificadas descrições

divergentes daquelas identificadas na população. Em síntese, a exploração dos dados obtidos no estudo-piloto me permitiram chegar às seguintes considerações:

- **Aluno do PEJ, quem é você?**

i. O PEJ não tem uma única cara. A marca de sua população é a heterogeneidade. Trata-se, entretanto, de uma heterogeneidade equilibrada, sem predomínio de grupos específicos. Há diferenças de gênero, cores, locais de procedência, idades, religiões, constituições familiares, escolaridade dos pais, diferentes inserções e não-inserções no mercado de trabalho. A variância encontrada em grande parte dos itens relacionados a fatores sociodemográficos e familiares da população ajuda a formar um grande mosaico, que desafia a criação de uma política educacional que atenda às diferentes exigências, necessidades e expectativas do alunado.

ii. Contrariamente, os itens relacionados com fatores econômicos e culturais, tais como: renda familiar, propriedade de pequenos bens e acervos, consumo cultural do aluno, hábitos de leitura e de estudo e os de participação em diferentes grupos sociais unificam a população do PEJ, caracterizando-a como um grupo desfavorecido no que se refere à estrutura e ao volume de capital econômico, cultural e social detido pelos alunos e suas famílias.

iii. A inserção dos alunos do PEJ em diferentes grupos sociais organizados na forma de grêmios, sindicatos, associações de moradores, partidos políticos e grupos culturais é inexpressiva, excetuando-se a participação em grupos religiosos.

iv. A pesquisa aponta a necessidade de se investigar o grau de influência da igreja na vida dos alunos – nos seus hábitos e características culturais, pois comentários complementares a algumas respostas, realizados pelos respondentes do PEJ I, indicam que há uma presença significativa da religião na vida dos alunos, em seus hábitos de estudo, na sua seleção de leituras, na participação em grupos organizados, nos motivos que os fazem retornar à escola, nos espaços culturais que freqüentam e em torno a outros aspectos sociodemográficos e culturais.

v. Em relação à hipótese subjacente a esse estudo, segundo a qual estaria se efetivando, no PEJ, um processo de juvenilização dos alunos, foi verificado que a *média* de idade dos alunos matriculados é de 28,5 anos, o que não confirma a presença maciça de jovens no programa. Contudo, a frequência maior de alunos em algumas faixas de idade mais baixas, percebida pela identificação da *moda* da idade de 16 anos, pode estar sinalizando um ingresso crescente de jovens no programa. A pesquisa aponta, assim, para a necessidade de se fazer o acompanhamento da idade dos alunos, a fim de observar se essa tendência se confirma ou não.

vi. A análise estratificada da variável *idade*, identificou, no PEJ II, o predomínio da matrícula de alunos mais jovens e, no PEJ I, de alunos com mais idade.

vii. Verificou-se o ingresso precoce no mercado de trabalho em 49% da população de alunos do PEJ.

viii. Mulheres, jovens e negros matriculados no PEJ constituem os grupos mais prejudicados pela seletividade do mercado de trabalho: representam o maior percentual de pessoas que não têm carteira assinada e que estão alocadas na menor faixa de renda salarial. Mulheres e jovens também são os que estão fora, com maior frequência, do mercado de trabalho.

• **Aluno do PEJ, por onde você andou?**

i. Os alunos do PEJ têm, em sua maioria (92%), uma trajetória escolar anterior ao ingresso no PEJ. Confirma-se, assim, a hipótese de que o PEJ é um programa voltado para atender as pessoas com experiência prévia de exclusão escolar.

ii. A maioria dos alunos que relataram a existência de uma trajetória escolar anterior à matrícula no PEJ estudou em escolas públicas.

iii. O ingresso na escola ocorreu, com frequência bastante significativa, na idade de escolaridade obrigatória e, em muitos casos, na Educação Infantil: 67% dos alunos do PEJ ingressaram na escola até os 8 anos de idade e 40% na Educação Infantil.

iv. Foi verificado que a idade com a qual os alunos da população pesquisada ingressaram na escola foi influenciada, entre as variáveis analisadas, pelo estado de procedência e pela escolaridade dos pais: entre os que entraram tardiamente na escola, há uma maior frequência de alunos que não são naturais do Rio de Janeiro; entre os fluminenses, foi verificado um percentual maior de alunos que ingressaram na escola a partir da Educação Infantil.

v. A escolaridade dos pais explica a idade de ingresso dos alunos na escola regular. Foi verificado que quanto maior a escolaridade dos pais, menor a faixa etária dos filhos no primeiro ano de vida escolar. Contudo, não foi observado, nesta pesquisa, o mesmo fenômeno quando a escolaridade dos pais ultrapassa o ensino fundamental.

vi. A existência de reprovações marca a vida escolar de parcela significativa da população e é influenciada por outras variáveis: 67% dos respondentes relataram reprovações ao longo de sua trajetória escolar; a frequência de experiências de reprovações foi verificada com maior intensidade entre os alunos mais jovens.

vii. Uma marca na população pesquisada é a evasão escolar dos alunos, identificada com base nas interrupções que aconteceram ao longo de sua vida escolar: 83% deles declararam ter parado de estudar uma ou mais vezes durante a frequência à escola regular.

viii. Considerando que todos os alunos matriculados no PEJ não conseguiram concluir o ensino fundamental e têm 14 anos ou mais de idade, no caso da população investigada, a evasão escolar interferiu mais na trajetória escolar dos alunos do que a reprovação, já que 29% dos alunos declararam não ter experiência prévia de reprovação escolar, embora não tenham conseguido concluir o ensino fundamental.

ix. A escolaridade obtida até a saída definitiva do ensino regular pode ser explicada pelo impacto de diferentes aspectos relacionados ao aluno, tais como a cor, o gênero, o estado de procedência, a relação entre a idade do aluno, a série de início da escolaridade e as interrupções na vida escolar: foi

verificada uma discreta desvantagem para as mulheres em relação aos homens quando medida a série final de estudo antes do ingresso no PEJ; evidenciou-se, também, uma desvantagem para os declarantes de cor negra, já que 65% dos negros pararam de estudar na 4ª série ou antes, sendo este percentual superior ao dos que se autodeclararam brancos ou pardos e que avançaram mais na escolaridade; a 5ª série é a última série cursada no ensino regular pela maioria dos homens matriculados no PEJ; os alunos naturais do Estado do Rio de Janeiro ultrapassaram a 4ª série, antes de abandonar a escola, com maior frequência do que os alunos oriundos de outros estados; entre os alunos que pararam de estudar uma vez, 49% não ultrapassaram a 4ª série; entre os alunos que pararam de estudar mais de uma vez, 59% não ultrapassaram a 4ª série.

x. O fato de iniciar a escolaridade na Educação Infantil afeta significativamente a série de terminalidade dos alunos: os declarantes que iniciaram seus estudos na Educação Infantil apresentaram certa vantagem em relação àqueles que iniciaram seus estudos posteriormente; todos os alunos que chegaram até a 8ª série, antes de ingressar no PEJ, freqüentaram a Educação Infantil; apenas 8% dos alunos que freqüentaram a Educação Infantil não ultrapassaram a 1ª série da escola regular. Esses resultados demandam outras pesquisas que introduzam novas variáveis de modo a refinar a compreensão da associação positiva entre freqüência à Educação Infantil e permanência na escola.

xi. Na população do PEJ, encontramos 16,5% de alunos oriundos de projetos de correção do fluxo escolar, tais como *Aceleração da Aprendizagem e Progressão*. Esses alunos se encontram matriculados majoritariamente no PEJ II. Considerando que esses projetos estão relacionados às séries iniciais do Ensino Fundamental, e que o PEJ II trabalha com conteúdos equivalentes às séries finais, podemos concluir que o ingresso desses alunos não está, aparentemente, apontando o fracasso dos referidos programas. Esta hipótese mereceria uma pesquisa específica, já que o estudo desenvolvido não teve o objetivo de realizar uma avaliação dos programas, mas tão somente de identificar a freqüência de alunos que passaram por eles e que estão matriculados atualmente no PEJ.

xii. A pequena parcela da população que não estudou antes de ingressar no PEJ (8%), apresenta as seguintes características gerais: percentual maior de mulheres; percentual maior de pessoas mais velhas; filhos de pais que, como eles, não tiveram oportunidade de estudar; entre os homens, o principal motivo alegado para não ter estudado foi o ingresso no mercado de trabalho, já para as mulheres foram outros os motivos, ligados às funções tradicionais da mulher na família/casa; entre os respondentes naturais do Estado do Rio de Janeiro, a entrada no mercado de trabalho os afastou da escola. Por sua vez, entre os nascidos em outros estados, foi a inexistência de escola ou vagas que apareceu como um dos motivos que explicam a falta de frequência à escola.

- **Por que você voltou para a escola?**

i. Os objetivos que trazem os alunos de volta à escola variam de acordo com o gênero e a faixa etária. Os homens e as pessoas mais jovens vêm a escola como um meio de conseguir um trabalho ou de ascender no emprego; as mulheres e as pessoas com mais idade demonstram mais vontade de aprender a ler e a escrever.

ii. A maior parte da população afirmou o desejo de continuar os estudos (93%) e muitos afirmaram que pretendem chegar à universidade.

iii. O conhecimento adquirido, para um percentual bastante expressivo da população, é o ponto forte do PEJ. Entre os alunos do PEJ I, a figura do professor se destaca como aquilo que a escola tem de melhor.

iv. Os resultados da pesquisa apontam que, ao retomarem suas trajetórias escolares, matriculando-se no PEJ, os alunos não mais interromperam seus estudos. Contudo, não foram investigados alunos que abandonaram a escola antes do momento da pesquisa, pois esta envolveu apenas os alunos que chegaram até o final do ano letivo. Torna-se necessária a realização de um novo estudo que investigue quantos e quais são os alunos que se reintegram à vida escolar e depois a abandonam novamente, bem como os motivos que os fazem tomar essa decisão.

v. A demanda apontada pela pesquisa da realização de estudos visando identificar a evasão e a baixa frequência às aulas dos alunos matriculados no PEJ, foi ratificada pelo levantamento realizado no estudo-piloto junto à amostra de alunos: entre os alunos sorteados para compor a amostra da pesquisa, 52% não estavam presentes na escola no dia da aplicação do questionário. Considerando que, nas análises preliminares feitas no estudo-piloto, a evasão foi o fenômeno que marcou mais fortemente a trajetória prévia desses alunos, antes do seu ingresso no PEJ, podemos levantar a hipótese de que a história, mais uma vez, pode estar se repetindo. Caso essa hipótese seja confirmada, os profissionais que atuam nas diferentes instâncias do PEJ precisarão rever o compromisso político do programa, sua proposta pedagógica, a prática docente e a articulação com outras políticas públicas municipais, para que, efetivamente, atendam às necessidades e expectativas dos jovens e adultos das camadas populares, de modo que eles não desistam, mais uma vez, da escola.

Chegando ao final desse trabalho, verifico que o estudo-piloto mostra a pertinência de algumas hipóteses que deram sustentação a essa pesquisa, entre elas, a de que os alunos matriculados no PEJ são egressos do próprio sistema educacional. De outro lado, aponta para a necessidade de revisão de outras hipóteses, tais como a da juvenilização da educação de jovens e adultos, demandando pesquisas complementares.

O estudo forneceu, também, várias pistas sobre o que deverá ser pesquisado no *survey* final. Entretanto, as descobertas iniciais desta pesquisa já podem se transformar em instrumentos de trabalho para tantos outros que, como eu, atuam na educação de jovens e adultos.

Por sua vez, a opção realizada, no decorrer do trabalho, de utilizar, articuladamente, metodologias quantitativas e qualitativas de pesquisa, foi impulsionada pelas exigências impostas pelo problema que pretendia investigar³² e me ajudou a compreender que, na pesquisa social, o mais importante é a capacidade de selecionar os instrumentos de pesquisa

³² Foi, inicialmente, pelo fato de os alunos do PEJ I não saberem ler, e por não poder deixá-los fora da amostra, que decidi trabalhar com o questionário, aproximando-o de um roteiro de entrevista.

mais adequados para o problema que estamos pesquisando. A adoção dessa estratégia vem ao encontro da questão do pluralismo metodológico. O pesquisador social precisa adotar uma postura metodológica mais aberta, evitando o que Bourdieu (1989) chama de “monoteísmo metodológico” e definindo a metodologia a partir da indissociabilidade entre a teoria e a prática.

A utilização de questionários e de entrevistas permitiu que, no decorrer do estudo-piloto, pudesse inferir relações entre as falas dos alunos e os dados do questionário, que foram extremamente férteis em minhas análises posteriores do instrumento. Nesse sentido, pude enxergar melhor alguns resultados, remetendo-me às histórias de vida incessantemente contadas pelos alunos entrevistados e que não poderiam ser traduzidas nas opções de respostas apresentadas no questionário auto-aplicável. Compreendo que a metodologia diferenciada de aplicação do questionário, imposta inicialmente pela limitação do analfabetismo dos alunos, me permitiu enxergar melhor a complexidade do instrumento.

Considerando que um único estudo não prova coisa alguma, e somente uma série de estudos pode começar a fazê-lo (Babbie, 1999), convido a outros tantos professores que têm compromisso com a escola pública e, em especial, com a educação de jovens e adultos, a sonharem, ousarem e realizarem estudos que possam nos ajudar a melhorar nosso ofício de professor.

Cabe destacar que a EJA tem sido uma área marcada por muitos programas e campanhas, em nosso país. Urge a construção de uma política para a educação de jovens e adultos. Nessa construção, cabe também à universidade um papel muito importante: incluir o tema no rol dos estudos emergentes, garantindo-lhe o espaço devido como fomento aos projetos de pesquisa na área.

Bibliografia

ABRAMO, Maria Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n.5 e 6, p.25-36, 1997.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. 1ª. reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos da Educação*. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) Petrópolis: Vozes, 1998.

----- . *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, Papirus, 1997.

----- . *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em Educação – Conversas com pós-graduandos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BRASIL. Lei 9394 de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. MEC/INEP. SAEB. Dados 1997.

BRASIL. MEC/INEP. SAEB. Dados 2001.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. *Ensino noturno - realidade e ilusão*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CENSO, mostra quem trabalha. *O Dia*, Rio de Janeiro, Caderno Economia e Política, p.15, 27dez/2003.

D ÁVILA, José Luiz Piôto. Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de classe. *Educação & Sociedade*. Campinas, ano XIX, n. 62, p. 13-30, abril/1998.

DUBAR, Claude. Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XIX, n. 62, p. 13-30, abril/1998.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. *A Escolaridade em Ciclos: práticas que conformam a escola dentro de uma nova lógica – a transição para a escola do século XXI*. Tese (Doutorado em Educação). Orientação do Professor Francisco Creso Franco Junior. Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.

HADDAD, Sérgio (org). *Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)*. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002.

IBGE. *Censo Demográfico 2000* - Características gerais da população, p. 178. Rio de Janeiro, 2003.

JANNUZZI, Paulo de Martino. *Indicadores Sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações*. 1. ed., p.141. Campinas : Alínea, 2001.

LACERDA, Patricia. *A vingança dos anexos*. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientação da Professora Zaia Brandão. Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n.78, p.15-36. Abril/2002.

NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais – notas em vista da construção do objeto de pesquisa. *Teoria & Educação*, n. 3, p. 89-112, 1991.

PEDROSO, Leda Aparecida. Indústria Cultural: algumas determinações políticas culturais e sociais na educação. *Caderno CEDES*, v. 21 n. 54, 2001.

P.I.S.A. *Programme for International Students Assessment* – Students Questionnaire – Organisations for Economic Co-operation and Development (OECD), 1998.

SILVA, Jailson Souza. *Por que uns e não outros? Caminhada de estudantes da Maré para a universidade*. Tese (Doutorado em Educação). Orientação da Professora Zaia Brandão. Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1999.

----- . *Sobre as práticas sociais* – - mimio -5 p.

SOARES, Leôncio José Gomes. *Diretrizes Curriculares Nacionais - Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: DP&A , 2002.

SPOSITO, Marília Pontes. (org.). *Estado do conhecimento – juventude e escolarização*. 2000.

----- . Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.5 e 6, p.37-52, 1997.

Anexos

Gráficos e tabelas citados ao longo do texto e que fazem parte do banco de dados da pesquisa.

Anexo 01 – Formulário com indicação das escolas e alunos sorteados

Nome da Escola:	Data:
-----------------	-------

CRE:	Bairro:
------	---------

PEJ I – Bloco 1 (171...)

Número de turmas:	Número de alunos:
-------------------	-------------------

Respondentes dos questionários:

Nº	Nome	Turma	Freq.

Reservas:

Nº	Nome	Turma	Freq.

PEJ I – Bloco 2 (191...)

Número de turmas:	Número de alunos:
-------------------	-------------------

Respondentes dos questionários:

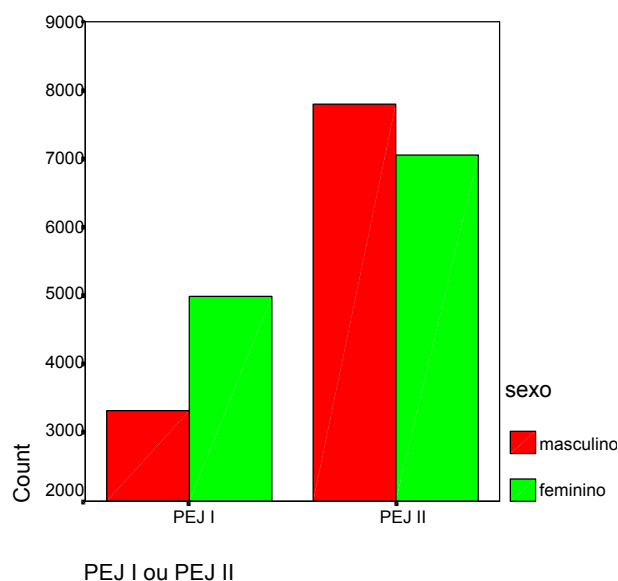
Nº	Nome	Turma	Freq.

Reservas:

Nº	Nome	Turma	Freq.

Anexo 2 – Gráfico de distribuição dos alunos matriculados no PEJ por gênero

Gráfico x – Alunos matriculados em cada PEJ por gênero



Anexo 3 – Tabela: cor declarada

cor declarada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	branco	8171	35,3	35,4	35,4
	pardo/mulato	9642	41,6	41,8	77,2
	negro	3603	15,5	15,6	92,8
	amarelo	891	3,8	3,9	96,7
	indígena	765	3,3	3,3	100,0
	Total	23072	99,6	100,0	
Missing	System	104	,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 4- Tabela: Relação entre naturalidade dos alunos e grupo etário

grupo etário * natural do RJ Crosstabulation

		natural do RJ		Total	
		sim	não		
grupo etário	até 21	Count	5809	1798	7607
		% within natural do RJ	44,9%	19,0%	33,9%
	de 22 a 31	Count	3826	3662	7488
		% within natural do RJ	29,6%	38,6%	33,4%
	mais de 31	Count	3291	4025	7316
		% within natural do RJ	25,5%	42,4%	32,6%
Total		Count	12926	9485	22411
		% within natural do RJ	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 5 – Tabela : Relação entre naturalidade dos alunos e gênero

sexo * natural do RJ Crosstabulation

			natural do RJ		Total
			sim	não	
sexo	masculino	Count	7755	3372	11127
		% within natural do RJ	57,4%	34,9%	48,0%
	feminino	Count	5750	6299	12049
		% within natural do RJ	42,6%	65,1%	52,0%
Total		Count	13505	9671	23176
		% within natural do RJ	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 6 – Tabela: Relação entre naturalidade dos pais e grupo etário dos alunos

grupo etário * pai natural do RJ Crosstabulation

			pai natural do RJ			Total
			sim	não	não sabe	
grupo etário	até 21	Count	2481	3596	1530	7607
		% within pai natural do RJ	39,2%	26,8%	56,9%	33,9%
	de 22 a 31	Count	2006	4531	951	7488
		% within pai natural do RJ	31,7%	33,8%	35,4%	33,4%
	mais de 31	Count	1842	5266	208	7316
		% within pai natural do RJ	29,1%	39,3%	7,7%	32,6%
Total		Count	6329	13393	2689	22411
		% within pai natural do RJ	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 7 – Tabela: religião declarada

religião

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	católica	10221	44,1	44,1	44,1
	espírita	765	3,3	3,3	47,4
	evangélica	9315	40,2	40,2	87,6
	outra	661	2,9	2,9	90,4
	sem religião	2214	9,6	9,6	100,0
Total		23176	100,0	100,0	

Anexo 8 -Tabela: Estado civil dos alunos por PEJ de matrícula

PEJ I ou PEJ II * estado civil Crosstabulation

		estado civil					Total
		solteiro	casado	vive com uma pessoa	separado/d esquitado/d ivorciado	viúvo	
PEJ I ou PEJ II	Count	4054	2079	1559	104	520	8316
	% within estado c	30,0%	38,3%	48,3%	21,9%	100,0%	35,9%
PEJ II	Count	9473	3343	1672	371		14859
	% within estado c	70,0%	61,7%	51,7%	78,1%		64,1%
Total	Count	13527	5422	3231	475	520	23175
	% within estado c	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 9- Tabela: Estado civil dos alunos por faixa etária

estado civil * grupo etário Crosstabulation

			grupo etário			Total
			até 21	de 22 a 31	mais de 31	
estado civil	solteiro	Count	7421	3662	1968	13051
		% within grupo etário	97,6%	48,9%	26,9%	58,2%
	casado	Count		1798	3521	5319
		% within grupo etário		24,0%	48,1%	23,7%
	vive com uma pessoa	Count	186	1738	1121	3045
		% within grupo etário	2,4%	23,2%	15,3%	13,6%
	separado/desquitado/ divorciado	Count		186	290	476
		% within grupo etário		2,5%	4,0%	2,1%
	viúvo	Count		104	416	520
		% within grupo etário		1,4%	5,7%	2,3%
Total	Count	7607	7488	7316	22411	
	% within grupo etário	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Anexo 10 – Tabela: Relação entre o grupo etário dos alunos e nº de filhos

tem filhos? * grupo etário Crosstabulation

			grupo etário			Total
			até 21	de 22 a 31	mais de 31	
tem filhos?	não	Count	6946	3142	706	10794
		% within grupo etário	91,3%	42,0%	9,7%	48,2%
	sim , 1	Count	557	2399	891	3847
		% within grupo etário	7,3%	32,0%	12,2%	17,2%
	sim, 2	Count	104	1099	2028	3231
		% within grupo etário	1,4%	14,7%	27,7%	14,4%
	sim, 3 ou mais	Count		847	3691	4538
		% within grupo etário		11,3%	50,5%	20,2%
	Total	Count	7607	7487	7316	22410
		% within grupo etário	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 11 - Tabela: Idade de ingresso no mercado de trabalho

idade que começou a trabalhar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	até 14 anos	11201	48,3	49,3	49,3
	de 15 a 18 anos	5854	25,3	25,8	75,1
	mais de 18 anos	2050	8,8	9,0	84,2
	nunca trabalhou	3596	15,5	15,8	100,0
	Total	22701	97,9	100,0	
Missing	não respondeu	104	,4		
	System	371	1,6		
	Total	475	2,1		
Total		23176	100,0		

Anexo 12 - Relação entre grupo etário do aluno e se ele já trabalhou

já trabalhou antes? * grupo etário Crosstabulation

			grupo etário			Total
			até 21	de 22 a 31	mais de 31	
já trabalhou antes?	sim	Count	1924	1760	2406	6090
		% within grupo etário	42,9%	82,6%	78,4%	62,9%
	não	Count	2563	371	661	3595
		% within grupo etário	57,1%	17,4%	21,6%	37,1%
Total		Count	4487	2131	3067	9685
		% within grupo etário	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 13 - Tabela: Relação entre gênero do aluno e se ele já trabalhou

já trabalhou antes? * sexo Crosstabulation

			sexo		Total
			masculino	feminino	
já trabalhou antes?	sim	Count	2132	4330	6462
		% within sexo	61,3%	65,8%	64,2%
	não	Count	1345	2251	3596
		% within sexo	38,7%	34,2%	35,8%
Total		Count	3477	6581	10058
		% within sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 14 – Tempo de desemprego

há quanto tempo se encontra desempregado

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	até 6 meses	1285	5,5	27,9	27,9
	de 7 meses a 1 ano	706	3,0	15,3	43,3
	de 1 a 2 anos	869	3,8	18,9	62,2
	mais de 2 anos	1738	7,5	37,8	100,0
	Total	4598	19,8	100,0	
Missing	não se aplica	18392	79,4		
	System	186	,8		
	Total	18578	80,2		
Total		23176	100,0		

Anexo 15 – Tabela: Se o aluno está procurando trabalho

está procurando trabalho?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	3996	17,2	86,9	86,9
	não	602	2,6	13,1	100,0
	Total	4598	19,8	100,0	
Missing	não se aplica	18392	79,4		
	System	186	,8		
	Total	18578	80,2		
Total		23176	100,0		

Anexo 16 – Tabela: Meios que o aluno usa para procurar emprego

meios que usa para procurar trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	anúncio de jornal	765	3,3	17,0	17,0
	indicação de pessoas	3149	13,6	70,1	87,1
	outro	579	2,5	12,9	100,0
	Total	4494	19,4	100,0	
Missing	não se aplica	18496	79,8		
	System	186	,8		
	Total	18682	80,6		
Total		23176	100,0		

Anexo 17 – Tabela: Motivos pelos quais não está conseguindo trabalho

por que não está conseguindo trabalho?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	pouca escolaridade	1820	7,9	40,5	40,5
	falta de experiência	290	1,3	6,4	46,9
	falta de sorte	743	3,2	16,5	63,5
	falta de emprego na cidade	1144	4,9	25,4	88,9
	outro motivo	498	2,1	11,1	100,0
	Total	4494	19,4	100,0	
Missing	não se aplica	18496	79,8		
	System	186	,8		
	Total	18682	80,6		
Total		23176	100,0		

Anexo 18 – Tabela: Se é autônomo

é autônomo ou trabalha por conta própria

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	4279	18,5	33,8	33,8
	não	8386	36,2	66,2	100,0
	Total	12665	54,6	100,0	
Missing	98	10139	43,7		
	System	371	1,6		
	Total	10511	45,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 19 – Tabela: Se é contratado por tempo determinado

foi contratado por tempo determinado

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	2147	9,3	17,0	17,0
	não	10518	45,4	83,0	100,0
	Total	12665	54,6	100,0	
Missing	98	10139	43,7		
	System	371	1,6		
	Total	10511	45,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 20 – Tabela: Se é funcionário público

funcionário público

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	371	1,6	2,9	2,9
	não	12294	53,0	97,1	100,0
	Total	12665	54,6	100,0	
Missing	98	10139	43,7		
	System	371	1,6		
	Total	10511	45,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 21 – Tabela: Relação entre gênero e posse de carteira de trabalho assinada

tem carteira assinada? * sexo Crosstabulation

			sexo		Total
			masculino	feminino	
tem carteira assinada?	sim	Count	3187	1946	5133
		% within sexo	42,1%	38,2%	40,5%
	não	Count	4383	3149	7532
		% within sexo	57,9%	61,8%	59,5%
Total		Count	7570	5095	12665
		% within sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 22 –Tabela: Relação entre cor e salário bruto recebido

Salário bruto	Cor declarada					Total
	branco	pardo/mulato	negro	amarelo	indígena	
até 240,00	48,5%	26,6%	58,8%		21,8%	38,5%
de 241,00 a 480,00	35,5%	59,8%	35,0%	26,4%	39,1%	45,1%
de 481,00 a 960,00	13,9%	13,5%		73,6%	39,1%	14,8%
de 961,00 a 1440,00	2,1%		6,3%			1,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 23 – Tabela: Relação entre grupo etário e salário bruto recebido

salário bruto * grupo etário Crosstabulation

			grupo etário			Total
			até 21	de 22 a 31	mais de 31	
salário bruto	até 240,00	Count	1716	1694	1389	4799
		% within grupo etár	64,3%	34,1%	30,5%	39,4%
	de 241,00 a 480,00	Count	847	1738	2756	5341
		% within grupo etár	31,8%	35,0%	60,4%	43,8%
	de 481,00 a 960,00	Count	104	1426	312	1842
		% within grupo etár	3,9%	28,7%	6,8%	15,1%
	de 961,00 a 1440,0	Count		104	104	208
		% within grupo etár		2,1%	2,3%	1,7%
Total		Count	2667	4962	4561	12190
		% within grupo etár	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 24 – Tabela: Relação entre a posse de carteira assinada e salário recebido

salário bruto * tem carteira assinada? Crosstabulation

			tem carteira assinada?		Total
			sim	não	
salário bruto	até 240,00	Count	869	3826	4695
		% within tem carteira assinada?	17,6%	51,5%	37,9%
	de 241,00 a 480,00	Count	2711	2815	5526
		% within tem carteira assinada?	54,8%	37,9%	44,7%
	de 481,00 a 960,00	Count	1159	787	1946
		% within tem carteira assinada?	23,4%	10,6%	15,7%
	de 961,00 a 1440,00	Count	208		208
		% within tem carteira assinada?	4,2%		1,7%
Total		Count	4947	7428	12375
		% within tem carteira assinada?	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 25 - Tabela: Comprometimento do salário

comprometimento da maior parte do salário

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	aluguel	2273	9,8	18,1	18,1
	alimentação	7139	30,8	56,7	74,8
	vestimentas	683	2,9	5,4	80,2
	lazer	371	1,6	3,0	83,2
	outros	2117	9,1	16,8	100,0
	Total	12583	54,3	100,0	
Missing	não se aplica	10036	43,3		
	System	557	2,4		
	Total	10593	45,7		
Total		23176	100,0		

Anexo 26 – Tabelas: Formas de lazer

assiste televisão?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	todos os dias da semana	10778	46,5	46,5	46,5
	alguns dias da semana	6121	26,4	26,4	72,9
	raramente	5222	22,5	22,5	95,4
	não	1055	4,6	4,6	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

ouve música?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	todos os dias da semana	13178	56,9	56,9	56,9
	alguns dias da semana	5712	24,6	24,6	81,5
	raramente	2526	10,9	10,9	92,4
	não	1760	7,6	7,6	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

foi ao shopping?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 vez	2897	12,5	12,5	12,5
	2 ou 3 vezes	4903	21,2	21,2	33,7
	mais de 3 vezes	12056	52,0	52,0	85,7
	não foi	3320	14,3	14,3	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

foi à praia?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 vez	3061	13,2	13,2	13,2
	2 ou 3 vezes	4219	18,2	18,2	31,4
	mais de 3 vezes	9078	39,2	39,2	70,6
	não foi	6818	29,4	29,4	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

vai a bailes?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	mais de 3 vezes por semana	579	2,5	2,5	2,5
	todo final de semana	2645	11,4	11,4	13,9
	apenas 1 ou algumas vezes no mês	5438	23,5	23,5	37,4
	não	14514	62,6	62,6	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

foi ao cinema?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 vez	3083	13,3	13,4	13,4
	2 ou 3 vezes	3328	14,4	14,5	27,9
	mais de 3 vezes	4257	18,4	18,5	46,4
	não foi	12323	53,2	53,6	100,0
	Total	22990	99,2	100,0	
Missing	System	186	,8		
Total		23176	100,0		

foi a um show de música?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 vez	3061	13,2	13,2	13,2
	2 ou 3 vezes	3930	17,0	17,0	30,2
	mais de 3 vezes	4153	17,9	17,9	48,1
	não foi	12033	51,9	51,9	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

foi ao museu ou galeria de arte?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 vez	5601	24,2	24,5	24,5
	2 ou 3 vezes	1508	6,5	6,6	31,1
	mais de 3 vezes	1694	7,3	7,4	38,5
	não foi	14083	60,8	61,5	100,0
	Total	22886	98,7	100,0	
Missing	System	290	1,3		
Total		23176	100,0		

foi ao teatro?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 vez	3536	15,3	15,3	15,3
	2 ou 3 vezes	3202	13,8	13,8	29,1
	mais de 3 vezes	1159	5,0	5,0	34,1
	não foi	15279	65,9	65,9	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

foi à ópera, balé ou concerto de música clássica?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 vez	2006	8,7	8,7	8,7
	2 ou 3 vezes	394	1,7	1,7	10,4
	não foi	20777	89,6	89,6	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

Anexo 27 – Tabelas: cursos realizados fora da escola**faz curso de esportes?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	3655	15,8	15,8	15,8
	não	19521	84,2	84,2	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

faz curso de línguas?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	1486	6,4	6,4	6,4
	não	21690	93,6	93,6	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

faz curso de computação?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	3841	16,6	16,6	16,6
	não	19335	83,4	83,4	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

faz curso de música?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	2333	10,1	10,1	10,1
	não	20657	89,1	89,9	100,0
	Total	22990	99,2	100,0	
Missing	System	186	,8		
Total		23176	100,0		

faz curso de formação religiosa?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	2229	9,6	9,7	9,7
	não	20761	89,6	90,3	100,0
	Total	22990	99,2	100,0	
Missing	System	186	,8		
Total		23176	100,0		

faz outro curso?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	3945	17,0	17,0	17,0
	não	19231	83,0	83,0	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

Anexo 28 – Tabelas: Participação em diferentes grupos sociais

participa do grêmio da escola?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	1530	6,6	6,6	6,6
	não	21646	93,4	93,4	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

participa da associação de moradores?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	5088	22,0	22,1	22,1
	não	17902	77,2	77,9	100,0
	Total	22990	99,2	100,0	
Missing	System	186	,8		
Total		23176	100,0		

participa de algum sindicato?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	602	2,6	2,6	2,6
	não	22470	97,0	97,4	100,0
	Total	23072	99,6	100,0	
Missing	System	104	,4		
Total		23176	100,0		

participa de atividades ligadas a religião?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	8550	36,9	36,9	36,9
	não	14626	63,1	63,1	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

participa de algum partido político?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	1716	7,4	7,4	7,4
	não	21460	92,6	92,6	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

participa de grupos culturais?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	5022	21,7	21,7	21,7
	não	18154	78,3	78,3	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

Anexo 29 – Tabelas: Tipos de leitura realizadas**leu revistas em quadrinhos?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	15504	66,9	66,9	66,9
	não	7672	33,1	33,1	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

leu livros de ficção ou romance?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	8001	34,5	34,5	34,5
	não	15175	65,5	65,5	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

leu livros da escola?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	19945	86,1	86,1	86,1
	não	3231	13,9	13,9	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

leu livros religiosos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	17234	74,4	74,4	74,4
	não	5942	25,6	25,6	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

leu jornais?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	18244	78,7	78,7	78,7
	não	4932	21,3	21,3	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

leu revistas de informação?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	10942	47,2	47,2	47,2
	não	12234	52,8	52,8	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

Anexo 30 – Tabela: Existência de um lugar calmo em casa para estudar

na casa tem um lugar para estudar?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	19722	85,1	85,1	85,1
	não	3454	14,9	14,9	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

Anexo 31 – Tabelas: Material de leitura disponível em casa

tem jornal sempre?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	12227	52,8	52,8	52,8
	não	10949	47,2	47,2	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

tem enciclopédia?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	6924	29,9	30,1	30,1
	não	16067	69,3	69,9	100,0
	Total	22990	99,2	100,0	
Missing	System	186	,8		
Total		23176	100,0		

tem atlas?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	8461	36,5	36,5	36,5
	não	14715	63,5	63,5	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

tem dicionário?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	18868	81,4	82,1	82,1
	não	4100	17,7	17,9	100,0
	Total	22968	99,1	100,0	
Missing	System	208	,9		
Total		23176	100,0		

Anexo 32 – Tabela: Posse de calculadora

tem calculadora?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	16692	72,0	72,0	72,0
	não	6484	28,0	28,0	100,0
Total		23176	100,0	100,0	

Anexo 33 – Tabela: Posse de computador

tem computador?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	4858	21,0	21,0	21,0
	não	18318	79,0	79,0	100,0
Total		23176	100,0	100,0	

Anexo 34 –Tabela: Percentual de alunos que estudaram antes de ingressar no PEJ por Gênero

se estudou antes de ingressar no PEJ * sexo Crosstabulation

			sexo		Total
			masculino	feminino	
se estudou antes de ingressar no PEJ	não	Count	475	1351	1826
		% within sexo	4,3%	11,2%	7,9%
	sim	Count	10652	10697	21349
		% within sexo	95,7%	88,8%	92,1%
Total		Count	11127	12048	23175
		% within sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 35 –Tabela: Relação entre o percentual de alunos que já estudaram antes de ingressar no PEJ e o grau de escolaridade do pai

se estudou antes de ingressar no PEJ * escolaridade do pai Crosstabulation

			escolaridade do pai					Total
			nunca estudou	a. a 4a. série	a. a 8a. série	ensino médio	não sabe	
se estudou antes de ingressar no PEJ	não	Count	1040	579			208	1827
		% within escolaridade do	24,5%	9,1%			2,4%	7,9%
	sim	Count	3209	5787	3038	1033	8282	21349
		% within escolaridade do	75,5%	90,9%	100,0%	100,0%	97,6%	92,1%
Total		Count	4249	6366	3038	1033	8490	23176
		% within escolaridade do	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 36 – Tabela: Relação entre o percentual de alunos que já estudaram antes de ingressar no PEJ e o grau de escolaridade da mãe

se estudou antes de ingressar no PEJ * escolaridade da mãe Crosstabulation

		escolaridade da mãe					Total
		nunca estudou	a. a 4a. série	a. a 8a. série	ensino médio	não sabe	
se estudou antes de ingressar no PEJ	não	Count 1144	475			208	1827
		% within escolaridade da mãe 17,9%	6,0%			5,4%	7,9%
	sim	Count 5237	7399	3930	1137	3647	21350
		% within escolaridade da mãe 82,1%	94,0%	100,0%	100,0%	94,6%	92,1%
Total		Count 6381	7874	3930	1137	3855	23177
		% within escolaridade da mãe 100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 37 – Tabela: Relação entre os motivos que impediram o ingresso na escola e a naturalidade do aluno

por que nunca estudou antes * natural do RJ Crosstabulation

			natural do RJ		Total
			sim	não	
por que nunca estudou antes	precisou trabalhar cedo	Count	557	394	951
		% within natural do RJ	84,3%	27,5%	45,4%
	a família não procurou escola	Count	104	104	208
		% within natural do RJ	15,7%	7,3%	9,9%
	não conseguiu vaga ou não tinha escola onde	Count		416	416
		% within natural do RJ		29,0%	19,9%
	estudava com alguma pessoa	Count		312	312
		% within natural do RJ		21,8%	14,9%
	outro motivo	Count		208	208
		% within natural do RJ		14,5%	9,9%
Total		Count	661	1434	2095
		% within natural do RJ	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 38 – Tabela: Percentual de alunos que estudaram antes de ingressar no PEJ por grupo etário

se estudou antes de ingressar no PEJ * grupo etário Crosstabulation

			grupo etário			Total
			até 21	de 22 a 31	mais de 31	
se estudou antes de ingressar no PEJ	não	Count	186	394	1248	1828
		% within grupo etário	2,4%	5,3%	17,1%	8,2%
	sim	Count	7421	7094	6068	20583
		% within grupo etário	97,6%	94,7%	82,9%	91,8%
Total		Count	7607	7488	7316	22411
		% within grupo etário	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 39 – Tabela: Relação entre os motivos que impediram o ingresso na escola e o grupo etário do aluno

por que nunca estudou antes * grupo etário Crosstabulation

		grupo etário			Total
		até 21	de 22 a 31	mais de 31	
por que nunca estudou antes	precisou trabalhar cedo	Count 371	371	208	950
		% within grupo etário 100,0%	64,1%	18,2%	45,4%
	a família não procurou escola	Count 104	104	104	208
		% within grupo etário 18,0%	18,0%	9,1%	9,9%
	não conseguiu vaga ou não tinha escola onde estudava com alguma pessoa	Count 416		416	416
		% within grupo etário 36,4%		36,4%	19,9%
Total	Count	371	579	1144	2094
	% within grupo etário	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 40 – Tabela: Tipo de escola freqüentada no ensino regular

tipo de escola freqüentada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	escola pública	16840	72,7	78,5	78,5
	escola particular	475	2,1	2,2	80,7
	escola pública e particular	3514	15,2	16,4	97,1
	outro tipo de escola	624	2,7	2,9	100,0
	Total	21453	92,6	100,0	
Missing	não se aplica	1723	7,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 41 – Tabela: Idade de ingresso na escola regular

idade de ingresso na escola

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	menos de 7 anos	8082	34,9	37,7	37,7
	7 ou 8 anos	6232	26,9	29,0	66,7
	de 9 a 14 anos	3996	17,2	18,6	85,4
	mais de 14 anos	1241	5,4	5,8	91,1
	não lembra	1902	8,2	8,9	100,0
	Total	21453	92,6	100,0	
Missing	não se aplica	1723	7,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 42 – Tabela: Relação entre a idade de ingresso na escola e a naturalidade do aluno

idade de ingresso na escola * natural do RJ Crosstabulation

			natural do RJ		Total
			sim	não	
idade de ingresso na escola	menos de 7 anos	Count	5416	2667	8083
		% within natural do RJ	41,0%	32,4%	37,7%
	7 ou 8 anos	Count	4472	1760	6232
		% within natural do RJ	33,8%	21,4%	29,0%
	de 9 a 14 anos	Count	1345	2652	3997
		% within natural do RJ	10,2%	32,2%	18,6%
	mais de 14 anos	Count	661	579	1240
		% within natural do RJ	5,0%	7,0%	5,8%
	não lembra	Count	1322	579	1901
		% within natural do RJ	10,0%	7,0%	8,9%
Total		Count	13216	8237	21453
		% within natural do RJ	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 43 – Tabela: Relação entre a idade de ingresso do aluno na escola e a escolaridade da mãe

idade de ingresso na escola * escolaridade da mãe Crosstabulation

			escolaridade da mãe					Total
			nunca estudou	a. a 4a. série	a. a 8a. série	insino médio	não sabe	
idade de ingresso na escola	menos de 7 anos	Count	1055	3492	2088	290	1159	8084
		% within escolaridade da mãe	19,7%	47,2%	53,1%	25,5%	31,8%	37,7%
	7 ou 8 anos	Count	2132	1530	1181	475	913	6231
		% within escolaridade da mãe	39,9%	20,7%	30,0%	41,8%	25,0%	29,0%
	de 9 a 14 anos	Count	1367	1345	290	186	810	3998
		% within escolaridade da mãe	25,6%	18,2%	7,4%	16,4%	22,2%	18,6%
	mais de 14 anos	Count	394	557	186		104	1241
		% within escolaridade da mãe	7,4%	7,5%	4,7%		2,9%	5,8%
	não lembra	Count	394	475	186	186	661	1902
		% within escolaridade da mãe	7,4%	6,4%	4,7%	16,4%	18,1%	8,9%
Total		Count	5342	7399	3931	1137	3647	21456
		% within escolaridade da mãe	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 44 – Tabela: Primeira série cursada

primeira série cursada na trajetória escolar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	jardim de infância	8498	36,7	39,6	39,6
	alfabetização ou 1ª s	10392	44,8	48,4	88,1
	outra série	1776	7,7	8,3	96,3
	não lembra	787	3,4	3,7	100,0
	Total	21453	92,6	100,0	
Missing	não se aplica	1723	7,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 45 – Tabela: Relação entre a primeira série cursada e a naturalidade do aluno

primeira série cursada na trajetória escolar * natural do RJ Crosstabulation

			natural do RJ		Total
			sim	não	
primeira série cursada na trajetória escolar	jardim de infância	Count	6307	2191	8498
		% within natural do RJ	47,7%	26,6%	39,6%
	alfabetização ou 1ª s	Count	5690	4702	10392
		% within natural do RJ	43,1%	57,1%	48,4%
	outra série	Count	743	1033	1776
		% within natural do RJ	5,6%	12,5%	8,3%
	não lembra	Count	475	312	787
		% within natural do RJ	3,6%	3,8%	3,7%
Total	Count	13215	8238	21453	
	% within natural do RJ	100,0%	100,0%	100,0%	

Anexo 46 – Tabela: Interrupções na trajetória escolar

se antes do PEJ parou de estudar alguma vez

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim, 1 vez	10511	45,4	49,0	49,0
	sim, mais de 1 vez	7220	31,2	33,7	82,7
	não	3536	15,3	16,5	99,1
	não lembra	186	,8	,9	100,0
	Total	21453	92,6	100,0	
Missing	não se aplica	1723	7,4		
Total		23176	100,0		

Anexo 47 – Tabela: Motivos que geraram as interrupções na trajetória escolar

por que parou de estudar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	precisou trabalhar	7837	33,8	44,0	44,0
	não tinha interesse ou não gostava da escola	2110	9,1	11,8	55,8
	tinha dificuldade de aprender	765	3,3	4,3	60,1
	precisou mudar e não conseguiu vaga	1137	4,9	6,4	66,5
	outro motivo	5965	25,7	33,5	100,0
	Total	17813	76,9	100,0	
Missing	não se aplica	4308	18,6		
	System	1055	4,6		
	Total	5363	23,1		
Total		23176	100,0		

Anexo 48 – Tabela: Série final cursada antes do ingresso no PEJ por gênero

até que série cursou antes de entrar no PEJ * sexo Crosstabulation

			sexo		Total
			masculino	feminino	
até que série cursou antes de entrar no PEJ	1ª	Count	624	1953	2577
		% within sexo	5,9%	18,1%	12,0%
	2ª	Count	995	913	1908
		% within sexo	9,3%	8,5%	8,9%
	3ª	Count	1887	1575	3462
		% within sexo	17,7%	14,6%	16,1%
	4ª	Count	1449	1426	2875
		% within sexo	13,6%	13,2%	13,4%
	5ª	Count	2786	1114	3900
		% within sexo	26,2%	10,3%	18,2%
	6ª	Count	1404	2043	3447
		% within sexo	13,2%	18,9%	16,1%
	7ª	Count	929	1486	2415
		% within sexo	8,7%	13,8%	11,3%
	8ª	Count	371	186	557
		% within sexo	3,5%	1,7%	2,6%
	não lembra	Count	208	104	312
		% within sexo	2,0%	1,0%	1,5%
Total	Count	10653	10800	21453	
	% within sexo	100,0%	100,0%	100,0%	

Anexo 49 – Tabela: Relação entre a última série cursada e a cor declarada

até que série cursou antes de entrar no PEJ * cor declarada Crosstabulation

			cor declarada					Total
			branco	branco/mulato	negro	amarelo	indígena	
até que série cursou antes de entrar no PEJ	1ª	Count	706	1144	624	104		2578
		% within cor declarada	9,6%	12,7%	17,8%	15,2%		12,1%
	2ª	Count	498	602	602	104		1806
		% within cor declarada	6,8%	6,7%	17,2%	15,2%		8,5%
	3ª	Count	1181	1679	290	104	208	3462
		% within cor declarada	16,0%	18,6%	8,3%	15,2%	27,2%	16,2%
	4ª	Count	1055	869	765		186	2875
		% within cor declarada	14,3%	9,6%	21,9%		24,3%	13,5%
	5ª	Count	1486	1300	557	186	371	3900
		% within cor declarada	20,2%	14,4%	15,9%	27,2%	48,5%	18,3%
	6ª	Count	1857	1218	186	186		3447
		% within cor declarada	25,2%	13,5%	5,3%	27,2%		16,1%
	7ª	Count	371	1672	371			2414
		% within cor declarada	5,0%	18,5%	10,6%			11,3%
	8ª	Count		557				557
		% within cor declarada		6,2%				2,6%
	não lembra	Count	208		104			312
		% within cor declarada	2,8%		3,0%			1,5%
Total		Count	7362	9041	3499	684	765	21351
		% within cor declarada	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 50 – Tabela: Relação entre a última série cursada e a naturalidade

até que série cursou antes de entrar no PEJ * natural do RJ Crosstabulation

			natural do RJ		Total
			sim	não	
até que série cursou antes de entrar no PEJ	1ª	Count	1329	1248	2577
		% within natural do RJ	10,1%	15,2%	12,0%
	2ª	Count	891	1017	1908
		% within natural do RJ	6,7%	12,3%	8,9%
	3ª	Count	1619	1842	3461
		% within natural do RJ	12,3%	22,4%	16,1%
	4ª	Count	2295	579	2874
		% within natural do RJ	17,4%	7,0%	13,4%
	5ª	Count	2600	1300	3900
		% within natural do RJ	19,7%	15,8%	18,2%
	6ª	Count	2333	1114	3447
		% within natural do RJ	17,7%	13,5%	16,1%
	7ª	Count	1672	743	2415
		% within natural do RJ	12,7%	9,0%	11,3%
	8ª	Count	371	186	557
		% within natural do RJ	2,8%	2,3%	2,6%
	não lembra	Count	104	208	312
		% within natural do RJ	,8%	2,5%	1,5%
Total		Count	13214	8237	21451
		% within natural do RJ	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 51 – Tabela: Relação entre a última série cursada e interrupções na trajetória escolar

e série cursou antes de entrar no PEJ * se antes do PEJ parou de estudar alguma vez Crosstabu

			se antes do PEJ parou de estudar alguma vez				Total
			sim, 1 vez	sim, mais de 1 vez	não	não lembra	
até que série cursou antes de entrar no PEJ	1 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	1537 14,6%	832 11,5%	208 5,9%		2577 12,0%
	2 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	1203 11,4%	416 5,8%	104 2,9%	186 100,0%	1909 8,9%
	3 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	1411 13,4%	1634 22,6%	416 11,8%		3461 16,1%
	4 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	1033 9,8%	1367 18,9%	475 13,4%		2875 13,4%
	5 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	2043 19,4%	1300 18,0%	557 15,8%		3900 18,2%
	6 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	1590 15,1%	1114 15,4%	743 21,0%		3447 16,1%
	7 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	1300 12,4%	371 5,1%	743 21,0%		2414 11,3%
	8 ^a	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	186 1,8%	186 2,6%	186 5,3%		558 2,6%
	não lembra	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	208 2,0%		104 2,9%		312 1,5%
	Total	Count % within se antes do PEJ parou de estudar alguma vez	10511 100,0%	7220 100,0%	3536 100,0%	186 100,0%	21453 100,0%

Anexo 52 – Tabela: Frequência de alunos oriundos de programas de Aceleração ou Progressão, por PEJ de matrícula

se estudou em classes de aceleração ou progressão * PEJ I ou PEJ II Crosstabulation

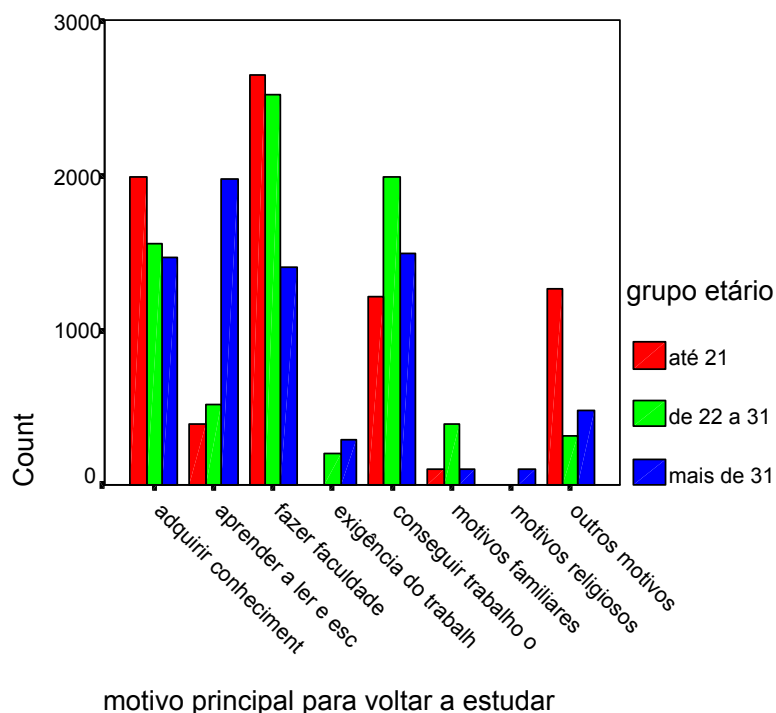
			PEJ I ou PEJ II		Total
			PEJ I	PEJ II	
se estudou em classes de aceleração ou progressão	sim	Count	728	2786	3514
		% within PEJ I ou PEJ II	10,6%	19,2%	16,5%
	não	Count	5718	10030	15748
		% within PEJ I ou PEJ II	83,3%	69,2%	73,8%
	não lembra	Count	416	1672	2088
		% within PEJ I ou PEJ II	6,1%	11,5%	9,8%
Total	Count	6862	14488	21350	
	% within PEJ I ou PEJ II	100,0%	100,0%	100,0%	

Anexo 53 – Tabela: Relação entre os motivos que estimularam o aluno a voltar a estudar e gênero

motivo principal para voltar a estudar * sexo Crosstabulation

			sexo		Total
			masculino	feminino	
motivo principal para voltar a estudar	adquirir conhecimentos	Count	2399	2897	5296
		% within sexo	21,6%	24,0%	22,9%
	aprender a ler e escrever	Count	602	2287	2889
		% within sexo	5,4%	19,0%	12,5%
	fazer faculdade	Count	3098	3655	6753
		% within sexo	27,8%	30,3%	29,1%
	exigência do trabalho	Count	394	104	498
		% within sexo	3,5%	,9%	2,1%
	conseguir trabalho ou melhorar no atual	Count	3536	1449	4985
		% within sexo	31,8%	12,0%	21,5%
	motivos familiares	Count	208	394	602
		% within sexo	1,9%	3,3%	2,6%
	motivos religiosos	Count	104		104
		% within sexo	,9%		,4%
	outros motivos	Count	787	1263	2050
		% within sexo	7,1%	10,5%	8,8%
	Total	Count	11128	12049	23177
		% within sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Anexo 54 – Gráfico : Relação entre motivos que estimularam o aluno para retornar à escola e grupo etário



Anexo 55 – Tabela: Relação entre interrupções na vida escolar após o ingresso no PEJ, e PEJ de matrícula

se parou de estudar depois de ingressar no PEJ * PEJ I ou PEJ II Crosstabulation

			PEJ I ou PEJ II		Total
			PEJ I	PEJ II	
se parou de estudar depois de ingressar no PEJ	sim	Count	520	1486	2006
		% within PEJ I ou PEJ II	6,3%	10,3%	8,8%
	não	Count	7797	13002	20799
		% within PEJ I ou PEJ II	93,7%	89,7%	91,2%
Total	Count	8317	14488	22805	
	% within PEJ I ou PEJ II	100,0%	100,0%	100,0%	

Anexo 56 –Tabela: Tempo de matrícula no PEJ

tempo de estudo no pej

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	menos de 1 ano	15168	65,4	65,4	65,4
	1 a 2 anos	5133	22,1	22,1	87,6
	mais de 2 anos	2110	9,1	9,1	96,7
	nao lembro	765	3,3	3,3	100,0
	Total	23176	100,0	100,0	

Apêndice

O apêndice metodológico é composto por documentos relevantes na realização da pesquisa: a carta de apresentação do questionário entregue aos respondentes, o questionário completo e a relação de itens do instrumento que necessitam de refinamentos antes da realização do *survey* final.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Aluno do PEJ: quem é você,
por onde você andou ?

Você é um jovem ou adulto que decidiu dar prosseguimento aos seus estudos e, para isso, se matriculou no PEJ. Assim como você, muitas outras pessoas tomaram essa mesma decisão. Hoje, o PEJ já conta com cerca de 26.000 alunos matriculados.

Com o objetivo de conhecer melhor nossos alunos e assim podermos atender seus desejos e necessidades, estamos aplicando este questionário. Por intermédio dele pretendemos saber *QUEM SÃO OS NOSSOS ALUNOS* e como foram as suas *VIDAS ESCOLARES* antes de ingressarem no PEJ.

Você foi escolhido entre todos os alunos matriculados no PEJ, por sorteio, para nos ajudar nessa tarefa. Precisamos que você preencha com atenção o questionário, respondendo a todas as perguntas. Para cada uma delas, você só poderá marcar uma resposta. Responda a cada pergunta, assinalando com um *X* a letra correspondente à sua opção.

Aqui não existe resposta certa ou errada, o importante é que você responda com sinceridade. Não precisa colocar seu nome no questionário e, havendo qualquer dúvida na hora do preenchimento, pergunte ao professor que está na sua sala dirigindo o trabalho.

Agradecemos sua participação nesta pesquisa. Sua contribuição será muito importante.

Início: _____ horas e _____ minutos

1ª parte do questionário:

Tente lembrar um pouco da sua vida escolar e responda às seguintes Perguntas:

<p>01- Há quanto tempo você está estudando no PEJ? (A) menos de 1 ano (B) de 1 a 2 anos (C) mais de 2 anos (D) não lembro ou não sei</p>	<p>06- Por que você nunca estudou antes de ingressar no PEJ? (A) precisei trabalhar cedo (B) não tinha interesse pelos estudos (C) a minha família não procurou uma escola para eu estudar (D) não consegui vaga na escola ou não tinha escola onde eu morava (E) estudava com explicadora ou pessoas da minha família (F) outros motivos</p>
<p>02- Qual foi a sua primeira turma no PEJ?</p>	<p><i>Atenção: Se você respondeu a pergunta n.º 6, passe direto para a pergunta n.º 15.</i></p>
<p>03- Qual o principal motivo que levou você a voltar a estudar ? (A) para adquirir novos conhecimentos (B) para aprender a ler e escrever (C) para fazer futuramente uma faculdade (D) foi uma exigência do meu trabalho (E) para conseguir um trabalho ou melhorar no meu trabalho atual (F) por motivos familiares (G) por motivos religiosos (H) outro motivo</p>	<p>07- Na sua infância, quando você entrou pela primeira vez na escola, você cursou Qual série? (A) Jardim de Infância (B) Alfabetização ou 1ª série (C) outra série (D) não me lembro</p>
<p>04- Depois que você entrou para o PEJ você parou de estudar alguma vez? (A) sim (B) não</p>	<p>08- Nessa época quantos anos você tinha? (A) menos de 7 anos (B) 7 ou 8 anos (C) de 9 a 14 anos (D) mais de 14 anos (E) não me lembro</p>
<p>05- Antes de estudar no PEJ, você já havia estudado em outra escola? (A) não (B) sim Atenção: Se você nunca estudou antes de ingressar no PEJ, responda a pergunta n.º 6. Se você já estudou em outra escola antes de ingressar no PEJ passe para a pergunta n.º 7.</p>	<p>09- Em que tipo de escola você já estudou antes de ingressar no PEJ? (A) somente em escola pública (B) somente em escola particular (C) em escola pública e em escola particular (D) em outro tipo de escola</p>
<p>10- Até que série você estudou antes de ingressar no PEJ? (A) 1ª série (B) 2ª série (C) 3ª série (D) 4ª série (E) 5ª série (F) 6ª série (G) 7ª série (H) 8ª série (I) não me lembro</p>	<p>14-Assinale o motivo principal que levou você a parar de estudar: (A) precisei trabalhar (B) não tinha interesse pelos estudos ou não gostava da escola (C) tinha dificuldade para aprender (D) precisei mudar de endereço e não consegui vaga em outra escola (E) outro motivo</p>
<p>11-Você foi reprovado alguma vez? (A) sim, apenas 1 vez (B) sim, 2 vezes (C) sim, 3 vezes ou mais (D) sim, mas não me lembro quantas vezes (E) não (F) não me lembro</p>	<p>15- Em relação ao que você esperava do PEJ, ele tem sido para você: (A) ótimo (B) muito bom (C) bom (D) regular (E) insatisfatório</p>

<p>12- Você estudou em classes de Aceleração ou Progressão? (A) sim (B) não (C) não lembro</p>	<p>16- O que você mais gosta no PEJ? (A) de encontrar meus amigos (B) do conhecimento que estou adquirindo (C) dos meus professores (D) das atividades desenvolvidas pela escola (E) outro motivo</p>
<p>13- Antes de ingressar no PEJ você parou de estudar alguma vez? (A) sim, parei de estudar uma vez (B) sim, parei de estudar mais de uma vez (C) não (D) não me lembro</p>	<p>17- Quando você concluir o Ensino Fundamental no PEJ, você pretende continuar estudando?: (A) sim (B) não (C) ainda não sei</p>
<p><i>Atenção:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Se você nunca parou de estudar antes de ingressar no PEJ, passe direto para a pergunta n.º 15. 	

2ª Parte do questionário:

Agora você vai nos contar as coisas que costuma fazer quando não está na escola.

<p>Você costuma:</p> <p>18- Assistir televisão: (A) sim, todos os dias da semana (B) sim, alguns dias da semana (C) sim, mas raramente (D) não</p>	<p>24-Shopping: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>
<p>19- Dançar: (A) sim, alguns dias da semana (B) sim, todos os finais de semana (C) sim, mas raramente, só em ocasiões especiais (D) não</p>	<p>25-Igreja: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>
<p>20- Ouvir música: (A) sim, todos os dias da semana (B) sim, alguns dias da semana (C) sim, mas raramente (D) não</p>	<p>26-Museu ou galeria de arte: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>
<p>21- Ir a bailes: (A) sim, mais de 3 vezes por semana (B) sim, todo final de semana (C) sim, apenas uma ou algumas vezes no mês (D) não</p>	<p>27- Show de música: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>
<p>Assinale quantas vezes você foi a cada um dos lugares abaixo, durante o ano de 2003:</p>	<p>28- Teatro: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>
<p>22- Praia: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>	<p>29- Assistir eventos esportivos (jogos de futebol, vôlei, ou outros): (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>
<p>23- Cinema: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>	<p>30- À ópera, balé ou concerto de música clássica: (A) fui 1 vez (B) fui 2 ou 3 vezes (C) fui mais de 3 vezes (D) não fui</p>

Você faz algum curso <u>fora</u> do horário da sua aula?	Dos seguintes itens, existe(m) em sua casa?
31- Esportes (futebol, vôlei, etc.): (A) sim (B) não	43- Um lugar calmo para estudar: (A) sim (B) não
32- Línguas (inglês, espanhol, etc.): (A) sim (B) não	44- Um jornal todos ou quase todos os dias: (A) sim (B) não
33-Computação: (A) sim (B) não	45- Revistas de informação geral (Veja, Isto É, Época, etc.): (A) sim (B) não
34-Música (violão, canto, etc.): (A) sim (B) não	46- Uma enciclopédia: (A) sim (B) não
35-Curso de formação religiosa: (A) sim (B) não	47- Um Atlas: (A) sim (B) não
36-Outro tipo de curso: (A) sim. Qual? _____ (B) não	48- Um dicionário: (A) sim (B) não
Você participa ou não das seguintes atividades?	49- Uma calculadora: (A) sim (B) não
37- Grêmios escolares de sua escola: (A) sim (B) não	50- Computador: (A) sim (B) não
38- Associação de moradores da sua comunidade: (A) sim (B) não	51- Acesso à Internet: (A) sim (B) não
39- Algum sindicato: (A) sim (B) não	Você leu alguma vez durante o ano de 2003:
40- Atividades ligadas à religião: (A) sim (B) não	52- Revistas em quadrinhos ou de humor: (A) sim (B) não
41- Algum partido político (A) sim (B) não	53- Livros de ficção ou romance: (A) sim (B) não
42- Algum grupo cultural (capoeira, dança, música, outros) (A) sim (B) não	54- Livros com as matérias da escola (A) sim (B) não
55- Livros religiosos (Bíblia, etc.): (A) sim (B) não	59- Além das horas que você fica na escola, você consegue outras horas para estudar? (A) sim (B) não
56- Jornais: (A) sim (B) não	60- Você já “navegou” , ou seja, já usou a Internet? (A) sim (B) não
57-Revistas de informação geral (VEJA, IstoÉ, etc.): (A) sim (B) não	

<p>58- Além dos livros escolares, quantos livros há em sua casa? Não conte jornais, revistas ou gibis.</p> <p>(A) O bastante para encher uma prateleira (1 a 20 livros) (B) O bastante para encher uma estante (21 a 100 livros) (C) O bastante para encher várias estantes (mais de 100 livros) (D) Nenhum</p>	
---	--

3ª parte do Questionário :

As próximas perguntas se referem a você e sua situação econômica. São perguntas ligadas ao seu trabalho e suas fontes de renda.

<p>61- Com quantos anos você começou a trabalhar?</p> <p>(A) com menos de 14 anos (B) entre 14 e 18 anos (C) com mais de 18 anos (D) nunca trabalhei</p>	<p><u>Atenção:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Se você não está trabalhando porque está desempregado, responda as próximas perguntas. • Se deu outra resposta, siga direto para a pergunta n.º 78.
<p>62- Você trabalha atualmente?</p> <p>(A) não trabalho (B) trabalho, mas ainda dependo financeiramente da minha família (C) trabalho e não dependo financeiramente da minha família (D) trabalho e sustento outras pessoas</p>	<p>65- Você se encontra desempregado há Quanto tempo?</p> <p>(A) até 6 meses (B) de 7 meses a 1 ano (C) de 1 a 2 anos (D) mais de 2 anos</p>
<p><u>Atenção:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Se você não trabalha atualmente, responda as próximas perguntas. • Se você trabalha, passe direto para a pergunta 69. 	<p>66- Está procurando trabalho?</p> <p>(A) sim (B) não</p>
<p>63- Você já trabalhou antes?</p> <p>(A) sim (B) não</p>	<p>67- Costuma procurar trabalho através de que meios?</p> <p>(A) anúncio de jornal (B) indicação de outras pessoas (C) outro</p>
<p>64- Você não trabalha atualmente porque:</p> <p>(A) não quero ou não preciso (B) estou desempregado (C) Me dedico apenas aos estudos (D) Estou aposentado (E) outro motivo</p>	<p>68- Você acha que não está conseguindo trabalho porque: Assinale a opção que considera como causa principal.</p> <p>(A) tenho pouca escolaridade (B) não tenho experiência (C) tenho falta de sorte (D) falta emprego na nossa cidade (E) outro motivo</p>
<p><u>Atenção:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Se você está aposentado, passe para a pergunta n.º 76. • Se você atualmente se encontra desempregado, passe para a pergunta n.º 78. • Se atualmente está trabalhando, responda as perguntas abaixo. 	<p>74- É funcionário público?</p> <p>(A) sim (B) não</p>
<p>69- Quantas horas você trabalha por dia?</p> <p>(A) até 6 horas (B) 7 ou 8 horas (C) 9 ou 10 horas (D) mais de 10 horas</p>	<p>75- Você recebe pagamento em dinheiro pelo seu trabalho?</p> <p>(A) sim (B) não, pois meu trabalho é realizado no desempenho de tarefas da casa (C) não, pois outra pessoa é que recebe o meu pagamento por mim (D) não, pois sou estagiário (E) não, por outro motivo</p>

70- Quantos dias você trabalha por semana? (A) 4 ou menos dias (B) 5 ou 6 dias (C) 7 dias	Atenção: <ul style="list-style-type: none"> • Se você recebe pagamento em dinheiro pelo seu trabalho responda as próximas perguntas • Se não recebe pagamento, passe direto para a pergunta n.º 78.
71- No seu trabalho atual você está com sua carteira de trabalho assinada? (A) sim (B) não	76- Quanto você recebe pelo seu trabalho (valor bruto) ? (A) até 1 salário mínimo (até R\$240,00) (B) de R\$241,00 a R\$480,00 (C) de R\$481,00 a R\$960,00 (D) de R\$961,00 a R\$1440,00 (E) de R\$1441,00 a R\$1920,00 (F) mais de R\$1920,00
72- É autônomo ou trabalha por conta própria? (A) sim (B) não	77- A maior parte do seu salário você gasta com: (A) aluguel (B) alimentação (C) vestimentas (D) lazer (E) transporte (F) outros
73- Foi contratado por tempo determinado? (A) sim (B) não	

4ª Parte do Questionário:

Nosso questionário está chegando ao final. Por intermédio das últimas perguntas, pretendemos identificar um pouco melhor quem é você.

78- Seu sexo: (A) masculino (B) feminino	Qual (ais) do(s) documento(s) abaixo você possui?
79- Como você se considera? (A) branco (a) (B) pardo (a) / mulato (a) (C) negro (a) (D) amarelo (a) (E) indígena	85- Carteira de identidade? (A) sim (B) não
80- Quantos anos você completará ou já completou em 2003:	86- CPF? (A) sim (B) não
81- Você nasceu no Rio de Janeiro? (A) sim (B) não	87- Título de eleitor? (A) sim (B) não
82- Qual a sua religião? (A) católica (B) espírita (C) evangélica (D) judaica (E) outra (F) não tenho religião	88- Carteira de trabalho? (A) sim (B) não
83- Qual o seu estado civil? (A) solteiro (a) (B) casado (a) (C) vivo com uma pessoa mas não sou casado (D) separado, desquitado ou divorciado (E) viúvo	Você tem: 89- Conta em algum Banco? (A) sim (B) não

84- Você tem filhos? (A) não (B) sim, tenho 1 filho (C) sim, tenho 2 filhos (D) sim tenho 3 ou mais filhos	90- Cartão eletrônico do Banco? (A) sim (B) não
91- Talão de cheques? (A) sim (B) não	100- Esposo (a) ou companheiro (a): (A) sim (B) não
92- Cartão de crédito? (A) sim (B) não	101- Filho(s), filha(s) ou enteado(s) e enteada(s): (A) sim (B) não
93- Seu pai nasceu no Rio de Janeiro? (A) sim (B) não (C) não sei	102- Outros parentes: (A) sim (B) não
94- Sua mãe nasceu no Rio de Janeiro? (A) sim (B) não (C) não sei	103- Amigos: (A) sim (B) não
95- Até que série seu pai estudou? (A) nunca estudou (B) Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série (antigo Primário) (C) Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série (antigo Ginásio) (D) Ensino Médio (antigo 2º grau, Científico, Curso Técnico, Curso Normal) (E) Faculdade (Ensino Superior) (F) não sei	104- Moro sozinho: (A) sim (B) não
96- Até que série sua mãe estudou? (A) nunca estudou (B) Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série (antigo Primário) (C) Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série (antigo Ginásio) (D) Ensino Médio (antigo 2º grau, Científico, Curso Técnico, Curso Normal) (E) Faculdade (Ensino Superior) (F) não sei	105- Somando a renda de todos que trabalham na sua casa, você encontra o total de: (A) até 1 salário mínimo (até R\$240,00) (B) de R\$241,00 a R\$480,00 (C) de R\$481,00 a R\$960,00 (D) de R\$961,00 a R\$1440,00 (E) de R\$1441,00 a R\$1920,00 (F) mais de R\$1920,00 (G) não sei
Quem mora na sua casa com você? <i>Marque SIM ou NÃO em cada linha.</i>	
97- Mãe, madrasta, mãe de criação: (A) sim (B) não	Obrigada pela sua participação. Não se preocupe com as informações contidas neste questionário, elas são confidenciais e não serão identificadas.
98- Pai, padrasto, pai de criação: (A) sim (B) não	
99- Irmão (s) ou irmã (s), incluindo meio-irmão (s) ou irmão(s)/irmã(s) de criação: (A) sim (B) não	
Término: _____ horas e _____ minutos	

Algumas considerações sobre itens do instrumento:

A 1ª parte do questionário é composta por perguntas que visam a recuperar a trajetória escolar dos alunos e atingiu satisfatoriamente seus objetivos. As variáveis que compõem a 2ª parte foram as menos exploradas por mim, devido à necessidade de encerrar o trabalho. Elas estão compondo o relatório apenas como acervo descritivo. As partes finais também sofreram algumas análises univariadas e bivariadas que auxiliarão as opções para a execução do *survey* e me possibilitaram descobertas que poderão ser replicadas.

Todas as variáveis do questionário que remetiam aos hábitos de leitura, ficaram comprometidas, pois desconsideraram o fato de que alguns respondentes não sabem ler e escrever.

- Item 2 – a variável não pode ser utilizada nas análises, pois os alunos desconhecem o número de suas turmas. Apesar de haver uma numeração oficial de turmas no PEJ, foi verificado que cada escola utiliza uma nomenclatura particular. Foram apresentadas respostas bastante diversas: o nome do professor, a série equivalente ao bloco de aprendizagem no ensino regular, o número da sala, entre outras alternativas. Não houve como criar categorias de respostas. A variável previa uma análise da trajetória do aluno a partir do seu ingresso no PEJ quando analisada junto com os itens 1 – *há quanto tempo está estudando no PEJ*, e a variável de identificação do aluno – *PEJ e bloco de matrícula*.
- Item 6 – a redação da opção de resposta C precisa ser reformulada pois as opções C e D não são excludentes, há uma sobreposição dessas opções
- Item 11 – as análises realizadas apontam a necessidade de inclusão de uma opção de resposta que retrate a evasão do aluno mascarando os dados de reprovação.
- Itens 14, 64, 67, 68, 77 – apresentaram as maiores frequências de respostas *outros*. As categorias de respostas oferecidas não foram suficientes.
- Itens 19, 21 – as opções de respostas oferecidas não possibilitam identificar com que frequência o respondente realiza a atividade.
- Item 21 - não houve clareza na pergunta de acordo com o que a mesma intencionava medir .

- Itens 22 a 30 – mediram apenas a frequência da realização da atividade ao longo de 2003. Seria interessante saber se o aluno já havia realizado a atividade alguma vez ao longo de sua vida e também criar uma variável que medisse a influência da escola na participação dos alunos nessas atividades.
- Itens 37, 38, 39 – faltou clareza na formulação das perguntas.
- Item 43 – não foi utilizado nas análises realizadas.
- Item 44 – faltou clareza nas categorias de respostas.
- Itens 44 e 45 – outras variáveis abordam os mesmos temas. A fala dos alunos do PEJ I sinalizou a necessidade de definição melhor da pergunta, em relação ao que se pretende medir.
- Itens 46 e 47 – foi identificado o desconhecimento do conteúdo das perguntas pelos respondentes.
- Item 59 – a formulação da variável não permitiu a análise esperada.
- Itens 60 e 51 – perguntas repetitivas, apenas o item 60 daria conta do que se pretendia medir nesse momento.
- Item 61- foram verificados erros nas opções de respostas.
- Item 64 – apresenta opções de respostas que não são excludentes.
- Itens 69,70 – não foi apresentada alternativa de resposta para respondentes que não tem carga horária de trabalho fixa.
- Item 105 – desconsiderou a existência de outras fontes de renda.